UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Elisangela Silva da Costa

A AÇÃO PEDAGÓGICO-FORMATIVA DA COMPANHIA DE JESUS EM BELÉM (1652-1759)

BELÉM
2016

Elisangela Silva da Costa

A AÇÃO PEDAGÓGICO-FORMATIVA DA COMPANHIA DE JESUS NA CIDADE DE BELÉM DO GRÃO-PARÁ (1652-1759)

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, visando à obtenção do Título de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Jorge Paixão.

Linha de pesquisa: **Educação: Currículo, Epistemologia e História.**

Belém

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Costa, Elisangela Silva da, 1976-
A Ação pedagógico-formativa da Companhia de Jesus na cidade de Belém do Grão-Pará (1652-1759) / Elisangela Silva da Costa. - 2016.

Orientador: Carlos Jorge Paixão.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2016.

1. Educação - Belém (PA) - História. 2. Jesuítas - Belém (PA). 3. Belém (PA) - Influência colonial. 4. Prática de ensino - Belém (PA). 5. Currículos - Belém (PA). I. Título.

CDD 22. ed. 370.98115

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Elisangela Silva da Costa

A AÇÃO PEDAGÓGICO-FORMATIVA DA COMPANHIA DE JESUS NA CIDADE DE BELÉM DO GRÃO-PARÁ (1652-1759)

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, visando à obtenção do Título de Mestre em Educação

Linha de pesquisa: **Educação: Currículo, Epistemologia e História.**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Jorge Paixão
PPGED/UFPA
Orientador

Profª Drª Lúcia Isabel Conceição da Silva
PPGED/UFPA

Profa Dra Lucélia de Moraes Bassalo
PPGED/UEPA
Examinadora Externa

Prof. Dr. Damião Bezerra Oliveira
PPGED/UFPA
Suplente

Prof. Dr. Wladirson Ronny da Silva Cardoso
PPGED/UFPA
Suplente

Julgada em: ___/____/_____

Parecer:

Aos padres Luís Figueira, Antônio Vieira e João Fellipe Bettendorff, precursores do pensamento jesuítico no Grão-Pará.

Ao Padre Ilário Govoni, que domquixoteanamente se dedica a manter o legado inolvidável que os jesuítas deixaram no Grão-Pará

AGRADECIMENTOS

A Deus, arquiteto do universo, por tudo, pois de fato ele é alfa e ômega das nossas vidas;

A Santo Inácio de Loyola, a Santo Alexandre, à Santa Catarina de Sena, a Santo Afonso, a São Jerônimo, a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Nossa Senhora de Nazaré e Nossa Senhora Desatadora dos Nós, Madre Celeste e São Jorge (a quem eu tenho particular devoção) e ao meu anjo da guarda pelo suporte espiritual, inspiração, direcionamento intelectual, motivação e auxílio nas horas de dificuldade ou desânimo;

Aos meus pais Maria José Silva da Costa e José Carlos Trindade da Costa (*in memorian*), pelos valiosos ensinamentos;

Aos meus irmãos: Nazaré (*in memorian*) Nazareno, Regina, Jorge e Socorro, e sobrinhos: Anderson, Ellen, Katrine, Thayane e Diandra pela compreensão e apoio nos momentos difíceis;

À minha irmã Elizabeth pela correção ortográfica deste texto dissertativo;

À minha Sobrinha Kelly pelo tratamento dos elementos iconográficos desta dissertação;

A todo corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, especialmente ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Jorge Paixão, pelos valiosos ensinamentos não só acadêmicos como também morais, uma pessoa rara, verdadeiro sábio, que não se deixa contaminar e nem abater pelas vaidades acadêmicas;

À Profª Drª Sônia Araújo, coordenadora do PPGED, pela autorização na mudança de orientador, pela prorrogação do prazo de entrega da dissertação, pela competência na administração do Programa e, sobretudo, na maestria na condução da disciplina *Os*

Intelectuais e a Circulação de Ideias, cujos conhecimentos ministrados muito contribuíram para a feitura desta dissertação;

À Profa. Dra. Adelina Amorim, da Universidade de Lisboa, pela lapidação do meu projeto de pesquisa e orientações generosas;

Ao Prof. Dr. Karl Arenz, pelo direcionamento na época em que o trabalho estava bem embrionário, pela preciosa contribuição durante a qualificação, pelas valorosas indicações bibliográficas e pela brilhante participação no Documentário “Os Jesuítas no Grão-Pará”, que está sendo produzido pelo Projeto Memorial do Livro Moronguêtá/PROINTER/UFPA;

À Profa. Dra. Lucélia Bassalo, pela prestimosa contribuição durante a qualificação;

Ao Prof. Dr. Wladirson Cardoso, pela erudição, aprimoramento filosófico, direcionamento acadêmico, além do convívio amistoso;

Ao meu chefe Flávio Nassar, mecenas da cultura paraense, pela indicação do tema, pelos livros emprestados e doados, pelos contatos com pessoas que são autoridades neste assunto e pelo constante ensinamento;

Às bibliotecárias Ruth Negrão e Vânia Cardoso, pelo auxílio na localização e empréstimo de materiais bibliográficos;

Aos amigos do Programa de Pós-Graduação em Educação: Ana Keuria, Briana, Bianca, Camila, Cleumir, Edileuza, Hulda, Kelry e Tatiana, pelo convívio, pelos conselhos, pela concordância e até pelas divergências, que com certeza nos fizeram evoluir intelectual e moralmente.

Ao Dereck e à Larissa, cujos votos foram decisivos para permitir a mudança do meu orientador – valeu amigos não vou esquecer disso nunca;

Ao Michel Vilhena, meu grande amigo, que muito me ajudou ao longo desta jornada, me incentivando, me pressionando para não perder o prazo, um verdadeiro *coaching*;

Aos meus colegas do Grupo de Pesquisa EpsTem: Antonino, Camila, Dário, Gabriel, Helena, Ilka, Jesus, Luís Carlos, Márcia e Ricardo, pelas proveitosas tardes de discussão epistemológica;

Á amiga Soraia Maria Britar de Lima Souza pelo adminículo perene;

À Geisa e Igor Dias, casal vinte, que muito me auxiliou, e ainda continuam auxiliando, nos estudos sobre os jesuítas, pelos livros presenteados e materiais indicados e pelo aprimoramento constante;

Ao Prof. Fabiano Cataldo da UniRio, pelos livros e conhecimentos compartilhados em relação à Biblioteconomia, Bibliotecas Coloniais e Jesuítas, e pelo convívio amistoso e erudição;

Ao Padre Ilário Govoni, um dos poucos jesuítas que habitam em Belém e mantém vivos os ensinamentos dos soldados de Cristo semeados há mais de 300 anos, pelos conhecimentos precípuos à elucidação de enigmas impostos pelo Colégio de Santo Alexandre, pelos materiais bibliográficos franqueados e pela irretocável participação no documentário “Os Jesuítas no Grão-Pará” que está sendo produzido pelo Projeto Memorial do Livro Moronguêtá/PROINTER/UFPA;

À Profa. Annunciada Chaves, ao livreiro Raimundo Jinkings, ao Prof. Clóvis Moraes Rego, ao Prof. e Jurista Roberto Santos, ao Jurista Clóvis Ferro Costa, ao Jornalista Machado Coelho, à Profa. Célia Bassalo e ao Prof. Paulo Mendes (todos *in memorian*), verdadeiros baluartes da ciência e cultura paraense que durante muito tempo colecionaram livros que foram insumos precípuos ao desenvolvimento deste trabalho;

A todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a feitura do mesmo.

JESUÍTAS

Ó mes frères, je viens vous apporter mon Dieu,
Je viens vous apporter ma tête!
V. HUGO (Chatiments)

Quando o vento da Fé soprava Europa,
Como o tufão, que impele ao ar a tropa
Das águias, que pousavam no alcantil;
Do zimbório de Roma — a ventania
O bando dos Apost'los sacudia
Aos cerros do Brasil.

Tempos idos! Extintos luzimentos!
O pó da catequese aos quatro ventos
Revoava nos céus...
Floria após na Índia, ou na Tartária,
No Mississipi, no Peru, na Arábia
Uma palmeira — Deus! —

O navio maltês, do Lácio a vela,
A lusa nau, as quinas de Castela,
Do Holandês a galé
Levava sem saber ao mundo inteiro
Os vândalos sublimes do cordeiro,
Os átilas da fé.

Onde ia aquela nau? Ao Oriente.
A outra? Ao pólo. A outra? Ao ocidente.
Outra? Ao norte. Outra? Ao sul.
E o que buscava? A foca além no pólo;
O âmbar, o cravo no indiano solo
Mulheres em 'Stambul.

Grandes homens! Apóstolos heróicos!...
Eles diziam mais do que os estóicos:
"Dor, — tu és um prazer!
"Grelha, és um leito! Brasa, és uma gema!
Cravo, és um cetro! Chama, um diadema
Ó morte, és o viver!"

Outras vezes no eterno itinerário
O sol, que vira um dia no Calvário
Do Cristo a santa cruz,
Enfiava de vir achar nos Andes
A mesma cruz, abrindo os braços grandes
Aos índios rubros, nus.

Eram eles que o verbo do Messias
Pregavam desde o vale às serranias,
Do pólo ao Equador...
E o Niagara ia contar aos mares...
E o Chimborazo arremessava aos ares
O nome do Senhor!...

Castro Alves

RESUMO

A educação paraense no período colonial representa um vasto campo de estudo a ser desbravado; sendo assim esta pesquisa tem como objetivo geral: Analisar como se deu a ação pedagógica da Companhia de Jesus em Santa Maria de Belém do Grão-Pará, na era colonial; e como objetivos específicos: a) Identificar quais o(s) propósitos(s) da educação jesuítica e se eles tinham a mesma aplicabilidade para os diferentes segmentos da comunidade colonial residente na capital da província do Grão-Pará; b) Levantar na literatura científica e documental, que estratégias pedagógicas os jesuítas utilizavam para ensinar os colonos e catequizar os índios; c) Descrever como era o Colégio de Santo Alexandre e como transcorriam as atividades do cotidiano escolar; e d) Identificar os pilares da pedagogia inaciana e como eles se materializaram na Belém do Grão-Pará. Adotou-se como aportes teóricos os estudos de: Le Goff (1992; 1996); Nora (1993); Chartier (1990, 1994); e Halbwachs (2015). Caracteriza-se como uma pesquisa do tipo bibliográfica e documental. Detectou-se que o ensino jesuítico na Belém do Grão-Pará foi bem planejado e funcionava harmonicamente de uma maneira muito parecida com o que ocorria nas demais colônias, devido à aplicação da Ratio *Studiorum*. Verificou-se também que a diversidade amazônica fez com que o intercâmbio entre autóctones e estrangeiros fosse mais acentuado, caracterizando marcas culturais em ambas as raças. Identificou-se ainda que a expulsão dos jesuítas de Belém do Pará acarretou muitos prejuízos educacionais e culturais a esta cidade. Adverte para a necessidade de mais estudos sobre esta temática, no sentido de minorar a lacuna intelectual que ainda assola a nossa historiografia educacional.

Palavras-chave: Jesuítas. Educação Paraense. Educação Colonial.

ABSTRACT

The paraense education in the colonial period is a vast field of study to be explored; therefore this research has the general objective: To analyze how was the Society of Jesus of pedagogical action in Santa Maria Grand Belém do Pará, in the colonial era; and as specific objectives: a) identify which (s) purpose (s) of Jesuit education and if they had the same applicability to different segments of the colonial community living in the capital of Grand Para province; b) Raising the scientific and documentary literature that teaching strategies the Jesuits used to teach the settlers and catechize the Indians; c) Describe how was the St. Alexander School and how happens the activities of daily school life; and d) identify the pillars of Ignatian pedagogy and how they materialize in Grand Belém do Pará. It was adopted as theoretical support the studies of: Le Goff (1992, 1996); Nora (1993); Chartier (1990, 1994); and Halbwachs (2015). It is characterized as a survey of the literature and document type. It was found that the Jesuit school in Grand Belém do Pará was well planned and worked harmoniously in a very similar way to what happened in other colonies, due to application of the *Ratio Studiorum*. It was also found that the Amazon diversity has made the exchange between indigenous and foreigners were more pronounced, featuring cultural marks in both races. It identified also that the expulsion of the Jesuits of Belém do Pará led many educational and cultural damage to this city. It warns of the need for more studies on this subject, in order to alleviate the intellectual gap that still devastates our educational historiography.

Keywords: Jesuits. Paraense education. Colonial education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 –	Santa Maria de Belém do Grão-Pará, fim do século XVII	17
Figura 1 –	Conjunto jesuítico de Belém: Colégio de Santo Alexandre e Igreja de São Francisco Xavier, século XVII	20
Diagrama 1 –	Periodização da educação brasileira durante o modo de produção escravagista (1534-1850)	26
Quadro 1 –	Pesquisas sobre jesuítas agrupadas por área do conhecimento	29
Figura 2 –	Gravura do livro *Prenostication,* de João Lichtenberger (1497)	34
Figura 3 -	Inácio de Loyola, trajando sua armadura, antes da conversão	37
Foto 1 –	Frontispício do livro Exercícios Espirituais, de Santo Ignácio de Loyola	39
Esquema 1 –	Trajetória acadêmica de Ignácio de Loyola	40
Foto 2 –	Pedro Fabro	40
Foto 3 –	Francisco Xavier	41
Foto 4 -	Simão Rodrigues	42
Foto 5 –	Diogo Laynez de Almazán	43
Foto 6 -	Afonso Salmerón	43
Foto 7 –	Nicolau Bobadilla	44
Foto 8 –	Inácio de Loyola, ordenado sacerdote, Veneza, 1540	45
Foto 9 –	Diversos usos do trigrama IHS representado em inúmeros prédios jesuítas	46
Figura 4 –	Símbolo dos jesuítas	47
Diagrama 2 –	Periodização da Escolástica	53
Figura 5 –	A Expansão dos colégios jesuíticos pelas colônias ibéricas durante os séculos XVI-XVIII	56
Quadro 2 –	Collegios fundados pela Companhia de Jesus no Brasil	57
Figura 6 –	Frontispício da Ratio *Studiorum*	59
Quadro 3 -	Organização curricular da Ratio *Studiorum*	58
Gráfico1-	Distribuição das regras da Ratio *Studiorum*	59
Quadro 4 –	Collegios fundados pela Companhia de Jesus no Brasil	63

Quadro 5 – Escolas fundados pela Companhia de Jesus durante a retomada no Brasil 65
Figura 7 – “Padre Anchieta escrevendo na areia”, obra de Benedito Calixto 67
Mapa 2 - Altamira 68
Mapa 3 - Anajás 69
Mapa 4 - Aveiro 69
Mapa 5 - Breves 69
Mapa 6 - Cametá 70
Mapa 7 - Colares 71
Mapa 8 - Itaituba 71
Mapa 9 - Maracanã 72
Mapa 10 - Melgaço 72
Mapa 11 - Moju 72
Mapa 12 - Mosqueiro 73
Mapa 13 - Oeiras do Pará 73
Mapa 14 - Portel 73
Mapa 15 - Salinópolis 74
Mapa 16 - Salvaterra 74
Mapa 17 - Santarém 74
Mapa 18 - Senador José Porfírio 75
Figura 8 – Modelo de um aldeamento 78
Figura 9 – Modelo de um aldeamento tipicamente jesuítico 78
Mapa 19 - Barcarena 79
Mapa 19 – Localização da Fazenda de Gibirié (Barcarena) 80
Mapa 20 – Cachoeira do Arari 80
Mapa 21 – Curuça 81
Mapa 22 – Marapanim 81
Mapa 23 – São Caetano de Odivelas 82
Mapa 24 – Vila do Conde 82
Mapa 25 – Localização das Fazendas de Mortiguara (Conde) e Gibirié (Barcarena) 83
Mapa 26 – Benfica 85

Foto 10 -	Padre Gabriel Malagrida, fundador do Seminário de Nossa Senhora das Missões, de Belém do Pará	86
Quadro 6 –	Seminários fundados pela Companhia de Jesus no Brasil	87
Mapa 27 –	Pequeno atlas do Maranhão e Grão-Pará (1623)	93
Foto 11 –	Estante da Biblioteca do Grêmio Literário Português	97
Planta 1 –	Pavimento térreo do Palácio Episcopal, antigo Colégio dos Jesuítas	97
Planta 2 –	Primeiro Pavimento do Palácio Episcopal, antigo Colégio dos Jesuítas	97
Planta 3 –	Segundo Pavimento do Palácio Episcopal, antigo Colégio dos Jesuítas	97
Planta 4 -	Planta de Cruz Grega	104
Planta 5 -	Planta de Cruz Latina, Igreja de Santo Alexandre	104
Foto 12 -	Altar-mor da Igreja de Santo Alexandre	105
Foto 13 -	Altar-mor da Igreja do Colégio de Nossa Senhora da Luz	105
Quadro 7 -	Dirigentes do Collegio do Pará (1652-1760)	107
Quadro 8 -	Professores leigos que lecionaram nas oficinas do Colégio de Santo Alexandre em Belém do Pará	109
Foto 14 –	Púlpitos localizados na nave da Igreja de Sto. Alexandre	109
Foto 15–	Detalhe de um dos púlpitos confeccionados por Trayer e seus discípulos indígenas	109
Foto 16 –	Os anjos tocheiros feitos pelos índios na oficina do Colégio Santo Alexandre, em Belém (Pa)	113
Quadro 9 –	Índios que participaram das aulas nas oficinas do Colégio Santo Alexandre	114
Quadro 10 –	Negros e mestiços que participaram das aulas das oficinas do Colégio Santo Alexandre	115
Esquema 2 –	Formação de um padre jesuíta	116
Diagrama 3 -	Educação dos índios x educação dos brancos na pedagogia jesuíta	116

SUMÁRIO

1	**CONSIDERAÇÕES INICIAIS**	**16**
1.1	**Definição do Problema**	**16**
1.2	**Objetivos**	**23**
1.2.1	Objetivo Geral	23
1.2.2	Objetivos Específicos	23
1.3	**Justificativa**	**24**
2	**A FUNDAÇÃO E OS OBJETIVOS EDUCATIVOS DA COMPANHIA DE JESUS**	**33**
2.1	**As Experiências e os escritos de Inácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus**	**36**
2.2	**A Fundação da Companhia de Jesus**	**49**
2.3	**O Pensamento neoescolástico e a formação dos candidatos jesuítas**	**52**
2.4	**A Organização estrutural do ensino jesuítico**	**54**
2.5	**A *Ratio Studiorum* e a instituição dos colégios**	**55**
2.5.1	**A Censura livresca na Ratio *Studiorum***	**60**
2.6	**A Expulsão**	**60**
2.7	**A Retomada**	**62**
3	**O "SISTEMA PEDAGÓGICO DOS JESUÍTAS" NO GRÃO-PARÁ**	**64**
3.1	**Escolas**	**64**
3.2	**Colégios**	**65**
3.3	**Casas**	**68**
3.3.1	A instrução catequética nos aldeamentos	76
3.4	**Fazendas**	**78**
3.5	**O Seminário de Nossa Senhora das Missões**	**86**
4	**A ATIVIDADE PEDAGÓGICA DOS JESUÍTAS NO COLÉGIO DE SANTO ALEXANDRE NA CIDADE DE BELÉM DO GRÃO-PARÁ**	**90**
4.1	**Estrutura**	**95**
4.1.1	As Salas de aula	95
4.1.2	A Livraria	95
4.1.3	As Oficinas	102

4.1.4 A Botica 102
4.1.5 A Igreja de São Francisco Xavier 103
4.1 6 Os Pátios 107
4.2 A Equipe pedagógica 107
4.2.1 Os Reitores 107
4.2.2 Os Professores 109
4.2.3 Os Professores leigos 109
4.3 Os discentes 111
4.3.1 Os Filhos dos moradores 111
4.3.2 Os Silvícolas 112
4.3.2.1 Os Curumins 112
4.3.2.2 Os Índios adultos 113
4.3.3 Os Negros e mestiços 115
4.3.4 Os Futuros padres 116
4.4 Paralelo entre a educação jesuítica dos índios e a educação jesuítica dos brancos 117
4.5 A Expulsão dos jesuítas de Belém do Pará 118
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 123
REFERÊNCIAS 127

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo se insere na linha de pesquisa *Educação: Currículo, Epistemologia e História* do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará (ICED/UFPA), objetivando analisar como transcorreu a ação pedagógica da Companhia de Jesus em Santa Maria de Belém do Grão-Pará.

1.1 Definição do Problema

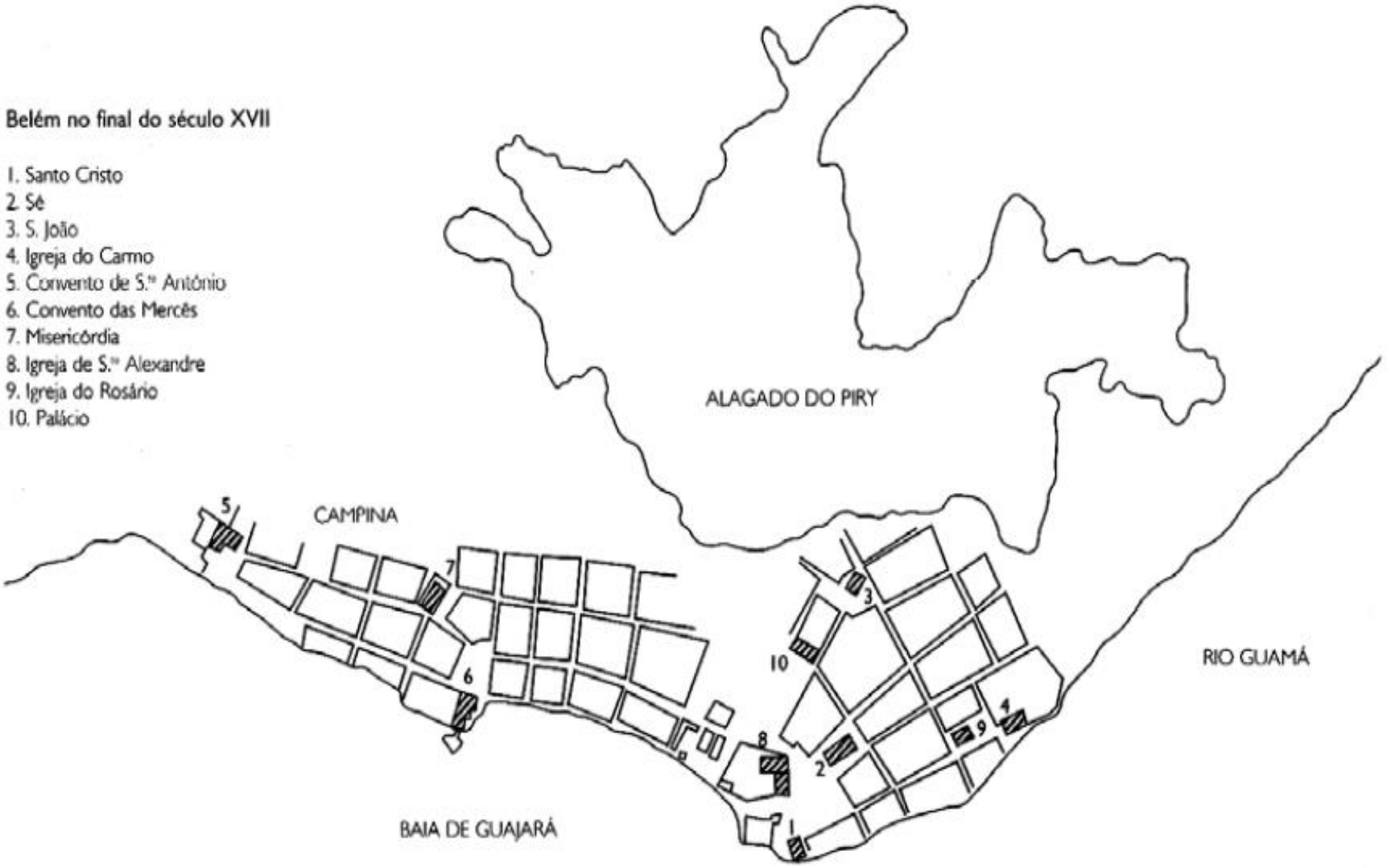
Logo nos primórdios de sua descoberta, o Brasil fora tido como uma colônia de exploração de Portugal, e, devido ser uma região praticamente inóspita, poucos e rudes eram os indivíduos europeus que se aventuravam em explorar essas terras.

Os conflitos eram constantes, principalmente devido à truculência dos colonos que violentamente queriam dilapidar os abundantes recursos naturais existentes na nova colônia e, sobretudo, dizimar a população autóctone, que na visão dos invasores representavam um óbice à concretização de seus objetivos extrativistas. Os indígenas, por sua vez, nem sempre reagiam bem à chegada dos invasores e, dependendo da tribo, as reações eram diferentes, podendo ser vitimas de machucados, mutilações, aprisionamento, morte e, em alguns casos, de antropofagia (SAMPAIO, A., 1994).

Neste cerne, surgem as ordens religiosas (ver mapa 1), tais como: os mercedários, os franciscanos (divididos em suas três províncias: Santo Antônio, Piedade e Conceição), os carmelitas e os jesuítas (CHAMBOULEYRON, 2003); que foram trazidas ao Grão-Pará com o fito de apaziguar as contendas entre colonizadores e indígenas e, assim, tornar mais tranquila a tarefa de extração e transferência de recursos naturais para o reino de Portugal (MATOS, F., 2012). Como atesta Damasceno (2012, p. 82):

> O acesso a esta região era extremamente difícil, devido a fatores como: clima, população e espacialidade, o que impôs características próprias no processo de colonização, substanciado em ações bem específicas. Para facilitar a penetração nela, os religiosos são chamados para dar início a esse trabalho.

Mapa 1 – Santa Maria de Belém do Grão-Pará, fim do século XVII.



Fonte: Araújo, R. (1998).

Dentre as várias ordens religiosas que muito contribuíram para a colonização do Brasil, indubitavelmente, a Ordem dos Jesuítas foi a mais exitosa, pois possuía: muita disciplina, habilidades didáticas e, sobretudo, facilidade em aprender outros idiomas, fator ímpar para a aproximação e conquista dos silvícolas. Ademais, os inacianos possuíam apoio político (eles chegaram ao Brasil na caravela de Tomé de Souza, primeiro Governador Geral) e financeiro (por meio da redízima[1]) da Coroa portuguesa.

Henrique Matos (2011), na sua obra intitulada *Nossa História: 500 anos da presença da Igreja Católica no Brasil*, também constata a supremacia dos inacianos ao dizer: "[...] Obviamente os filhos espirituais de Santo Inácio de Loyola não foram os únicos missionários da Colônia, mas indiscutivelmente foram os mais numerosos e bem formados".

Os jesuítas suplantaram a ação educacional de outras ordens religiosas devido a sua versatilidade, como aduzem Claudino e Nelson Piletti (2013, p. 71): "No ensino de primeiras letras, os jesuítas mostraram grande capacidade de adaptação. Penetraram com igual facilidade na casa-grande dos senhores de engenho, na senzala dos escravos e na aldeia indígena".

Outro fator de sucesso dos jesuítas na esfera educacional foram as suas livraria[2] conventuais, que eram basilares ao desenvolvimento da educação jesuítica, posto que nos colégios demandavam-se muitas redações, rigorosamente corrigidas, e para fundamentá-las, era preciso ler autores clássicos, como: Aristóteles e Cícero e, principalmente, São Tomas de Aquino, teórico que traduzia o pensamento oficial da Igreja Católica daquela época (SILVA, L., 2008).

Além disso, havia muita ênfase no estudo de latim, a leitura de autores clássicos era imprescindível, bem como o pleno domínio das normas gramaticais e, por conseguinte, das línguas pátrias, que, paulatinamente, iam se inserindo no currículo. Complementarmente eram aplicados exercícios e aula extra, atividades

[1] Determinação da Coroa portuguesa que previa a dotação de "[...] 10% de todos os impostos arrecadados na colônia brasileira passariam a ser destinados à manutenção dos Colégios Jesuíticos" (SAVIANI, 2013, p. 49).

[2] Neste trabalho, será adotado o termo livraria para se referir à biblioteca, pois era esta a denominação adotada mundialmente pelas ordens religiosas naquele período. Segundo Antônio Silva (1858, t. 2, p. 327), há uma pequena confusão no uso dos termos biblioteca e livraria, que são: "usados frequentemente como se tivessem idêntica significação, há entre eles uma diferença. *Bibliotheca* quer dizer precisamente caixa, armário, casa em que se depositam livros e se conservam ordinariamente em certo arranjo. *Livraria*, quer dizer multidão de livros; e é esta a energia de sua terminação. D' aqui vem que o guarda da casa dos livros é o bibliotecário e não o livreiro, dando este último o que tem multidão de livros para vender".

teatrais, atividades orais (tais como: discursos, declamações, pregações no refeitório), competições entre grupos que resultavam em premiações, enfim, uma série de atividades que desenvolviam a intelectualidade do indivíduo, que na visão dos jesuítas, era um produto da criação divina e que, por isso mesmo, deveria ser orientada pela formação religiosa (FRANCA, 1952).

Em pouco tempo, os jesuítas lograram êxito na prestação de serviços educacionais e, no fim do século XVI, o Colégio de Salvador já possuía uma suntuosa livraria instalada; paulatinamente, o mesmo fora feito nos colégios das províncias do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Espírito Santo, porém em menor escala (LEITE, 1934, v. 1). Conforme Rubens Moraes (2006), a livraria do Colégio Jesuíta do Maranhão também era expressiva e julgada como de boa qualidade pelo padre Antônio Vieira ao dizer “Livraria temos muito boa”, comentário lisonjeiro se considerarmos o grande orador que fora Vieira, além de exímio bibliófilo; e, que, em função disso, tenha sido incumbido pelos superiores da Ordem de vistoriar as livrarias de todos os colégios jesuíticos instalados no Brasil.

Ressalta-se que impressos eram proibidos na colônia pela Corte portuguesa e, por conseguinte, não existiam nem livrarias (até a chegada das ordens religiosas), nem tipografia [3] na América portuguesa neste período embrionário, devido à libertação que a leitura proporciona ao indivíduo. Todos os passos da colônia eram controlados e a documentação produzida e emanada para terras lusitanas era muito restrita e vigiada; ademais como Hallewell (1985, p. 5) afirmou: “a indústria impressora não era administrativamente necessária nem economicamente possível [a América portuguesa], devido aos poucos [muitas vezes iletrados] e dispersos habitantes da época”.

Conforme Maria Regina Sampaio (2002), somente quem tinha acesso a pouquíssimos impressos eram os clérigos, os funcionários (militares ou civis) e um ou outro senhor letrado o suficiente para se interessar por leitura.

Para contornar a adversidade da carência de materiais bibliográficos, as ordens religiosas trouxeram em suas expedições uma certa quantidade de livros

[3]O primeiro texto impresso no Brasil foi um folheto de 17 páginas, intitulado: *Relação da Entrada que fez o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. F. Antônio do Desterro Malheyro, Bispo do Rio de Janeiro, em o primeiro dia deste prezente Anno de 1747, havendo sido seis Annos Bispo do Reyno de Angola, donde por nomiação de Sua Magestade, e Bulla Ponficia, foy promovido para esta Diocesi*. Escrito por Luiz Antônio Rosado da Cunha e publicado por António Isidoro da Fonseca, que relatava a festa com que foi recebido o Bispo D. Antônio do Desterro, no Rio de Janeiro, em 1747 (HALLEWELL, 1985).

inspecionados e autorizados pela Corte portuguesa e implantaram livrarias em seus Colégios; segundo Rubens Moraes (1979), da segunda metade do século XVI até o século XVIII, as melhores e mais completas livrarias do país eram dos colégios e conventos jesuíticos e eram abertas a alunos, padres e também para quem “fizesse o pedido competente”.

A Livraria do Colégio de Santo Alexandre do Pará, em 1760, tinha mais de 2.000 volumes; a do Colégio da Vigia, 1.010 volumes, bem como inúmeras outras casas de menor destaque àquela época já possuíam acervos excedendo mil exemplares (MORAES, R., 2006).

Figura 1 – Conjunto jesuítico de Belém: Colégio de Santo Alexandre e Igreja de São Francisco Xavier, século XVII

Fonte: ANDRADE (2013).

Após mais de 200 anos de intenso trabalho na América portuguesa, os jesuítas haviam acumulado um considerável patrimônio, não só em terras, como também em equipamentos, mobiliário, recursos naturais e, sobretudo, conquistando a confiança dos indígenas; este elemento que, na opinião de Vieira, era fundamental ao domínio do território. Inclusive, em uma de suas missivas endereçadas ao padre André Fernandes, Bispo do Japão, Vieira chega a afirmar: “[...] quem for senhor dos índios o será do Estado” (VIEIRA apud LIBERMAN, 1983, p 41), sendo esse um dos

grandes motivos que irritavam os colonos, pois não toleravam o tratamento mais ameno que os jesuítas dispensavam aos índios e que, por conseguinte, detinham um vasto domínio sobre as ações destes. Conforme Chambouleyron (2003, p. 193-194) "[...] Os conflitos em torno da questão da mão de obra indígena acabam se tornando tão importantes na historiografia que impedem pensar a missão jesuítica em outros cenários mais amplos [...]".

O temor de se tornar refém dos jesuítas fez com que a Coroa portuguesa abortasse as missões jesuíticas na América portuguesa, fazendo-os retornar à Portugal (CRUZ, 1950).

Segundo Miranda (2015), pesavam contra os jesuítas acusações do tipo: a falta de colaboração com as missões demarcatórias fronteiriças; insuflar o desrespeito aos representantes da Coroa, além da possível criação de um Estado independente da Coroa portuguesa, aquilo que o Pe. Vieira (1998) chamara do *Quinto Império*[4].

Tais acusações implicaram na expulsão dos jesuítas de todos os territórios lusitanos; ato que foi oficializado pela Lei que D. José I, "por graça de Deus, Rey de Portugal e Algarves, daquém e dalém mar..." promulgou a 03 de setembro de 1759 (apud GOVONI, 2009, p. 5), a qual enunciava:

> Por efeito desta lei, os terei por desnaturalizados, proscritos e exterminados, mandando que efetivamente sejam expulsos de todos os meus Reinos e domínios [...], estabelecendo a confiscação de todos os bens para o meu Fisco e Câmara Real.

Os bens criados ou ampliados pelos inacianos em terras brasileiras foram confiscados, inclusive as livrarias. A este respeito Rubens Moraes (2006, p. 10) relata a destinação que foi dada aos livros pertencentes às livrarias conventuais, dizendo: "Livros retirados dos Colégios ficaram amontoados em lugares impróprios [...] a quase totalidade foi dilapidada, roubada ou vendida como papel velho a boticários para embrulhar unguentos. O clima úmido e os insetos deram cabo do restante". Na província do Grão-Pará, esta situação não foi muito diferente, posto que o acervo da Livraria do Colégio de Santo Alexandre do Pará foi todo recolhido e

[4]Esta foi uma falácia atribuída ao Pe. Vieira (MESGRAVIS, 1989). Na realidade, o Quinto Império por ele defendido era uma crença messiânica, inspirada no capítulo 2 do Livro do Profeta Daniel, no Antigo Testamento, em que o famoso orador inaciano acreditava, e persuadia os outros a acreditar, que Portugal e suas colônias viriam a ser o Quinto Império do mundo, suplantando seus predecessores, a saber: Assírios (primeiro império), os Persas (segundo império), os Gregos (terceiro império) e os Romanos (quarto império). A concepção deste V Império de Vieira está imortalizada em sua obra *História do Futuro*. (OLIVEIRA, V., 2002).

devolvido para Portugal, cujo acervo só foi possível conhecer modernamente devido ao inventário citado na obra *História da Companhia de Jesus,* escrita por Serafim Leite.

A exemplo do que vinha ocorrendo em outras províncias, os jesuítas se recusaram a entregar seus bens, resistiram, mas não puderam vencer o poderio da Coroa portuguesa; fugiram, se esconderam, mas todos os esforços foram em vão e, em muitos casos, foram presos e deportados para terras lusitanas.

Embora as ordens religiosas fossem muito criticadas pela população residente nas colônias portuguesas, devido ao acúmulo de bens materiais, esta constituiu uma maneira de subsistência e manutenção, visando o cumprimento do objetivo de docilização dos silvícolas da América portuguesa, pois o Governo inicialmente prometeu dar apoio aos clérigos que se lançaram na empreitada da catequese dos íncolas americanos, mas estes, de fato, estavam entregues à própria sorte, em uma terra ignota e muito distante de seu torrão natal, como Madureira (1929, p. 359) bem descreve:

> O Governo da metrópole só se preocupava com as vantagens materiaes que podia adquirir na Colonia conquistada, deixando por completo ao clero secular e regular a tarefa de instruir os povos deste novo paiz, quer na conversão dos indígenas, quer no trabalho mais ingrato e mais cheio de dificuldades e de fortes oposições, o de conservar na fé, dentro dos limites da moral, da justiça e da humanidade, os colonos e seus descendentes.
> O esforço jesuítico multiplica-se, diz Viriato Correa. “Por toda a parte, onde há um núcleo de habitantes, há uma batina educando. Portugal não se lembra do menor auxílio. Os padres vivem de esmolas, rotos, famintos, fazendo prodígios para alimentar as crianças selvagens. As vezes para não morrer de fome, são obrigados a comer os restos dos jantares dos creados dos governadores geraes[...]. Portugal não se satisfazia em desprezar a instrucção da mais rica de suas colônias. Persegui-a, tolhia-a. E essa perseguição foi maior quando a Côrte de Lisboa, no grande período aurífero, verificou que o Brasil era um tesouro escandaloso. As cartas régias do Governo são tremendas; impedem a circulação de livros, prohibem a creação de typographias.

Sampaio (1994) levanta uma importante questão ao falar sobre o quão difícil é analisar a ação dos jesuítas no Brasil, ao dizer: “estudar o jesuíta é um problema deveras difícil, por tratar-se de assunto onde mais nitidamente se tem revelado o espírito de parcialidade dos estudiosos. Uns neles somente vêem defeitos. Outros, exclusivamente virtudes”. De toda sorte, há consenso entre os pesquisadores em considerar que para o bem ou para mal a passagem dos jesuítas por qualquer lugar do globo terrestre foi marcante.

Entretanto, a literatura científica e a continuidade das pesquisas nos mostram que a expulsão dos jesuítas trouxe muitos prejuízos educacionais e culturais para o nosso país. E, principalmente, a maneira abrupta como ela ocorreu, motivada pelo ódio, pela vingança, tendo sido extraviados documentos, destruídos prédios, aniquilando física e mentalmente pessoas. Esta somatória de fatos torna difícil o estudo das origens da história da educação brasileira e talvez, por isso, tenham tão poucos estudos neste sentido se compararmos com outros períodos da historiografia educacional brasileira.

Neste cerne, questiona-se: 1º) Que objetivos permeavam a educação jesuítica na Belém do Grão-Pará do período colonial? 2º) Que diretrizes estavam preconizada na *Ratio Studiorum* para tornar estes objetivos exequíveis? 3º) Que legado educacional os jesuítas deixaram para os habitantes da Belém do Grão-Pará? 4º) Será que eles práticaram uma pseudoeducação ou cultura de verniz como os grupos anti-jesuítas, liderados por Marquês de Pombal, imputam a eles? Será que eles se preocuparam somente com as questões temporais em detrimento das questões catequéticas para as quais foram, de fato, chamados para se ocuparem nessas colônias? 5º) Que tipo de ideal humanista os jesuítas transplantaram de Portugal para o Brasil?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

- Analisar como se efetivou a ação pedagógica da Companhia de Jesus em Santa Maria de Belém do Grão-Pará, no período colonial.

1.2.2 Objetivos Específicos

a) Identificar qual(is) o(s) objetivo(s) da educação jesuítica e se eles tinham a mesma aplicabilidade para os diferentes segmentos da comunidade colonial residente na capital da Província do Grão-Pará;

b) Levantar, na literatura científica e documental, que estratégias pedagógicas os jesuítas utilizavam para ensinar os colonos e catequizar os índios;

c) Descrever como era o Colégio de Santo Alexandre e como transcorriam as atividades do cotidiano escolar;

d) Identificar os pilares da pedagogia inaciana e como eles se materializaram na Belém do Grão-Pará;

1.3 Justificativa

O interesse por este objeto de estudo emergiu após ter ingressado como voluntária no Projeto Memorial do Livro Moronguêtá, pertencente à Pró-Reitoria de Relações Internacionais da Universidade Federal do Pará (PROINTER/UFPA), concebido pelo Pró-Reitor e Prof. Flávio Nassar e pela Bibliotecária Geisa Dias, com o objetivo de: "Criar um espaço cultural responsável por reunir obras literárias e objetos pessoais de eminentes intelectuais paraenses". (UFPA, 2012). Tal projeto terá como sede o casario localizado na Ladeira do Castelo, ladeado pelo Museu de Arte Sacra e pelo Forte do Castelo. Esta edificação pertenceu à ordem dos inacianos, sendo que pelos indícios históricos, o complexo jesuítico (Igreja, Colégio e Seminário) foi uma das primeiras instituições de ensino implantadas na Belém do Grão-Pará, e concomitantemente, uma das primeiras bibliotecas instaladas nesta província.

Durante o processo de elaboração do Projeto do referido Memorial, observou-se que a literatura científica sobre esta biblioteca e até mesmo sobre o Colégio de Santo Alexandre é rarefeita, daí a motivação para resgatar a história deste importante lugar de memória[5] belenense que seria ignoto à maioria das pessoas se não fossem os parcos registros existentes nas Crônicas da Companhia de Jesus, documentação arquivística e em alguns trabalhos acadêmicos (COLARES, 1998; RODRIGUEIRO, 2007; CAETANO, 2009; MARTINS, R., 2009), etc.

Ressalta-se que os documentos históricos sobre o Colégio de Santo Alexandre existentes em Belém do Pará são poucos e lacunosos. Provavelmente, esse hiato historiográfico se deva ao fato, de que tão logo criados a Biblioteca e Arquivo Público do Pará (BAP), os mesmos ficaram a cargo de arquivistas

[5]"São símbolos de diferentes épocas para muitos que não puderam vivê-las ou presenciá-las (NORA, 1993, p.7).

portugueses, sendo que Ernesto Cruz, o nono gestor do BAP, ao proceder um levantamento documental minucioso, ordenando efetivamente os manuscritos do período colonial, percebeu a falta de muitos documentos que constam nas listas de registro, mas que não existem mais fisicamente (CRUZ, 1983).

Outro fator conflitante se deve ao fato de que assim que os jesuítas foram expulsos de Belém (processo iniciado em 1759 e concluído em 1760), o complexo jesuítico ficou praticamente abandonado. A Igreja teve seu nome modificado, o Colégio ia ser transformado em Colégio de Nobres[6], depois se tornou Arcebispado de Belém (1760) e, finalmente, o Museu de Arte Sacra (1998). A documentação existente no Colégio ficou trancafiada no prédio, depois foi trasladada para a Cúria de Belém, porém os anos de ostracismo danificaram muitos destes documentos (ROCHA, 1993).

O que nos resta são os prédios, ou os *monumentum* / *documentum* apregoados por Le Goff (1992), que nos dão indícios do que outrora foi a maior instituição de ensino da Amazônia e um dos grandes expoentes da atuação missionária dos jesuítas na América portuguesa.

O complexo jesuítico intriga e sobrevive apesar de todo o 'esquecimento coletivo' na acepção Halbwachsiana das palavras, a que fora sujeitado pelo Marquês de Pombal e seus assessores. Ele resiste, ele nos questiona, ele abre possibilidades de infinitos estudos que definitivamente não saem da memória coletiva dos pesquisadores.

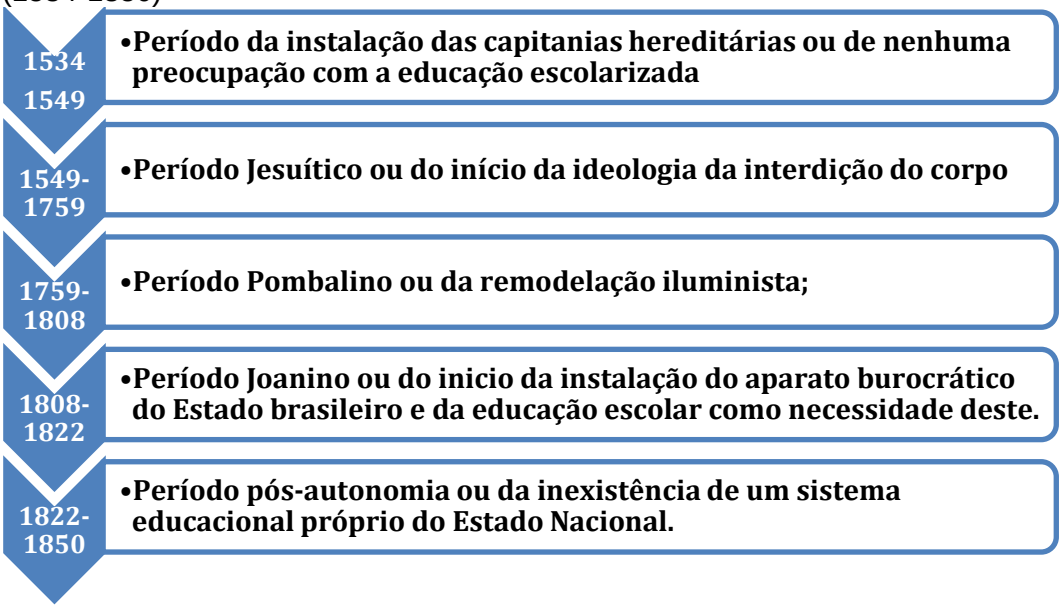
Ademais, ao ingressar no Mestrado em Educação promovido pelo Instituto de Ciências da Educação da UFPA, tive contato com a disciplina *Educação Brasileira*, ministrada pelo Prof. Dr. Genylton Rocha e pela Profa. Dra. Maria José Aviz, cujo primeiro módulo se ocupou do estudo do pensamento humanista no Brasil-Colônia, o que forneceu o arcabouço teórico que me faltava para que eu enveredasse por esta trilha metodológica.

A ação pedagógica dos jesuítas na educação brasileira é tão destacada que inclusive alguns teóricos costumam denominar a gênese de nossa educação como Período Jesuítico, como reporta Freire (1989), que divide a educação brasileira

[6] Foram instituições de ensino criadas pelo Marquês de Pombal para substituir os colégios jesuítas. Neles eram educados os filhos de pessoas abastadas, que futuramente iriam compor a elite colonial daquele local.

durante o modo de produção escravista em cinco períodos históricos, como é demonstrado no diagrama 1.

Diagrama 1 – Periodização da educação brasileira durante o modo de produção escravista (1534-1850)



Fonte: Freire (1989, p. 27) adaptado pela autora desta pesquisa.

Ressalta-se, de acordo com o diagrama, que o período é chamado de *jesuítico* e não *missionário*, que poderia ser uma das denominações, pois, como foi mencionado, outras ordens religiosas que aqui estiveram também trabalhavam com o ensino, todavia, a Companhia de Jesus era mais incisiva delas.

Mas apesar de toda essa relevância, este período histórico ainda é pouco estudado na seara da História da Educação, como ratificam Maria Cristina Hayashi e Carlos Hayashi (2007, p. 113) “a produção científica brasileira sobre a educação no período colonial não se dá na mesma intensidade de outros períodos a despeito da presença hegemônica dos jesuítas no Brasil por 210 anos”.

A pesquisa em tela é de cunho qualitativo, pois foi executada a partir de informações extraídas de textos científicos e administrativos.

Quanto aos objetivos, a pesquisa aqui apresentada é do tipo descritiva e exploratória. Trata-se de pesquisa descritiva, porque pretende investigar como se procedeu a ação pedagógica dos inacianos na Belém do Grão-Pará por meio da pesquisa e análise de textos do/e sobre o período colonial brasileiro. Os estudos de natureza descritiva propõem-se a investigar o "que é", ou seja, a descobrir as características de um fenômeno como tal (RICHARDSON; PERES, 1999). Neste

sentido, são considerados como objeto de estudo: uma situação específica, um grupo ou um indivíduo. Para Richardson e Peres (1999, p.71), uma pesquisa deste tipo analisa o "papel das variáveis que, de certo modo, influenciam ou causam o aparecimento dos fenômenos".

Esta pesquisa é do tipo exploratória, devido ter o objetivo de "reunir dados, informações, padrões, ideias ou hipóteses sobre um problema ou questão de pesquisa com pouco ou nenhum estudo anterior" (BRAGA, 2007, p. 25); posto que há poucos estudos sobre a historiografia educacional de Belém do Grão-Pará, no período colonial.

No que tange aos procedimentos, este estudo é do tipo bibliográfico, documental e de caso.

O estudo é bibliográfico, porque exige que seja feito levantamento e análise exaustivos de: livros, periódicos, dicionários, dissertações e teses atinentes à questão do ensino jesuítico no Brasil colonial.

É também um estudo de cunho documental, porque foram analisadas: cartas, documentos administrativos, material cartográfico, crônicas dos padres jesuítas, especialmente dos padres Serafim Leite, Bettendorff e Lúcio Azevedo. Conforme Gil (1991, p. 82), as pesquisas de cunho documental envolvem as seguintes fases:

> a) determinação dos objetivos;
> b) elaboração do plano de trabalho;
> c) Identificação das fontes;
> d) Localização das fontes e identificação do material;
> e) Tratamento dos dados;
> f) confecção das fichas e a redação dos dados de trabalho;
> g) redação do trabalho.

Para consubstanciar teoricamente esta pesquisa, foram consultados os principais documentos da Companhia de Jesus, a saber: a) Regimento das missões do Estado do Maranhão e Grão-Pará, de 21 de dezembro de 1686, b) Constituições da Companhia de Jesus (2004), c) *Ratio Studiorum*[7] e d) Inventário do Colégio da Livraria da Vigia, na Província do Grão-Pará. Contudo, a intenção era consultar o Inventário da Livraria do Colégio de Santo Alexandre de Belém do Grão-Pará, mas este documento não foi encontrado e devido à relativa padronização que os jesuítas procuravam manter entre seus colégios, o inventário da Livraria do Colégio da Vigia

[7]Foi usada a versão traduzida para o português da *Ratio Studiorum,* disponibilizada pelo Padre Leonel França na obra “O método pedagógico dos jesuítas”, publicada em 1952.

foi utilizado como base para dar uma noção do possível teor da Livraria do Colégio de Santo Alexandre.

A fim de obter um panorama mais acurado sobre o estado de arte da atuação da Companhia de Jesus no Grão-Pará foi feito um levantamento bibliográfico no Portal Periódicos Capes tendo sido obtidos os seguintes resultados: 1.025 materiais bibliográficos que versam sobre a Companhia de Jesus – distribuídos da seguinte forma: Artigos (618); Livros (209); Resenhas (123), Dissertations[8] (58); Recursos textuais (11); Artigos de jornal (3); Entradas de referência (2); Atas de congressos (1). Contudo, deste material 78 publicações tratam especificamente da ação dos loyolanos na Amazônia, distribuídos da seguinte forma: Artigos (53); Livros (20); Dissertations (5). E em se tratando de Grão-Pará estas cifras decrescem para 30 publicações, com a seguinte conformação: Artigos (15); Livros (12); Dissertations (2); Entradas de referência (1).

O levantamento bibliográfico realizado no *software* Pergamum revelou a existência de 28 trabalhos acadêmicos que versam sobre os jesuítas, porém só 8 deles foram defendidos na UFPA e nenhuma dissertação ou tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA abordou esta temática[9].

Na consulta aos sites dos próprios programas, verificou-se um aumento na quantidade de trabalhos, mas assim mesmo este número não é significativo se comparado a outros períodos da história da educação nacional.

A temática da atuação da Companhia de Jesus na América portuguesa vem sendo explorada pelas mais diversas áreas do conhecimento (ver quadro 1), indo desde áreas inimagináveis, como: Psicologia Social e Geociências, até áreas que se pressupõe que sejam sua seara por excelência, como: Educação, História, Letras e Teologia.

[8]Termo técnico utilizado no Portal Periódicos Capes para se referir tanto às dissertações, quanto às teses.

[9]Recentemente foi defendida a dissertação intitulada: *Educação Colonial na Amazônia:* A pedagogia dos jesuítas e a invenção do Sairé, redigida por João Aluízio Piranha Dias, sob a orientação da Profa. Dra. Denise de Souza Simões Rodrigues, cujo objetivo do autor com este trabalho era investigar a influência da ação pedagógica dos jesuítas, por meio da prática cultural da dança do Sairé, entre os índios aldeados na vila de Alter do Chão, entre os séculos XVII e XVIII, porém ela foi defendida no PPGED da Universidade do Estado do Pará e não no PPGED da UFPA.

Quadro 1 – Pesquisas sobre jesuítas agrupadas por área do conhecimento

Área do conhecimento	Autor	Quant.
Psicologia Social	(BRUSSIO, 2012)	1
Geociências	(FREITAS, 1992);	1
Artes	(SANTOS, 2009; AMARAL, 2012; MELO, 2012);	3
Letras	(ASSALIM, 2007; CIANI, 2008; CRAICE, 2008);	3
Literatura	(ALVES FILHO, 2007; CERELLO, 2007; ARAÚJO, 2012);	3
Arquitetura	(MARTINS, R., 2009; MAITAN, 2011; BRANTES, 2011; SILVA, 2012)	4
História	(RODRIGUEIRO, 2007b; SANTOS 2007; CAETANO, 2008; CARVALHO, 2008; DIAS, 2008; PEREIRA, 2008; LOBATO, 2009; SOUZA JÚNIOR, 2009; GLIELMO 2010; CARVALHO, 2010; GILEMO, 2011; LIMA, 2011; MOTA, 2011; NEVES NETO, 2011; OLIVEIRA, D., 2011; PATUZZI, 2011, REIS, 2011; TORRES, 2011; WITTMANN, 2011; ZANIBONI, 2011; ASSIS, 2012; BATISTA, 2012; CARVALHO, R. 2012; COUTO 2012; CUNHA, 2012; DIAS, M., 2012; DUARTE, 2012, MAIA, 2012; REGO, 2012; REIS, 2012; ROCHA, I., 2012; SILVA, M. 2012; XAVIER, 2012; LOPES, 2013);	34
Educação	(WREGG, 1993; DAMASCENO, 1998; COLARES, 2003; LOMBARDI, 2003; PEREIRA, 2007; PEREIRA, M. 2008; FERREIRA, 2009; SCALLIA, 2009; KASSAB, 2010; MENARDI, 2010, CESSO, 2011; LIMA, A., 2011; MARIUCCI, 2011; MARTINS, F. 2011, PATUZZI, 2011; RUCKSTADTER, 2011; SILVA, 2011; VIEIRA, M., 2011; ZANIBONI, 2011; BERENCHTEIN NETTO, 2012; CHAVES, 2012; GOMES, 2012; PACHECO, 2012; RUCKSTADTER, V. 2012; SCHNEIDER, 2013; DIAS, 2014)	26
Teologia	(CARMO, 2012; GUARNIERI, 2012)	2
TOTAL		**77**

Fonte: Levantamento bibliográfico realizado pela autora desta pesquisa no software Pergamum (2015).

Uma explicação plausível para esse amplo leque de possibilidades de estudo dos jesuítas em díspares áreas do saber se deve ao fato de que, conforme Leonel (2013), uma das convenções do Concílio de Trento previa que a fé deveria ser aplicada nas diversas áreas do saber humano e, por isso os jesuítas se dedicavam as mais variadas searas das artes e das ciências; assim estudavam: Física,

Astronomia[10], Matemática. No campo das Ciências Jurídicas, eles contribuíram com a doutrina Origem Popular do Poder.

No campo da arquitetura, os inacianos desenvolveram uma técnica que combinava o estilo barroco com símbolos e motivos regionais típicos da localidade que eles estavam missionando, e chegou-se até a cogitar a cunhagem do estilo arquitetônico jesuítico, porém, devido à insuficiência de técnicas e conceitos, os teóricos da Arquitetura optaram por não validar o estilo (MARTINS, 2009).

Na Literatura, os escritos jesuítas têm um lugar cativo na Literatura de Viagens Quinhentista e na Dramaturgia por meio das inúmeras peças que escreveram para catequizar os índios (SALLES, 1994, t. 1).

Os jesuítas também foram exímios linguistas e contribuíram para a análise, estudo e apreensão de línguas indígenas por meio da elaboração de Gramáticas e Vocabulários, como Von Martius (apud MADUREIRA, 1929, p.372) atestou:

> [...] cabe aos jesuítas o merecimento de ter composto um "Vocabulario geral da língua Tupi", principalmente nas missões do antigo Estado do Gram Pará". Os missionários admiravam esta língua por delicadeza, copia, suavidade e elegância, chamando-a de "grego" pelo conjunto destas qualidades. E para ensinal-a (a língua brasílica) diz Moreira de Azevedo, abriam os jesuítas escholas, que frequentavam, chamando graciosamente, lá entre si, a língua indígena de grego [...].

Entrementes, pouquíssimos trabalhos acadêmicos *stricto sensu*, coletados neste levantamento bibliográfico, tem como recorte geográfico o Grão-Pará (MARTINS, 2009; NEVES NETTO 2011; LOPES, 2013) e bem menos ainda o ensino jesuítico no Grão-Pará, quer seja de forma indireta (DAMASCENO, 1998) ou direta (COLARES, 2003; DIAS, 2014). Portanto, o déficit de informações sobre a ação pedagógica praticada no Colégio dos Jesuítas do Grão-Pará representa uma lacuna na historiografia educacional paraense, constituindo, por conseguinte, a motivação para a feitura desta pesquisa, que intenta minorar este hiato da história da educação local.

Como base teórica para este trabalho, adotou-se como aportes teóricos os estudos de: Le Goff (1992; 1996), Nora (1993), e Halbwachs (2015), posto que o antigo Colégio dos Jesuítas do Grão-Pará é um lugar de memória, fazendo-se,

[10]Dentre as diversas crateras da Lua, mais de 30 delas receberam nomes de jesuítas (LEONEL, 2013).

portanto, mister a utilização dos autores supracitados para uma melhor apropriação desse conceito.

Dentre as diversas vertentes teórico-historiográficas existentes, a História Cultural e a História de Instituições Escolares foram eleitas para serem os fios condutores desta pesquisa.

A História Cultural é uma matriz teórica implementada por um grupo de historiadores franceses, que tem em Roger Chartier seu maior expoente, cuja principal contribuição a este estudo reside na elaboração das noções complementares de “práticas” e “representações”, pois Chartier (1990) concebia que os objetos culturais seriam produzidos “entre práticas e representações” como os sujeitos produtores e receptores da cultura e circulariam entre estes dois polos, que têm correspondência com os “modos de fazer” (as práticas) e os “modos de ver” (as representações). O entendimento destes alicerces é fundamental a quem pretende incorrer pela História Cultural.

A História das Instituições Escolares opera no plano das representações, com o fito de construir uma imagem da escola como memória, posto que para reconstruir o passado ausente, a História das Instituições Escolares objetiva apresentar provas, com documentos e diversos “procedimentos de acreditação” (CHARTIER, 1994, p. 104), por meio de fontes bibliográficas do tipo icônica, pictórica ou textual.

No tocante a área da Biblioteconomia, se faz relevante consultar as obras de: *O Livro no Brasil:* sua história, de Hallewell, publicada em 1985; *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial,* de Rubens Borba de Moraes, bem como um artigo de Luís Silva (2008) intitulado: *As bibliotecas dos jesuítas: uma visão a partir da obra de Serafim Leite*.

Um tipo de fonte basilar aos estudos dos jesuítas são as crônicas escritas pelos padres da Companhia de Jesus, documentos que descreviam o cotidiano nas colônias, das quais merecem destaque: as crônicas escritas pelo padre Serafim Leite, intituladas *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Outra fonte bastante consultada e que tem recorte especial para nossa cidade é a obra intitulada: *Os Jesuítas no Grão-Pará:* suas missões e a colonização: *Bosquejo histórico com vários documentos inéditos*; escrita pelo padre João Lúcio de Azevedo. Ainda podem ser consultadas as *Crônicas do Padre João Felipe Bettendorff*, pois embora ele tenha sido destacado para coordenar o Colégio de São Luís do Maranhão, ele foi também Reitor do Colégio de Santo Alexandre em Belém. Igualmente valorosos são os

Apontamentos para a História dos Jesuítas no Brasil, produzido pelo médico, escritor e polígrafo brasileiro Antônio Henriques Leal.

O instrumento de pesquisa adotado neste estudo foi a ficha bibliográfica, contendo além da referência bibliográfica, os excertos de cartas, documentos administrativos e textos monográficos atinentes a esta pesquisa.

Quanto aos procedimentos de estudo, inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica exaustiva, a fim de reunir massa documental pertinente à presença da Companhia de Jesus na cidade de Belém do Grão-Pará, com recorte temporal para o período colonial. Após obtenção deste *corpus,* foram procedidas as leituras das obras selecionadas e a confecção das fichas bibliográficas para posterior análise do discurso e a tessitura da dissertação.

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos, distribuídos da seguinte forma: o primeiro capítulo trata desta introdução e apresenta os objetivos, a situação - problema e as motivações para fazê-la.

O segundo capítulo aborda o tema “A Fundação e os Objetivos Educativos da Companhia de Jesus” e visa contextualizar como ocorreu o processo de criação da Ordem Jesuíta, descrevendo seus objetivos, *modus operandi*, etc., dando um destaque especial para os fatos biográficos de Inácio de Loyola, fundador da Ordem, na intenção de demonstrar como os acontecimentos de sua vida influenciaram no delineamento da Companhia de Jesus.

O cenário encontrado pelos jesuítas quando chegaram ao Grão-Pará, e, sobretudo, que estratagemas eles adotaram para catequizar os índios e educar os filhos dos colonos, bem como a análise da estrutura deste sistema de ensino, calcado em: colégios, escolas, casas e seminários, são os motes do terceiro capítulo.

O quarto capítulo discorre sobre “A Atividade Pedagógica dos Jesuítas na Cidade de Belém”, colocando uma lente de aumento sobre o Colégio de Santo Alexandre, descrevendo suas dependências e analisando suas estratégias pedagógicas aplicadas no cotidiano escolar. Neste capítulo, serão abordados também, os objetivos educacionais tencionados pelos jesuítas que variavam de acordo com os grupos humanos existentes na província do Pará e com o momento histórico vivido.

No último capítulo, são fornecidas nossas reflexões conclusivas.

2 A FUNDAÇÃO E OS OBJETIVOS EDUCATIVOS DA COMPANHIA DE JESUS

A Companhia de Jesus foi uma ordenação religiosa de origem europeia que atingiu rápido grande destaque no cenário mundial entre os séculos XVI e XVIII e que possui uma conformação multifacetada. Surgiu como uma ordem militar, que passou a ser ordem religiosa e que, paulatinamente, se tornou uma “Ordem docente” como afirmou Garcia-Villoslada (1991 apud CHAMBOULEYRON, ARENZ; NEVES NETO, 2011, p. 62).

Essa faceta militar da ordem é também apontada na Enciclopédia Mérito Brasileiro (1963), advertindo para o fato de que os jesuítas tinham uma Constituição quase militar, pois: [...] “à frente da Companhia estava o Geral, sua atividade exerce-se em províncias, sendo regida cada uma por um provinçal. Todo membro da Companhia tem a seu lado um irmão, encarregado de vigiar seu comportamento” (EMB , 1963, p. 495).

Os jesuítas e demais ordens religiosas chegaram à América portuguesa com seus pressupostos e imagem bastante abalados, pois o ideal teocêntrico já não era mais tolerado no Velho Mundo (MONDONI; PAIVA, 2007).

A partida para as colônias do Novo Mundo representava a possibilidade de restabelecer o prestígio da Igreja Católica e retomar a influência perdida nas terras europeias. Àquela altura, a imagem da Igreja Católica estava bem arranhada na Europa devido a toda opressão a que ficaram submetidos os indivíduos (principalmente os que não pertenciam ao clero) em fins da Idade Média. A situação era insustentável, as populações eram ignorantes e miseráveis. Havia uma possibilidade de dinamização latente da sociedade, mas sempre freada pelos filtros da Cristandade (SEFFNER, 1993).

A figura 2 de autoria de João Lichtenberger, exibida no livro *Prenostication,* de 1497, ilustra muito bem a tentativa de transplante da ideologia católica para o Novo Mundo; corrobora essa ideia Freire (1989) ao considerar que a ordem recém-criada por Inácio de Loyola, dentro das preocupações do Concilio de Trento, tinha como fim reafirmar o medievalismo e perpetuar os dogmas e as crenças da Igreja Católica, abalada com a Reforma Protestante.

Os jesuítas intentavam, com essa mudança para a quarta parte do mundo, a formação de uma nova sociedade, forjada a partir da junção das virtudes dos valores cristãos europeus com a inocência dos habitantes do Novo Mundo. Esse ideal dos

jesuítas foi cunhado por Marzal (1999, p. 9) como “uma das mais notáveis utopias da história”.

Esse estado de coisas evolutivas fomentou a propagação de diversos movimentos culturais, políticos, econômicos e sociais, dentre os quais pode-se destacar: o Renascimento Cultural, a invenção da tipografia, o abandono do Feudalismo em prol do Capitalismo e, sobretudo, a Reforma Protestante.

Figura 2 – Gravura do livro *Prenostication,* de João Lichtenberger (1497).

Fonte: Seffner (1993).

O Renascimento Cultural representou um grande avanço para o declínio do poder espiritual católico em terras europeias, visto que o Humanismo previa a valorização da cultura grega eminentemente pautado no Antropocentrismo (homem no centro de tudo) ao invés do Teocentrismo (Deus no centro de todas as coisas) apregoado pelo clero feudal. Com base no Humanismo, foi possível aos intelectuais comprovarem que muitas regras ditadas pela Igreja não tinham fundamento, era possível quebrá-las sem que castigos divinos, como moléstias, infortúnios ou a própria morte acometessem imediatamente ao desviante (PAIS, 2013).

A invenção da imprensa em 1455 pelo alemão Johan Gutenberg também foi um divisor de águas na história da Europa, pois permitiu a democratização do saber que estava literalmente acorrentado nos livros existente nos mosteiros só disponíveis ao clero (HALLWELL, 1985).

Outro acontecimento que afetou a hegemonia da Igreja Católica foi o abandono do Feudalismo, sistema econômico marcadamente limitado, atrasado, dependente de atividades agropastoris, que engessava os anseios de uma crescente burguesia que reivindicava uma economia mais moderna e urbana, baseada na livre iniciativa da propriedade de bens individuais de produção (PAIS, 2013).

Todas essas agitações se consubstanciaram com a Reforma Protestante deflagrada pelo alemão Martinho Lutero, que propunha a liberdade de leitura, tradução e interpretação da Bíblia a toda e qualquer pessoa e não apenas a aceitação passiva da versão imposta pela Igreja Católica (SEFFNER, 1993).

Esta perda de poder gradativo da Igreja também provocou um movimento responsório denominado de Contrarreforma, o qual previa a adoção de uma série de medidas de restauração da fé católica e a criação de ordens missionárias que seriam espalhadas pelo mundo, a fim de apaziguar o cenário dantesco que o mundo se tornou em fins do século XV (COTRIM, 1999).

Nesse período, houve uma série de reuniões religiosas, visando implementar medidas de contenção ao avanço protestante; nesse cerne, emerge a Companhia de Jesus, que embora tenha sido fundada em 1534 pelo ex-soldado convertido em cristão, Inácio de Loyola (1491-1566), somente passou a ser aceita pela Igreja Católica a partir de 1540, oficializada pelo Papa Paulo III, que nas palavras de Sobral (1986, p.77) “surgiram como uma falange do exército de Deus”; porém o reconhecimento da Companhia só se cristalizou após a conclusão do Concilio de Trento, realizado no período de 1545 a 1563 (COTRIM, 1999).

Antes de adentrar propriamente na pedagogia inaciana, convém fazer um aparte sobre Ignácio de Loyola - o fundador da Companhia de Jesus, como será visto na seção a seguir.

2.1 As Experiências e os escritos de Inácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus

O idealizador da Companhia de Jesus – Iñigo Lopez Oñaz de Loyola[11] – foi um soldado espanhol, de origem nobre. Ele nasceu em 23 de outubro de 1491, na região de Loyola (atualmente conhecida como Azpzitia), território basco da Espanha, em uma família tradicionalmente ligada à cavalaria, sendo o caçula de uma prole de treze filhos de D. Beltrán de Loyola e Da. Maria Sonnez (SANTOS..., 2015).

Aos 15 anos de idade, Inácio tornou-se pajem do contador-mor do Rei de Castela, Juan Velázquez de Cuellar, Duque de Arévalo. Inebriado pela fama e glória dispensada aos cavaleiros naquela época na Europa, rapidamente ele foi ascendendo na carreira militar. Loyola tinha uma vida agitada, sempre envolto em festas, jogos, bebidas e conturbados relacionamentos amorosos (MONDONI; PAIVA, 2007).

Quando chegou aos seus 30 anos, Loyola já era considerado um temido oficial do exército e, por isso, foi destacado por Carlos V, monarca da Espanha, para impedir que a fortaleza de Pamplona fosse invadida pelas tropas francesas. Porém, durante a Batalha de Pamplona (1521), foi afastado do combate ao ser atingido por uma bala de canhão que por pouco não lhe arrancou a perna direita, deixando-o manco para o resto da vida (BISCHOFF, 1964).

Passados uns dias, Inácio percebera que não tinha sido socorrido adequadamente e que sua perna ficaria torta, o que iria inviabilizar sua aparição nos glamorosos bailes da corte espanhola e seu consequente sucesso que fazia com as mulheres; por isso mandou que os médicos serrassem o osso defeituoso e colocassem a tala novamente para poder se livrar da deformidade. Entretanto, este procedimento foi arriscado, sua perna infeccionou e ele quase morreu. Arrependido, ele rogou a Nossa Senhora para livrá-lo daquele infortúnio e prometeu que, assim que se recuperasse, ia agradecer pela graça alcançada[12] na Igreja de Nossa Senhora de Montserrat (MONDONI; PAIVA, 2007).

[11] Após se tornar sacerdote, em 1537, ele muda seu nome para Inácio (AUDI COELUM, 2010).

[12] Pelo sofrimento passado e por ter sobrevivido a um tratamento quase mortal, os devotos rogam ao Santo Ignácio de Loyola para protegê-los durante operações dolorosas e ariscadas (MONDONI; PAIVA, 2007).

Figura 3 - Inácio de Loyola, trajando sua armadura, antes da conversão.

Fonte: HERALDOS TOLEDO (2012).

Em convalescência na casa de seu irmão mais velho, D. Martim Garcia, utilizou a leitura para passar o tempo, queria ler novelas de cavalaria para, pelo menos na imaginação, poder viver as agitações das batalhas. Mas ao invés disso, Madalena, a esposa do seu irmão, lhe dava livros religiosos, principalmente hagiografias (livro sobre a vida dos santos), para acalmá-lo e tirá-lo da vida bélica (NAZÉ, 2008).

Inicialmente, Loyola leu os livros religiosos [13], mas logo se enfadou, abandonando-os, porém sem ter outra coisa a fazer, e com o avançar dos dias, voltou a lê-los; e encontrou nestes, alento e inspiração, ou seja eles deixaram de ser uma mera leitura de entretenimento. Ignácio se sentiu tocado pelas mensagens evangelizadoras a tal ponto, que resolveu dar um novo rumo para sua vida, abandonando a vida bélica e se dedicando a um estilo de vida religioso, se convertendo-se em um soldado de Cristo (BISCHOF, 1964).

[13] Segundo Bischof (1964) Loyola teve predileção pelas seguintes obras: *Vita Christi*, escrito por Rodolfo da Saxônia, e na *Legenda Áurea*, escrito pelo monge cisterciense Jacopo de Varazze; nesta obra ele faz uma interessante analogia das tarefas de uma ordem cavalheiresca com os serviços de quem se dedica a Deus.

Esta aproximação íntima de Inácio com Deus é narrada pelo Padre Vieira (1939) em seu *Sermão de Santo Inácio*, proferido em 1696, no colégio de Santo Antão, em Lisboa, o qual enuncia:

> Cansado de lutar com pensamentos tão vastos, pediu um livro de cavalaria para passar o tempo; mas oh Providência Divina! Um livro que só se achou era das vidas dos Santos. Bem pagou depois Santo Inácio em livros o que deveu a este. Mas viu o quanto era importante a lição de bons livros. Se o lera cavalarias, sairia Inácio um cavaleiro da ardente espada; leu vida de santos, saiu um Santo de ardente tocha (Lc 12,35: "Esteja mas candeias acesa sem vossas mãos). Toma Inácio o livro nas mãos: lê-o a princípio com dissabor; pouco depois sem fastio; ultimamente com gosto; e dali por diante conforme, com ânsia, com cuidado, com desengano, com devoção, com lágrimas.
> Estava atônito Inácio com o que lia, e dever que havia no mundo outra milícia para ele tão nova e tão ignorada. Porque os que seguem a lei do apetite, como ser sem batalha, não têm conhecimento da guerra. Já lhe apreciam maiores aqueles combates, mais fortes aquelas resistências, mais ilustres aquelas façanhas, mais gloriosas aquelas vitórias e mais para apetecer aqueles triunfos. Resolve-se a trocar as armas, e alistar-se debaixo das bandeiras de Cristo: e a espada, de que tanto se prezava, foi o primeiro despojo, que ofereceu a Deus, e a Sua Mãe nos Altares de Montserrate: "Aceitai, Senhora, essa espada, que, como se hão de rebelar contra vós tantos inimigos, tempo virá, em que seja bem necessária para a defesa de vossos atributos […].(VIEIRA,1939, p.42).

Após seu restabelecimento, ele abandonou a vida de luxo que tinha no Castelo dos Loyolas, e foi à cidade de Montserrat (próxima a Barcelona), no mosteiro beneditino, para se confessar e agradecer a Nossa Senhora de Montserrat (como havia prometido). Ele depositou no altar da Santa, sua espada e sua armadura; e promete dedicar, daí para frente a sua vida inteiramente a Deus. Ele se desfez de suas roupas de nobre e passou a se trajar apenas uma túnica, à moda dos andarilhos; e, desta maneira simples, ele pretendia chegar esmolando até Jerusalém, a *terra santa* (MAGRO, 2011). Inicialmente, ele fez uma parada em Manresa, (outro município também próximo a Barcelona), onde ficou recluso em uma gruta; neste retiro espiritual, Loyola se inspirou e escreveu a sua famosa obra intitulada "Exercícios Espirituais" (ver foto 1).

Foto 1 – Frontispício do livro Exercícios Espirituais, de Santo Ignácio de Loyola

Fonte: CLFC/PUC-Rio (2016)

Schneider (2000, p. 56) traça um panorama dos *Exercícios Espirituais* ao dizer:

> [...] apresenta uma metodologia própria, que permite percorrer um caminho interior que vai do "próprio eu" para um "eu" mais livre, profundo e comprometido. Em etapas diferentes, chamadas de "Semanas", o exercitante toma consciência do que é, e do que é chamado a ser. No final dessa experiência (30 dias intensivos ou nove meses, exercitando-se, por mais de uma hora cada dia), o exercitante notará em si uma nova sensibilidade que lhe permitirá encontrar Deus em tudo e todos, fazendo-se um "contemplativo na ação". Nesses quase 500 anos que já se passaram, são muitos os que experimentam os efeitos positivos desta "mistagogia" que brota dos Exercícios Espirituais.

Levando uma vida de peregrino, Loyola chegou à Jerusalém em 4 de setembro de 1523; e lá pretendia ficar até o fim de sua vida, mas foi aconselhado por frades franciscanos, responsáveis pela custódia dos Santos Lugares, a retornar à Europa (MOREIRA, D., 2013).

Após seu regresso à Espanha em março de 1524, Loyola continuou sua vida de resignação e se dedicou à evangelização, falando de Deus abertamente nos mais variados lugares. Esse fato lhe acarretou problemas, pois as pessoas o acusavam de ser herege ou charlatão; porque não concebiam que um andarilho poderia falar tanto sobre Deus sem ter uma formação em Teologia. E também desconfiavam que em seu livro *Exercícios Espirituais* poderia conter algum tipo de fanatismo religioso ou heresia. Loyola foi preso, mas como não foi encontrada nenhuma prova de atividade herética, ele foi solto e resolveu estudar Teologia, para assim poder exercer sua missão evangelizadora legalmente (MONDONI; PAIVA, 2007).

Assim, Loyola ingressou na Universidade de Barcelona para estudar Latim, foi estudar Filosofia e Teologia nas Universidades de Alcalá e de Salamanca. Posteriormente, complementou seus estudos de Teologia na Universidade de Sorbonne, em Paris (ver esquema 1). Porém, sua estadia em Sorbonne se encurtou, devido sua divergência com as correntes de pensamento que questionavam a doutrina católica (ALVES, J., 2008).

Esquema 1 – Trajetória acadêmica de Ignácio de Loyola.

Fonte: Alves, J. (2008) e Moreira (2013) adaptado pela autora desta dissertação.

Em Montmartre, Paris, a 15 de agosto de 1534, Inácio funda a Companhia de Jesus. Juntaram-se a ele mais seis companheiros do curso de Teologia da Universidade de Sorbonne, formando o conhecido como o “Grupo de Paris” (MOREIRA, 2013), a saber:

Pedro Fabro (? – 1546), nasceu em Saboia (França). Durante o período em que estudou no Colégio de Santa Bárbara, foi colega de quarto de Loyola. Decidiu-se pelo sacerdócio após praticar os preceitos do livro Exercícios Espirituais. Quando adolescente, Fabro era pastor de ovelhas, abandonou a vida rural em função da religiosa influenciado por um tio que era sacerdote e lhe conseguiu uma bolsa na Sorbonne, em Paris, e foi lá que Fabro conheceu Loyola (BISCHOF, 1964).

Foto 2 –PedroFabro

Fonte: SANTOS... (2016)

Fabro nutria muita admiração por Loyola, e considerava este o seu guia espiritual, como revela:

> E como vivíamos no mesmo aposento, comíamos à mesma mesa e tínhamos a bolsa em comum, e como ele era o meu mestre nas coisas do espírito e me dava possibilidade de penetrar no conhecimento da vontade divina e no meu conhecimento próprio, identificávamo-nos finalmente nos desejos, na vontade e no firme propósito de escolher a vida que seguimos agora, todos os que somos ou já foram membros desta Companhia, de que eu não sou digno (SANTOS ..., 2016).

Como membro da Companhia de Jesus, Fabro missionou na Alemanha, Portugal, Espanha e França. Participou do Concílio de Trento a convite do Papa Paulo III. Em 1546, Fabro faleceu em Roma e, em 1872, foi beatificado[14] pelo Papa Pio IX.

Francisco Xavier, espanhol, nasceu em 7 de abril de 1506, no castelo de Xavier, na Espanha. Teve uma vida muito parecida com a de Inácio de Loyola, cresceu em uma sociedade cavalheiresca. Ao completar a maioridade, foi estudar em Paris, onde doutorou-se e se tornou docente. Foi nesse período que dividiu quarto com Pedro Fabro e com Loyola. Xavier era muito questionador e foi o último membro a compor o cerne fundante da Companhia de Jesus, mas depois de arrebatado, Xavier tornou-se um dos maiores defensores e expoentes da Companhia (ALVES, J. 2008).

Foto 3 – Francisco Xavier.

Fonte:SANTOS...(2016)

Xavier foi destacado para missionar no Japão, e sua destreza rendeu-lhe a alcunha de "São Paulo do Oriente"; e teve também destacado papel na Missão na Índia. Xavier foi um dos jesuítas que mais missionou por lugares muito longínquos.

[14]A beatificação é, pois, uma etapa do processo de canonização pela qual se proclama que o servo de Deus goza da felicidade eterna, ou seja, é um Beato ou Bem-Aventurado, e se autoriza que lhe seja prestado um culto limitado (a uma diocese, a um país, a uma congregação religiosa etc.). Ela não envolve a infalibilidade pontifícia. Já a canonização é um ato definitivo pelo qual o Sumo Pontífice decreta que o Bem-Aventurado seja inscrito no Catálogo dos Santos para ser cultuado pelos fiéis em todo o mundo (SANTO, 2005, p. 17).

Santos (2016) diz que: “se colocássemos em uma linha suas viagens, daríamos três vezes a volta na Terra”, por esse motivo, São Francisco Xavier é considerado (juntamente com Santa Teresinha do Menino Jesus), o *Patrono Universal das Missões*[15].

No afã de atingir outro território oriental muito almejado e inóspito – a China –, Xavier morreu em 03 de dezembro de 1552, em Sanchoão, Taishan, China, muito debilitado por uma febre e pelo cansaço.

Em 25 de outubro de 1619, o Papa Paulo V beatificou Francisco de Xavier. Sua canonização ocorreu em 12 de março de 1622, (concomitantemente à canonização de Inácio de Loyola) realizada pelo Papa Gregório XV. No entanto, o dia de sua devoção é 3 de dezembro, data de sua morte (SANTOS, 2016). A ele era dedicada a Igreja dos jesuítas em Belém do Grão-Pará, mas que teve seu nome alterado depois da expulsão desta ordem religiosa, os detalhes serão explicados no capítulo 4;

Simão Rodrigues, português, bolsista no Colégio Santa Bárbara. Foi atraído pela fama de santidade de Inácio. Chegou a ser o primeiro Superior Provincial da Companhia em Portugal e amigo do Rei João III (CANTOS, COSTA, [2005]).

Foto 4 -SimãoRodrigues

Fonte: PACHECO (1987)

Rodrigues nasceu em 1510, em Vouzela (Portugal). Cresceu na corte lisboeta como serviçal do Deão da Capela Real. Posteriormente, foi estudar em Paris, no Colégio de Santa Bárbara, onde conheceu Inácio de Loyola e praticou seus Exercícios Espirituais.

Retornou a Lisboa a pedido de D. João III, em 1540. Passados seis anos, ele se tornou o primeiro Provincial de Portugal - a primeira província no mundo da Companhia de Jesus [...]. Simão Rodrigues acabou por ficar em Lisboa, onde, no Colégio de Jesus, em Coimbra (hoje “Sé Nova”), acolheu muitos jovens na Companhia de Jesus. Rodrigues faleceu em Lisboa, em 1579, aos 69 anos (TENDA MAMÃ, 2006).

[15]Titulo atribuído pelo Papa Pio XI, em 14 de dezembro de 1927.

Diogo Laínez, espanhol, homem equilibrado, unia uma grande capacidade intelectual ao dom das relações humanas (BISCHOF, 1964).

Foto 5 – DiogoLaynezdeAlmazán

Fonte:WIKIPEDIA(2016b)

Laínez nasceu em 19 de janeiro de 1512, na cidade de Almazán, em Castela. Graduou-se em Filosofia em Alcalá e, posteriormente, foi estudar em Paris, onde acaba conhecendo Inácio de Loyola. Tempos depois, aceita seu convite de participar do grupo *Companheiros no Senhor* que foi a célula *mater* da Companhia de Jesus.

Diogo se destacou muito no Concílio de Trento (principalmente na fase final 1562-1563), e foi um dos peritos (teólogo) a serviço de Paulo III. Laynez lecionou Teologia Escolástica em *La Sapienza*.

Loyola foi sucedido por Laínez no cargo de Superior Geral da Companhia de Jesus, ato que só foi consumado após dois anos da morte de Santo Inácio, porque Laynez era um desafeto do Papa Paulo IV. Mas, apesar disso, seu nome foi cogitado para ocupar o papado após o falecimento de Paulo IV; porém Laynez declinou do convite (WIKIPEDIA, 2016b).

Afonso Salmerón (ou **Alfonso Salmerón, S.J.** ou **Alphonsus Salmeron)**, nasceu em 8 de setembro de 1515, em Toledo (Espanha), foi um dos primeiros jesuítas, teólogo e erudito exegeta da Bíblia durante o período da Reforma Católica.

Foto 6 -Afonso Salmerón

Fonte: WIKIPEDIA (2016a)

Salmeron estudou Literatura e Filosofia em Alcalá, e Filosofia e Teologia na Sorbonne, em Paris. Foi apresentado a Loyola por Diego Laínez, seu amigo inseparável, que o acompanhava desde Alcalá. Salmerón era o caçula da Companhia de Jesus.

Afonso participou do Concílio de Trento como teólogo de Júlio III. Salmeron faleceu em 13 de fevereiro de 1585, em Nápoles, na Itália (WIKIPEDIA, 2016a);

Foto 7 – Nicolau Bobadilla

Fonte: TENDA MAMÃ (2006)

Nicolau Afonso Bobadilla (1511-1590), nasceu em Valência (Espanha), em 1511. Estudou Lógica, Retórica, e Teologia em Valladolid. Foi aprimorar seus estudos em Teologia em Sorbonne, onde teve contato com as ideias de Inácio de Loyola e aceitou participar da Companhia.

Ordenou-se sacerdote em Veneza e pregou e missionou em mais de 70 dioceses. Missionou também na Alemanha e na Dalmátia.

Devido as suas habilidades diplomáticas, o Papa Paulo III destacou Nicolau para interceder na reconciliação entre Joana de Aragão e o seu marido, qualidade esta que também chamou a atenção do Rei D. João III, que o convidou para missionar em Portugal, porém ele adoeceu e Francisco Xavier, lhe substituiu. Esse traquejo diplomático de Bobadilla permitiu que ele interagisse com muitas autoridades de sua época, como enumera Tenda (2006) ao dizer:

> Nicolau dialogou com oito papas, três imperadores, numerosos príncipes e arcebispos italianos, príncipes alemães, cardeais e bispos de toda a Itália. Foi um homem de enorme talento e grandes contrastes, independente e impulsivo, extraordinário tanto pelos seus feitos como pela sua imprudência. O Papa impediu-o de participar nas deliberações jesuíticas em Roma, em 1539 e 1541. Carlos V expulsou-o da Alemanha em 1548, e as suas investidas sem sucesso para alterações na Companhia de Jesus causaram uma intervenção papal.

Bobadila foi o último do grupo fundante dos jesuítas a morrer, em 1590, em Loretto, na Itália (TENDA, 2006).

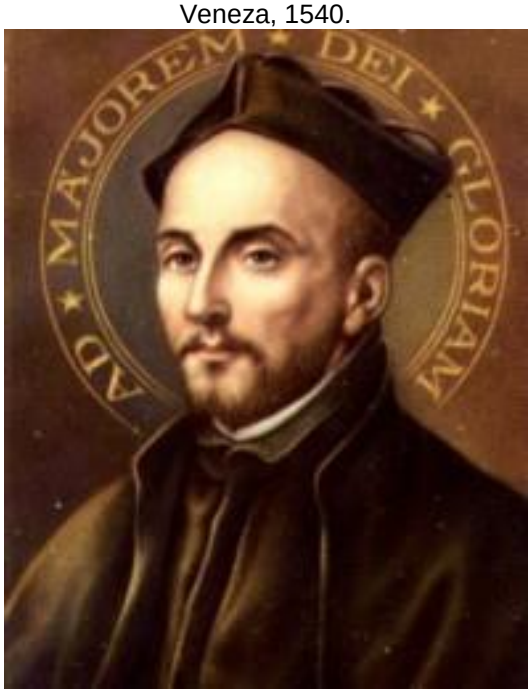
Loyola e seus companheiros, na Igreja de Santa Maria, em Montmatre, fizeram os votos de: obediência, pobreza, castidade e submissão absoluta ao

papa[16]; este último voto foi criado por Loyola e imposto aos demais membros (GEB, 1963).

Eles intentavam ir a Jerusalém e por lá ficar até o fim da vida, evangelizando. Devido não haver navio disponível para a Palestina, eles mudaram de ideia e decidiram oferecer seus serviços ao Papa Paulo III (BISCHOF, 1964).

Somente em 1537, Loyola e seus companheiros foram ordenados sacerdotes. Três anos depois, por meio da bula *Regimini militantis Ecclesiae,* o papa Paulo III oficializou a criação da *Societa Jesu* ou *Companhia de Jesus,* e Inácio de Loyola foi nomeado para o cargo de Superior-geral (AUDI COELUM, 2010).

Foto 8 – Inácio de Loyola, ordenado sacerdote, Veneza, 1540.



Fonte: ARQUIDIOCESE DE NATAL (2014)

Para fortalecer ainda mais a imagem da ordem jesuítica, Inácio de Loyola adotou, em 1541, o trigrama IHS como selo para identificar as correspondências jesuíticas. Anteriormente, ele o utilizou no seu livro *Exercícios Espirituais* e, depois, o adotou como carimbo oficial da ordem. Com o passar do tempo, esse trigrama se transfigurou em símbolo dos inacianos e está presente em todos os colégios e publicações ligados a essa Ordem (PORTAL HF, 2013).

[16] Segundo Toledo (1964, p. 818), para Loyola: [...] a essência da regra jesuítica era a obediência aos seus superiores total e absoluta. Santo Inácio queria que os jesuítas obedecessem *presindi ad cadáved*, isto é como cadáveres que não têm vontade própria.

O trigrama IHS é proveniente do vocábulo grego “IEHSUS”, que significa Jesus; depois ele migrou para a etimologia latina de ***I****esus* ***H****ominum* ***S****alvatoris* (Jesus Salvador dos Homens) , de tradição medieval (OLIVEIRA, M. 2005). Esse IHS é um trigrama cristológico muito difundido pelo pregador São Bernardino de Sena no século XIV. Dois séculos mais tarde, os jesuítas repaginam esse trigrama com a significação de *Iesus Habemus Socium*, que significa “Temos Jesus como companheiro”.

Foto 9 – Diversos usos do trigrama IHS representado em inúmeros prédios jesuítas

Fonte: PORTAL HF (2013).

Posteriormente, o trigrama foi recebendo mais elementos (Ver figura 4), tais como: o Sol, que significa tanto a propagação do Cristo em todo o mundo quanto a enormidade da Companhia; os Cravos, em número de três para fazer alusão à crucificação, e a Cruz, que representam a terceira semana dos exercícios espirituais e a paixão de Cristo (OLIVEIRA, M., 2005; STEPHANIE, 2015).

Figura 4 – Símbolo dos jesuítas

Fonte: CCMF (2016)

A figura de Inácio de Loyola sempre foi alvo de inúmeras polêmicas, não só pelos seus coetâneos como por teóricos de gerações ulteriores. As pessoas de convívio muito próximo a ele estranharam e inquiriam como um homem extremamente vaidoso, devasso e bélico poderia rapidamente se tornar um evangelizador altruísta?

Muitos de seus inimigos ideológicos criticavam o fato de ele ser militar e não um docente. Daí, questionavam como uma pessoa com esta formação poderia coordenar a elaboração de um projeto pedagógico tão amplamente usado como a Ratio *Studiorum*?

Luzuriaga (1975, p. 123) dá boas explicações a esses questionamentos, sumarizando:

> Inácio de Loyola não se distingue como educador ou pedagogista, mas antes como fundador e grande espírito organizador. Nesse sentido, sua obra é a Companhia de Jesus, da qual já se falou que deu feição de milícia, que ele próprio vivera [...] Suas ideias pedagógicas estão contidas nas Constituições, a que teve de ajuntar seção especial sobre a Educação nos colégios.

Carvalho et al. (2008, p. 5) consideram a educação como a esfera da vida humana mais importante a ser desenvolvida na questão ideológica do pensamento europeu daquele período ao dizerem:

> A luta entre católicos e protestantes se deu, mais diretamente, no campo educacional. A Contra-Reforma instituiu o que ficou conhecido como Companhia de Jesus […] surgiu como instrumento de luta contra a Reforma, e seu fundamento consistia na máxima que tudo deve ser feito *para maior glória de Deus*.
> Este ideal previa o desaparecimento do indivíduo como personalidade autônoma e crítica. Seu principal objetivo era controlar, por meio da educação, o povo em geral e, em especial, os nobres e a alta burguesia, facções propícias ao ideário protestante. Pode-se dizer que a Contra-Reforma foi um forte movimento de resgate da hegemonia da igreja católica, em detrimento de toda inovação política, ideológica e cultural.

Todavia, o debate ideológico religioso na Europa estava praticamente perdido pelos católicos. Somente Portugal e Espanha ainda se prendiam aos resquícios do Feudalismo e não aceitavam os novos ditames da sociedade burguesa em ascensão. Nesse ínterim, boa parte da Europa já se tornara Protestante, pois temia o retorno ao retrocesso econômico e cultural dos últimos séculos vividos. Fortaleceram-se os idiomas de cada pais, o grego e o latim já não eram as únicas fontes de escrita e leitura dos conhecimentos produzidos; a Bíblia era lida e interpretada livremente – ou seja, a Igreja Católica precisava de um novo território, porque a Europa para eles já estava perdida (SEFFNER, 1993).

Em 1548, foi criado na Sicília, Itália, o primeiro colégio jesuíta, inicialmente destinado a leigos (FONSECA, S., 2005).

Inácio formou e destacou os missionários jesuítas para diversas partes do mundo, para fixarem o Cristianismo, primordialmente aos autóctones pagãos das colônias do Novo Mundo. Loyola e seus companheiros eram padres seculares, pois eles não ficavam reclusos nos conventos, muito ao contrário, eles interagiam com os fiéis (NUNES, 2008). Por pretender propagar a fé, os jesuítas “[...] se espalharam pelo mundo: na própria Europa, assolada por heresias, como nos novos mundos descobertos: África, Ásia e América. Logo descobriram ser mais segura a conquista das almas jovens e se dedicaram à ação pedagógica” (ARANHA, 1996, p. 91).

Entretanto, desde que esteve no cargo de Geral da Ordem, Inácio nunca gozou de boa saúde, falecendo em Roma em 31 de julho de 1556. Seus préstimos à evangelização foram reconhecidos por meio de sua beatificação, ocorrida em 27 de julho de 1609, e sua consequente canonização foi oficializada pelo Papa Gregório

XV em 12 de março de 1622 (MOREIRA, 2013; ARQUIDIOCESE DE NATAL, 2016). Outra homenagem também recebida ocorreu em 1922, quando o Papa Pio XI reconheceu Santo Inácio como *Padroeiro de Todos os Retiros Espirituais,* devido aos grandes períodos de reclusões e reflexões que praticou ao longo da vida (SANTOS..., 2015).

2.2 A Fundação da Companhia de Jesus

A grande desenvoltura dos lusitanos para as navegações, a invenção da bússola e os avanços cartográficos permitiram a descoberta e fixação do poderio europeu (sobretudo lusitano) em terras do denominado Novo Mundo, ou seja, uma tentativa de reimplantar a dominação católica em outra parte do globo terrestre (COTRIM, 1999).

A Igreja Católica sempre exerceu uma grande influência sobre o Estado português (essa parceria gerou o Padroado[17]). Esse era um costume muito arraigado na cultura portuguesa, como relata Lamartine (1916, p. 37):

> Entre os romanos, a posse da terra era um facto consumado, desde que se operava a implantação da lança quiritaria.
> Pelos dias luminosos da Renascença, substituíram os portugueses, para effeitos similares; o symbolo guerreiro pela arvore da cruz. A implantação do lenho venerável indicava um duplo accontecimento: a posse da terra e a posse das almas, que entre os povos christaos, o material andava sempre associado ao espiritual, n'um perfeito consorcio da terra com o ceo, do homem com a divindade.
> [...] D'ahi a razão porque nas conquistas portuguezas, a influência religiosa corria parelha a ação do laicismo, temperando-lhes os excessos.

A Companhia de Jesus inicialmente agradava tanto ao Estado quanto à Igreja, contribuindo significativamente para a expansão dos domínios portugueses pelo mundo.

Vários fatores contribuíram para a vinda da Companhia de Jesus ao Brasil, dentre os quais pode-se destacar: a) O vertiginoso crescimento, que ela veio tendo

[17][...] a outorga, pela Igreja de Roma, de um certo grau de controle sobre a igreja local ou nacional, a um administrador civil, em apreço de seu zelo, dedicação e esforços para difundir a religião e como estímulo para futuras "boas obras". De certo modo o espírito do Padroado pode ser assim resumido: aquilo que é construído pelo administrador pode ser controlado por ele. O sistema de Padroado no Brasil foi constituído por uma série de Bulas Papais por quatro Papas entre 1455 e 1515 (BRUNEAU, 1974, p. 31-32 apud SAVIANI, 2007, p.178).

em toda a Europa; b) A admiração que D. Joao III, monarca português daquela época, nutria pela Companhia ao considerar que as ações pedagógicas dos jesuítas se alinhavam ao planejamento que a Coroa Portuguesa previa para as suas colônias; e, c) Àquela época, os inacianos adotavam uma filosofia educacional de cunho humanista cristão e não puramente teológico como as demais (PUENTES, 2005);

Para a conquista dos habitantes da América portuguesa, os jesuítas se valeram de estratégias lúdicas, fazendo uso principalmente do teatro para se aproximar em dos íncolas, por perceberem que se tratavam de populações iletradas, em que a comunicação e transmissão de conhecimentos se dava pela oralidade. Com essa observação, os inacianos foram responsáveis pela implantação de mais uma inovação em terras brasileiras – eles implantaram o teatro missioneiro[18], como aduz Salles (1994, p. 3):

> O teatro foi introduzido no Pará, no século XVII, pouco depois de instalado o domínio português. Manifestou-se inicialmente nas escolas dos missionários e nos lares de famílias abastadas. Representações modestas, de um lado destinadas à conversão e educação do nativo, do outro lado ao lazer da sociedade de modelo europeu que, entre nós, cultivava os hábitos da metrópole.

Além das artes cênicas, outros elementos lúdicos, tais como: a dança, o canto e a música, também serviram a ação catequético-apostólica dos jesuítas, como bem observou Leite (1943, v. 4, p. 297) ao dizer que os íncolas eram: “muito amigos de festas, danças e bailes”. Daí o sucesso no uso da estratégica jesuítica em optar pela ludicidade para evangelização dos autóctones e contribuir para a implantação das artes cênicas no Brasil, como atesta Leite (1943, v. 4, p. 297): “com elementos da vida brasileira de então, anhangás, plumagens, expressões tupis, certamente a primeira manifestação do teatro brasileiro”.

A pedagogia jesuíta ou humanista cristã, como também é conhecida, pregava o engrandecimento da pessoa humana e se fundamentava nos valores cristãos de: amor, justiça, paz e honestidade.

[18] Ressalta-se que outras ordens religiosas também se valeram do teatro missioneiro para se aproximar dos índios, porém como suas produções não foram registradas em fontes historiográficas (a despeito do que fizéramos jesuítas) pouco se menciona a produção dramatúrgica das outras ordens religiosas.

Os jesuítas tinham uma pedagogia ativa, cujo fulcro residia na interação entre estudantes e mestres. Conforme Kassab (2010, p. 43), os pressupostos inacianos viam: “[...] o professor, por sua proximidade com os estudantes, como um instrumento de Deus, o qual tinha a responsabilidade de pôr em prática o plano designado por Deus para cada estudante”.

Para Loyola, o mentor da Companhia de Jesus, letras e espírito estavam inextricavelmente ligados no ser humano, pois considerava infrutífero tanto um indivíduo letrado, mas espiritualmente fraco, quanto um indivíduo com espiritualidade desenvolta, porém inculto. Para Loyola, nenhum destes indivíduos poderia ser considerado um humanista (SCHNEIDER, 2013).

A Companhia de Jesus foi criada com o fito de "aperfeiçoar as almas na vida e na doutrina cristãs, e para a propagação da fé" (CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS, 2004, p. 29). E essa eminente ordem religiosa se pautava nos seguintes princípios, como Shigunov Neto (2015, p. 24) ressalta:

> a) Busca da perfeição humana por meio da Palavra de Deus e a vontade dos homens;
> b) Obediência absoluta e sem limites aos superiores;
> c) Disciplina severa e rígida;
> d) Hierarquia baseada na estrutura militar;
> e) Valorização da aptidão pessoal de seus membros.

Com base no exposto, pressupõe-se que a Companhia de Jesus mais parece uma milícia do que uma ordem religiosa, porém muitos desses princípios sofreram influência de Inácio de Loyola, que apesar de ser um homem muito devotado a Deus, não esqueceu suas raízes militares e aproveitou os bons valores que o militarismo lhe deixou. A própria denominação da Ordem foi cunhada por Loyola, ele elegeu o termo Companhia porque àquela época esse termo também poderia ter acepção militar e as companhias militares eram geralmente conhecidas pelo nome de seus capitães, e como Inácio e seus amigos se consideravam os soldados de Cristo, nada mais justo do que a Ordem ser chamada de Companhia de Jesus (SOLIMEO, 2005).

No final da Idade Média, a educação europeia se bifurcava entre duas linhas: o *Modus Parisiensis,* adotado pela Universidade de Paris, que enfatizava o uso de práticas e exercícios cujo ponto focal é o discente; e o *Modus italico* apregoado pela Universidade de Bolonha, cujo cerne da teoria incide sobre o docente. Motivado pela

experiência de libertação individual na busca de Deus, Inácio de Loyola optou pela primeira linha para ser o fio condutor de sua pedagogia (KASSAB, 2010).

Ademais, Loyola havia estudado em várias universidades (Barcelona, Salamanca, Alcalá, Sorbonne) e julgava o método de estudo utilizado na Sorbonne como mais eficiente.

2.3 O Pensamento neoescolástico e a formação dos candidatos jesuítas

Os jesuítas se debruçaram na Escolástica [proveniente do grego *scholastiké*, da escola, e pelo latim *scholástica*] (NASCENTES, 1955, p. 185). O termo provém de *scholasticus,* que significa mestre-escola sendo associada a este a prática de ensino da filosofia aplicada nas universidades européias e utilizada nas mesmas desde o século V d.C., para consubstanciar o seu método de ensino (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002).

Na Idade Média era muito comum a circulação do conhecimento científico nos mosteiros e escolas episcopais - *schola* (NASCENTES, 1955). Cuvelier (1961) tem uma visão bem mais simplista da coisa e afirma que Escolástica é algo que está relacionado à filosofia da “escola” que se ensinava na Idade Média até o século XVII (a de Aristóteles adaptada ao dogma cristão).

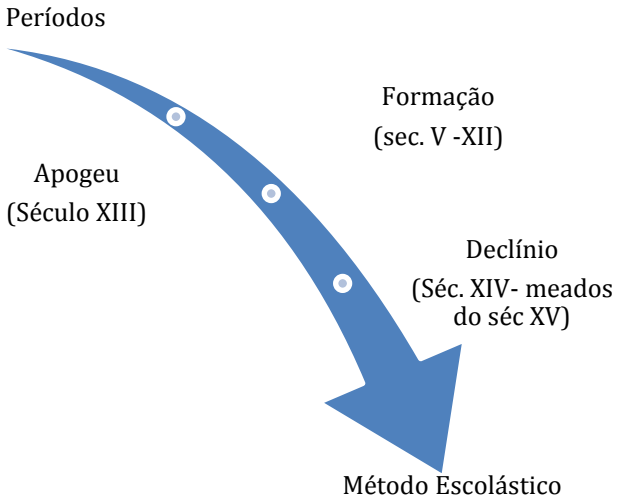
Segundo Franca (1957), a Escolástica é mais um método ou organização de ensino do que propriamente uma doutrina filosófica.

Conforme Grabmann (2005), a Escolástica era um método que procurava:

> [...] alcançar um mais profundo conhecimento do conteúdo da fé, para assim substancialmente aproximar a verdade sobrenatural e a razão humana pensante, de modo a tornar possível uma apresentação global, sistemática e orgânica das verdades da fé e resolver as objeções colocadas do ponto de vista da razão contra o conteúdo da revelação. Através de um processo evolutivo gradual, o método escolástico construiu uma determinada técnica, uma determinada forma externa, por assim dizer, concretizou-se e materializou-se.

Calegari (2014), periodiza a Escolástica em três momentos, como pode ser visto no diagrama 2:

Diagrama 2 – Periodização da Escolástica



Fonte: Calegari (2014) adaptado pela autora desta pesquisa.

A Escolástica foi uma linha de investigação proveniente da filosofia medieval, criada para subsidiar o conhecimento religioso propagado pela Igreja Católica no continente europeu.

Com o advento da Idade Média, instaurou-se um novo pensamento no mundo filosófico, fazendo com que os pressupostos greco-latinos que sempre pautaram a Filosofia passassem a ser influenciados pelas culturas judaica e cristã, período em que os pensadores cristãos atentaram para a necessidade de relacionar o pensamento religioso com o pensamento filosófico. Percebe-se que algumas temáticas, que em períodos remotos estavam à margem do pensamento grego, tais como: Criação, Providência, Revelação Divina etc), subitamente passaram a ter grande repercussão no debate filosófico (FRANCA, 1957).

A Escolástica era essencialmente neoplatônica e caracterizava-se por buscar harmonizar tópicos da filosofia platônica a valores religiosos, adaptados ao pensamento cristão ocidental.

Algumas fontes se tornaram basilares para a cristalização da Escolástica, das quais pode-se destacar: os filósofos antigos; as Sagradas Escrituras; e os Doutores da Igreja, notadamente Santo Agostinho, mas primordialmente São Tomás de Aquino, que foi o teórico que mais se aprofundou no equilíbrio do diálogo entre a fé e a razão (CALEGARI, 2014).

2.4 A Organização estrutural do ensino jesuítico

Estruturalmente, o ensino jesuítico se bifurcava nos seguintes cursos: os *Studia inferior* e os *Studia superior* (FRANCA, 1952).

O *Studia inferior* envolvia:

a) **Letras e Humanas:** correspondiam ao ensino secundário, duravam três anos, envolviam o aprendizado de Gramática, Humanidades e Retórica, tomavam por base a literatura clássica greco-latina;

   Nas classes de Gramática, o latim era ensinado até o perfeito domínio da língua. No Renascimento e no início da Idade Moderna, persistia o costume de filósofos e cientistas escreverem em latim, promovendo a universalização da cultura. Os jesuítas obrigavam o uso até nas conversações diárias, para que os alunos pudessem assimilar.

b) **Filosofia e Ciências (ou Curso de Artes)**, com duração de três anos, tinham como finalidade formar filósofos e ofereciam as disciplinas de: Lógica, Introdução às Ciências, Cosmologia, Psicologia, Física (Aristotélica) Metafísica e Filosofia Moral.

Já o *Studia superior*, contemplava:

a) **Teologia e Ciências Sagradas**, com duração de quatro anos, coroavam os estudos e visavam formar padres.

Segundo Almeida et al. (2009), os indivíduos que pretendiam seguir a carreira religiosa, depois de formados, poderiam optar por fazer parte de uma das duas classes[19]: a dos *Irmãos;* ou a dos *Padres*. Porém, independente da classe ocupada, eles teriam que igualmente cumprir deveres e usufruir de direitos quanto à vida religiosa e comunitária.

[19]Independente da classe a que pertencesse, cada jesuíta, ao terminar o Noviciado, fazia seus votos particulares de pobreza, castidade e obediência, definitivos e perpétuos, que após a Terceira Provação, eram proferidos de forma oficial, pública e solene (ALMEIDA et al., 2009).

Os Padres exercem o ministério sacerdotal e são preparados dentro das exigências da Igreja, através da Faculdade de Filosofia e Teologia.

Os irmãos exercem na Companhia de Jesus uma missão muito específica. Não se destinam ao sacerdócio, mas através de sua formação religiosa, intelectual e profissional, dão suporte e apoio à infraestrutura e organização das comunidades como leigos consagrados pelos mesmos votos e obrigações dos seus companheiros sacerdotes, numa mesma missão e vivência comunitária.

2.5 A *Ratio Studiorum* e a instituição dos colégios

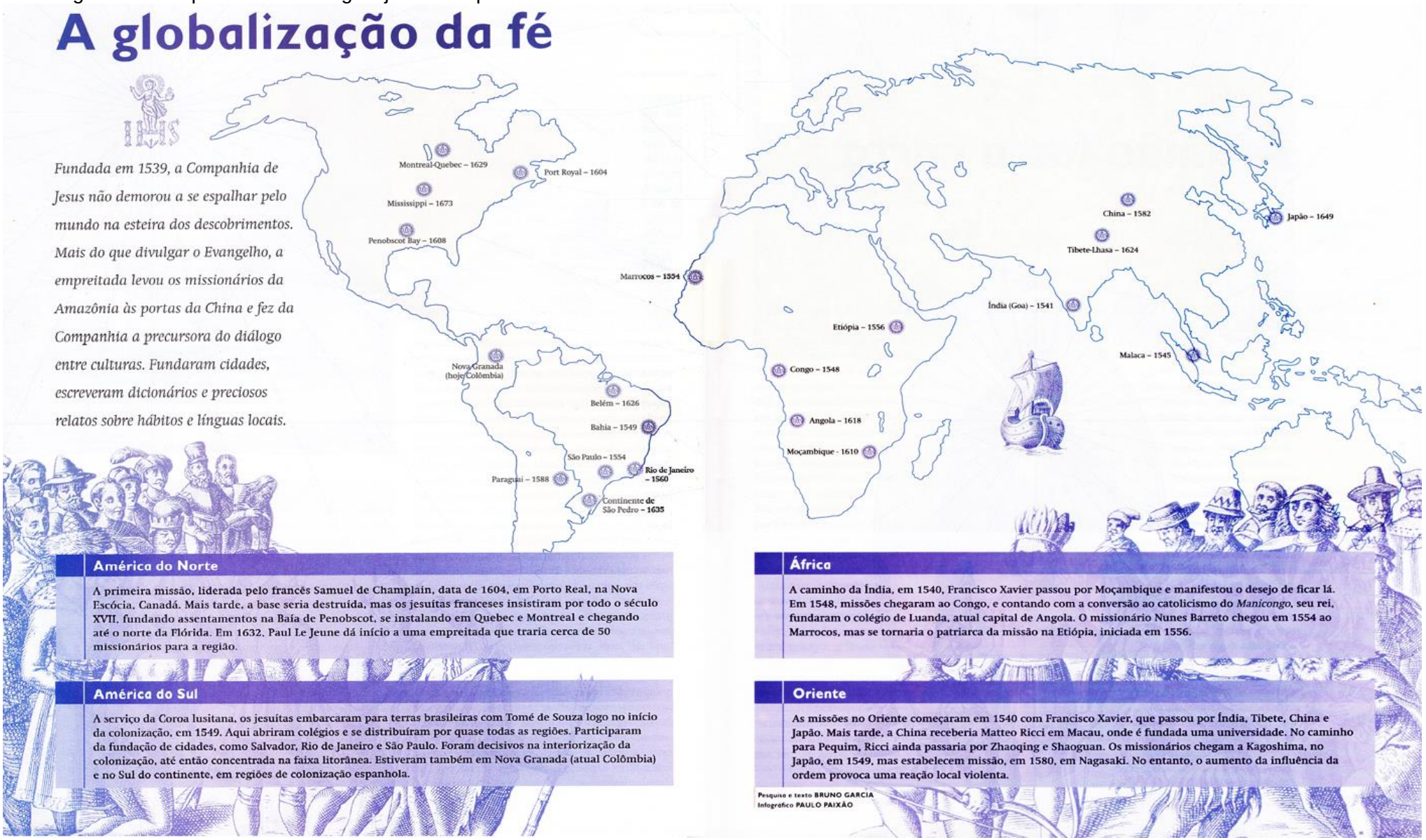
Um dos aspectos que mais notabilizou os jesuítas, desde sua gênese, foi a sua sólida proposta pedagógica simbolizada pela *Ratio Studiorum,* ou *Ordem dos Estudos.* Sua estrutura e preceitos foram inspirados nas normas aplicadas nas mais renomadas universidades da Europa dos séculos XVI e XVII: Coimbra, Salamanca, Madrid e Paris (ALMEIDA et al., 2009).

Indubitavelmente, em pouco tempo, os jesuítas se proliferaram por várias capitanias lusas espalhadas pelo mundo (Ver figura 5), e o êxito fora tão grande que constantemente chegavam jovens para disseminar os ideais dos inacianos aos habitantes da colônia. Entretanto, a demanda se tornou maior que a oferta; ademais, nem todos os jesuítas que lecionavam nos colégios eram muito experientes e vez por outra os procedimentos educativos se diferenciavam. Para evitar divergências e futuros conflitos, é que foi instituída a *Ratio Studiorum*, como relata Negrão (2000):

> Em face do ingresso cada vez mais significativo de alunos externos e da falta de experiência dos professores, fez-se sentir a necessidade de uma normatização do trabalho em colégios, o que exigiu a codificação do Plano de Estudos da Companhia de Jesus - *a Ratio Atque Institutio Studiorum Societatis Jesu -,* redigido por comissões de destacados jesuítas, sob a direção do Geral da Ordem, Pe. Acquaviva, submetido a várias análises e alterações, até adquirir forma definitiva e obrigatoriedade em 1599, após 15 anos de minuciosos estudos. O cerne do ordenamento era garantir a uniformidade de procedimentos, de mente e coração dos educadores jesuítas e dos alunos, para a consecução dos objetivos propostos, opondo-se à turbulência desencadeada pelo movimento reformista do século XVI.

A espinha dorsal da *Ratio* se assenta nos ideais de Inácio de Loyola, que uniu os fundamentos da Universidade de Paris ao Humanismo renascentista e, sobretudo, à restauração tomista.

Figura 5 –A Expansão dos colégios jesuíticos pelas colônias Ibéricas durante os séculos XVI-XVIII



Fonte: A GLOBALIZAÇÃO ... (2012).

O mesmo fenômeno expansionista também pode ser verificado fortemente na América portuguesa, como demonstra o quadro abaixo:

Quadro 2 – Colégios fundados pela Companhia de Jesus no Brasil.

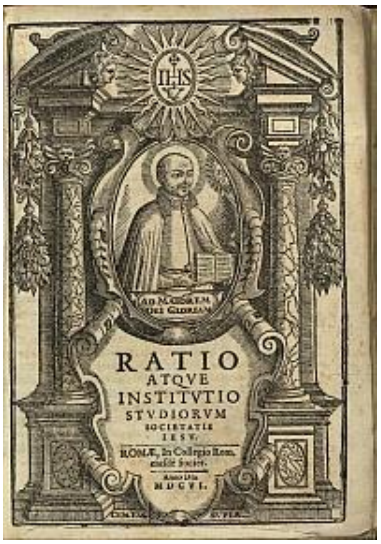
N.	INSTITUIÇÃO	LOCAL	ANO DE FUNDAÇÃO
1	Collegio de São Vicente	São Paulo (Piratininga)	1549
2	Collegio de Todos os Santos	Bahia	1556
3	Collegio de São Paulo	São Paulo	1556
4	Collegio São Sebastião	Rio de janeiro	1567
5	Collegio de Olinda	Olinda, PE	1568
6	Collegio de São Miguel	Santos, SP	1652
7	Collegio de Nossa Senhora da Luz	São Luiz, MA	1652
8	**Collegio de Santo Alexandre**	**Belém, PA**	**1652**
9	Collegio de Sant`Iago	Espírito Santo	1654
10	Collegio de Nossa Senhora do Ó	Recife, PE	1663
11	Collegio da Parahyba	Paraíba	1683
12	Collegio da Vigia	Vigia, PA	1702
13	ColegioTapuytapera	Alcântara, MA	1716
14	Collegio de Nossa Senhora do Terço	Paranaguá	1754

Fonte: Adaptado pela autora desta pesquisa a partir de MADUREIRA (1929, p.401-402).

De acordo com Franca (1952, p. 56): “A intenção que os ditou foi não só de orientar os professores novos, como unificar o sistema de ensino e a tradição pedagógica da Ordem”.

O modelo educacional a ser concretizado por meio da *Ratio* visava a moldagem de um homem virtuoso, do bom cristão, cujos eixos curriculares se assentavam em uma educação de cunho humanista e literário, destinado ao engendramento de uma elite colonial. Ou seja, eles pretendiam formar uma nova sociedade, isenta da degeneração, como o que ocorreu na sociedade europeia do final do século XV, já que aqui era um novo mundo, uma nova história e novos homens; o que constitui um ideário ao qual Marzal (1999) considera como “uma das mais notáveis utopias da história”; posto que a corrupção da civilização europeia se alastrava por vários setores, inclusive pelo próprio clero, e nem todos os indivíduos que vieram para o Brasil eram exemplo de virtudes, inicialmente foram mandados aventureiros, ladrões, enganadores, bastardos, órfãos, ou seja, pessoas que não eram benquistas no Reino (SAMPAIO, A., 1995).

Figura 6 – Frontispício da Ratio *Studiorum*



Fonte: SLU (2009).

A *Ratio Studiorum* normatizava o estudo em relação a uma série de questões. A hierarquia organizacional desse plano reflete a estrutura piramidal da Igreja. Os estudos eram organizados em três modalidades de currículos, como demonstra o quadro abaixo:

Quadro 3 - Organização curricular da Ratio *Studiorum*

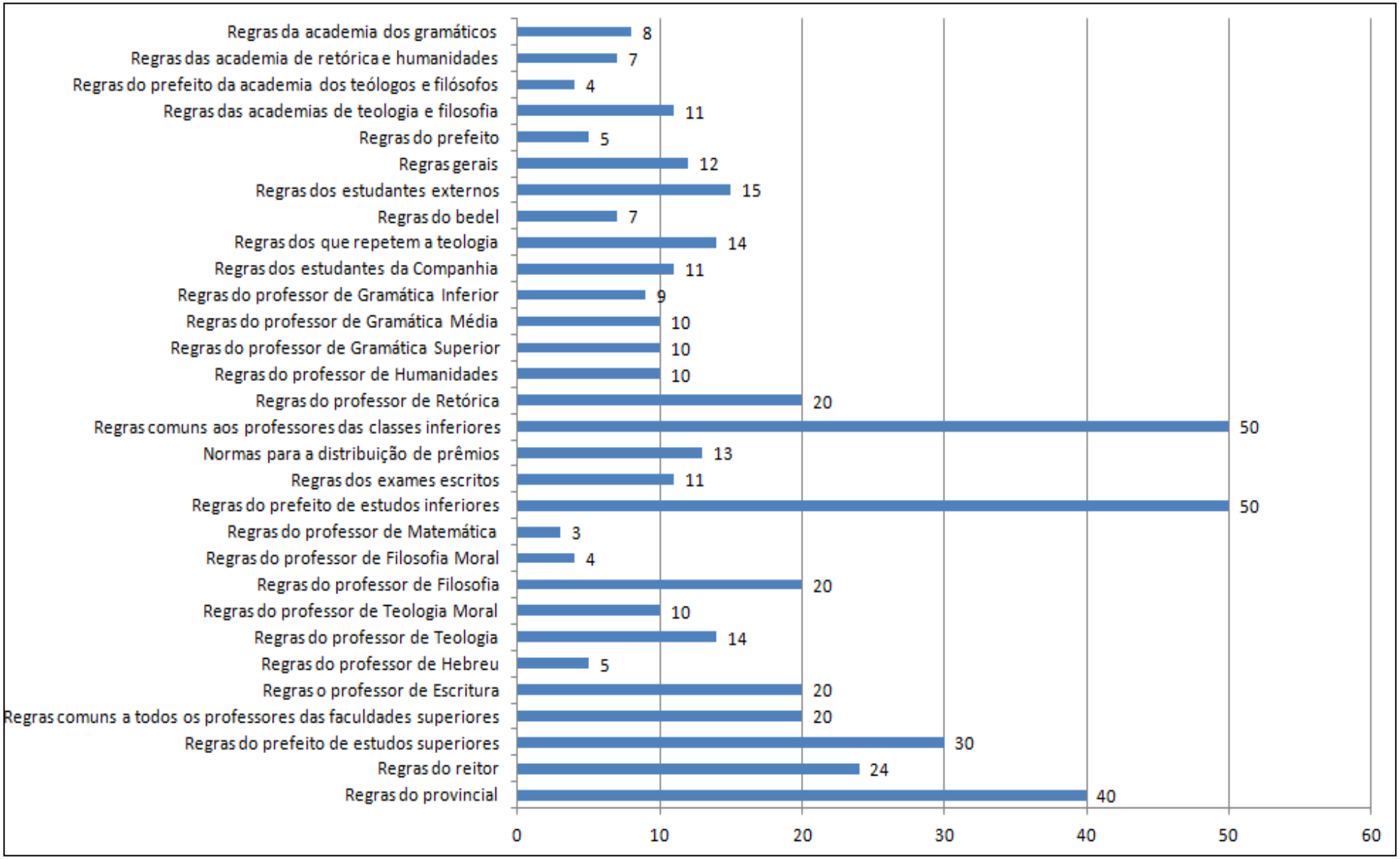
MODALIDADES	DURAÇÃO	DISCIPLINAS
Teológico	4 anos	Teologia Escolástica e Moral, Sagrada Escritura, Direito Canônico e História Eclesiástica
Filosófico	3 anos	baseado nas doutrinas de Aristóteles e Santo Tomás
Humanista	6 a 7 anos	Retórica, Humanidades, Gramática Superior, Média e Inferior

Fonte: Franca (1952). Adaptado pela autora desta dissertação.

É válido salientar que a *Ratio* representou um código pedagógico original criado por Loyola e outros destacáveis jesuítas (Nadal, Aquaviva etc) para formar indivíduos diferenciados, respeitadores de princípios e valores morais, afastando-se da devassidão que havia acometido o Velho Mundo, e que por falta de controle, já havia se instaurado nas colônias do além-mar também (FRANCA, 1952).

Trata-se, na prática, de um conjunto de regras (476 em sua totalidade) a serem observadas por todas as pessoas envolvidas no processo de educação do colégio jesuítico, cuja distribuição pode ser observada no gráfico 1.

Gráfico1- Distribuição das Regras da Ratio *Studiorum*



Fonte: FRANCA (1952, p. 119-229), adaptado pela autora desta dissertação.

Como pode ser visualizado no gráfico 1, a maior quantidade de regras incidia sobre os professores e prefeitos de estudos inferiores (50 regras respectivamente) e sobre o provinçal (40 regras). Os estudos inferiores diziam respeito às disciplinas: Retórica, Humanidades, Gramática Superior, Gramática Média e Gramática Inferior, ou seja, eram disciplinas básicas que demandavam cuidados, pois uma aplicação incorreta implicaria em uma deficiência e possível obstáculo à passagem do educando para patamares mais elevados, daí o excesso de normas. Em relação ao provinçal, a quantidade de regras também era expressiva, porque, segundo Franca (1952, p. 69): “o Provinçal tem por dever zelar para que os propósitos [da Ratio] sejam plenamente correspondidos”.

2.5.1 A Censura livresca na Ratio *Studiorum*

A censura livresca era uma constante, posto que “[...] Cuidava-se para que a fidelidade doutrinária fosse mantida, irrestritamente, evitando-se quaisquer textos, autores, questões polêmicas ou debates em discordância com a doutrina da Igreja, para que nada expusesse a fé e a piedade dos alunos” (SOUZA, 2009). Prova disso é que nem mesmo um volume inteiro todos os livros existentes nas bibliotecas poderiam ser lidos por qualquer aluno e nem mesmo um volume inteiro poderia ser lido pelo educando, tudo isto era previsto na 34ª regra do Provinçal, que enuncia:

> Proibição de livros inconvenientes. - Tome todo o cuidado, e considere este ponto como da maior importância, que de modo algum se sirvam os nossos, nas aulas, de livros de poetas ou outros, que possam ser prejudiciais à honestidade e aos bons costumes, enquanto não forem expurgados dos fatos e palavras inconvenientes; - e se de todo não puderem ser expurgados, como Terêncio, é preferível que não se leiam para que a natureza do contendo não ofenda a pureza da alma (FRANCA, 1952, p. 130).

2.6 A Expulsão

Em mais do que duas centúrias, os jesuítas desempenharam papel inolvidável em inúmeras cortes da Europa que estiveram sob o domínio deles, e, sobretudo, tiveram uma atuação determinante na colonização de povos não cristãos: da Ásia, América e África. Esse destaque atingido pelos jesuítas também lhes trouxe muitas animosidades, não só com os leigos, como também com membros de outras ordens

religiosas; os quais estavam apenas esperando uma oportunidade para atingir o calcanhar de Aquiles da Companhia, e essa oportunidade surgiu quando o Rei D. João V faleceu e foi substituído pelo Monarca D. José I que contratou Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, para conter o avanço dos jesuítas, que em 225 anos de existência já tinham fundado diversos de colégios, possuindo um sistema educacional muito eficiente (MAXWELL, 1996).

Seus feitos nas missões são gigantescos, sobretudo em toda América Latina, principalmente no Paraguai, onde chegaram a constituir um verdadeiro Estado Teocrático, arregimentando os indígenas em defesa da Companhia. Na América do Norte evangelizaram o Canadá. No Oriente, sua obra foi igualmente vasta, cujo mérito maior se deve a Francisco Xavier, que chegou a estabelecer missões em diversos países asiáticos, inclusive no Japão, chegando à China. Assim, adquiriram posição de prestígio junto a Corte e obtiveram livre exercício do culto cristão (AZEVEDO, 2004).

Conforme Toledo (1964, p. 818), os jesuítas se sobressaíam tanto que acabaram se: “[...] tornando uma das mais pujantes e poderosas ordens da Igreja católica. Tal era o seu prestígio, que as rodas eclesiásticas cognominaram o Superior Geral dos Jesuítas, em Roma, de Papa Preto”, ou seja, uma referência direta ao hábito dos jesuítas que se trajavam todos de preto.

Em meados do século XVIII, seus adversários conseguiram a sua expulsão de quase todos os países católicos. Ressalta-se que, inicialmente, a ação pedagógica dos jesuítas estava alinhada aos ideais de colonização da Coroa portuguesa e de outras monarquias europeias, todavia, à medida que eles foram se rebelando e se tornando autossuficientes economicamente, eles se tornaram um empecilho aos Reinados e, por isso, foram violentamente rechaçados (SHIGUNOV NETO, 2015).

O primeiro golpe violento foi o Decreto de 03 de setembro de 1759, o qual enunciava:

> Declaro os sobreditos regulares [os Jesuítas] […] rebeldes, traidores, adversários e agressores que estão contra a minha real pessoa e Estados, contra a paz pública dos meus reinos e domínios, e contra o bem comum dos meus fiéis vassalos […] mandando que efetivamente sejam expulsos de todos os meus reinos e domínios (GOVONI, 2009).

A Companhia era atacada por todos os lados. Em 1767, o Marquês de Pombal escreve uma obra intitulada "Dedução Cronológica" (publicação assinada por José Seabra da Silva), em que expõe toda a sua jesuitofobia, e chega a imputar aos inacianos a responsabilidade por todas as mazelas da Lusitânia. Inclusive, essa onda de jesuitofobice se espraiou para outros países europeus, tais como: França, Espanha e Nápoles; e o movimento antijesuitico foi tamanho que, em 21 de julho de 1773, por meio da bula "*Dominus ac Redemptor*", o Papa Clemente XIV extinguiu efetivamente a Companhia de Jesus do Velho Mundo (ALVIN, 2010).

Segundo Nunes (2008), os jesuítas fugitivos foram acolhidos nas cortes de Catarina, a Grande, da Rússia e de Frederico, o Grande, da Prússia.

2.7 A Retomada[20]

A educação jesuítica foi de fato muito bem planejada e executada, tanto que seus pressupostos foram retomados a partir do século XIX; quando a Ordem foi readmitida pelo Vaticano, e os Papas Pio VI e Pio VII tiveram uma grande participação nesse retorno (EBM, 1963).

Um fato muito determinante para esse retorno foi a queda de Napoleão em 1814, época em que o Papa Pio VII retornou a Roma e restaurou a Ordem dos Jesuítas lhe devolvendo todos os privilégios e direitos (EBM, 1963).

Pouco a pouco, a Companhia foi restituindo parte da influência perdida, mas passando por várias restrições em países europeus, principalmente no período de 1848 a 1849; por isso, viram novamente no Brasil uma oportunidade de se reerguer (DELMANTO, 2013), chegando, inclusive, a fundar novos colégios nessa época, como pode ser visto no quadro 4.

[20] Informações sobre o estado de arte da Companhia de Jesus em Belém do Pará podem ser vistas no capítulo 4.

Quadro 4 – Colégios fundados pela Companhia de Jesus durante sua retomada no Brasil.

N.	INSTITUIÇÃO	LOCAL	ANO DE FUNDAÇÃO
1	Colegio do S. S. Salvador	N. Sra do Desterro, SC	1865
2	Collegio São Francisco Xavier	Pernambuco	1867
3	Collegio de Sao Luiz	Ytu, SP	1867
4	Collegio Anchieta de Nova Friburgo	Nova Friburgo, RJ	1886
5	Collegio de Santo Ignacio	Rio de Janeiro	1903
6	Collegio Antônio Vieira	Bahia	1911
7	Colegio Nobrega	Recife	1917
8	Collegio de Sao Luiz	São Paulo	1918

Fonte: Adaptado pela autora desta pesquisa a partir de MADUREIRA (1929, p.401-402).

Segundo a Associação Antônio Vieira (2016), existem: “[...] 513 jesuítas e 107 obras espalhadas em 14 estados do país. Desse total, 14 escolas e colégios, 6 faculdades e universidades, além de 87 instituições de educação popular do Movimento Fé e Alegria”. Já em relação ao mundo, a Companhia de Jesus: “está presente em 75 países [...] existem cerca de 200 instituições jesuítas de ensino superior espalhadas por todo o mundo; 800 escolas e colégios, atendendo aproximadamente 430 mil estudantes; e cerca de 1,54 milhão de alunos ligados ao Movimento Fé e Alegria”.

3 O “SISTEMA PEDAGÓGICO DOS JESUÍTAS” NO GRÃO-PARÁ

Os jesuítas possuíam uma estrutura organizacional de trabalho muito bem definida, que, segundo Le Bihan (2005, p. 55, grifo do autor), era pautada por três ‘imperativos’:

> [...]
> – a criação de **Colégios**, nos centros administrativos das Capitanias, isto é, na Vila Portuguesa. Fundados, inicialmente, para a formação de missionários, passaram a ser também, o centro regional de irradiação e comandos administrativos das outras casas;
> - a criação de **Residências** [também conhecidas como Casas], situadas sempre nas aldeias indígenas;
> - a criação de **Fazendas**, suporte econômico para a manutenção e funcionamento do conjunto.

Aliado a esses três imperativos citados por Le Bihan, ainda havia os Seminários, que foram criados para “educar os moços que se destinam ao estado eclesiástico” (EMB, 1963, v. 18, p. 144). Vejamos mais pormenorizadamente, a seguir as atribuições de cada componente do sistema educacional jesuítico.

3.1 Escholas

Antes da criação dos colégios jesuíticos, existiram as escolas, também chamadas de “Escolas de Ler e Escrever” ou “Escolas de Be-a-bá”, que eram estabelecimentos de ensino similares às “escolas abecedárias” do início da Idade Média, século VI mais precisamente, que visavam ensinar, aos filhos de homens livres e de escravos, a leitura e as noções elementares, a fim de prepará-los para o estudo das Sagradas Escrituras (CAMPAGNE, 1886, p. 868).

De acordo com Azevedo (1943), a transmissão de valores caracterizava o ensino jesuítico desde que chegaram ao Brasil. Possuíam uma visão pré-definida de organização social, com a missão de cativar e instruir os nativos. Poucos dias após sua chegada, os jesuítas edificaram na Bahia a primeira *Escola de ler e escrever*, tendo como mestre o irmão Vicente Rodrigues, que se tornou o primeiro professor nos moldes europeus em terras brasileiras, dedicando-se por mais de 50 anos ao ensino e a propagação da fé cristã, exercendo um papel de destaque na catequese dos índios e dos colonos e na organização da nascente sociedade brasileira.

O ensino estava centrado no catecismo, na língua dos índios e em representações. Eles utilizavam de tudo o que fosse possível para educar: o teatro, o cântico e até danças. Não apenas alfabetizavam, mas propagavam, às novas gerações, a mesma fé, a mesma língua e os mesmos costumes. Tudo o que ensinavam estava prescrito na Ratio *studiorum*, como Maria Luísa Ribeiro (2001, p. 21) afirma:

> [...] O plano de estudo propriamente dito foi elaborado de forma diversificada, com objetivo de atender à diversidade de interesses e de capacidades, começando pelo aprendizado do Português, incluía o ensino da doutrina cristã, a escola de ler e escrever.

Nas escolas elementares, ensinavam-se: as primeiras letras, ler e escrever, contar, cantar e falar português, bem como a doutrina católica. As escolas elementares poderiam ser fixas ou itinerantes e funcionavam, na maioria das vezes, nas casas dos professores, nas aldeias e em locais de difícil acesso (SILVA, L., 2008).

Quadro 5 – Escolas fundadas pela Companhia de Jesus no Brasil.

N.	INSTITUIÇÃO	LOCAL	ANO DE FUNDAÇÃO
1	Eschola de Ler e escrever	Bahia	1553
2	Eschola para meninos	N. Sra. Do Desterro, SC	1747
3	Escola de Grammatica	Porto Alegre	1847
4	Eschola de Sao Leopoldo	Sao Leopoldo, RS	1870

Fonte: Adaptado pela autora desta pesquisa a partir de Madureira (1929, p.401).

3.2 Colégios

O termo colégio vem do latim *collegium* e significa “associação regida por uma lei” (NASCENTES, 1955, p. 127), ou “reunião de colegas, conjunto, corporação de pessoas que têm a mesma dignidade, as mesmas funções: o colégio dos cardeais, o colégio dos árbitros, o colégio dos augrures” (GRANDE Enciclopédia... 1940, p. 123).

Campagne (1886), em seu *Dicionário Universal da Educação*, diferencia o termo “Escola” do termo “Colégio” da seguinte forma:

> O fim da escóla é apenas ensinar, e por isso Ella não é destinada senão a alumnos externos; mas como há muitas famílias que, ou por morarem longe da escola ou por não estarem aptas a superintender na educação, mormente nos estudos secundários, precisam de mandar as crianças para fora de casa, por isso se tornou necessário juntar ao estabelecimento que ministra a instrucção um outro que offereça aos educandos moradia, alimentação, vigilância e uma certa direcção de estudos. O collegio é pois o corollario da escola (CAMPAGNE, 1886, p. 456).

A educação religiosa da juventude sempre foi um objetivo recorrente dos jesuítas, e eles viam na criação dos *colégios* o melhor caminho para atingir esse alvo. Conforme Alan Coelho e Geraldo Coelho (2005, p. 32), esses colégios funcionavam como verdadeiros “externatos masculinos públicos e gratuitos”. De fato, só os meninos podiam estudar nos colégios jesuítas, mas esta era uma prática comum à época e não ficava restrita à colônia, as meninas da metrópole também eram analfabetas, como Arilda Ribeiro (2000, p. 81) relata:

> No século XVI, na própria metrópole não havia escolas para meninas. Educava-se em casa. As portuguesas eram, na sua maioria, analfabetas. Mesmo as mulheres que viviam na Corte possuíam pouca leitura, destinada apenas ao livro de rezas. Por que então oferecer educação para mulheres ‘selvagens’, em uma colônia tão distante e que só existia para o lucro português?

Às meninas e às mulheres da colônia ou da metrópole restava apenas o aprendizado da religião e dos afazeres domésticos, visto que eram preparadas para o casamento (RIBEIRO, A., 2000).

Curiosamente, os índios atentaram para a ausência de mulheres nos colégios jesuítas, e reivindicaram ao Padre Manoel da Nóbrega para que suas filhas também pudessem frequentar as escolas de ler e escrever, Nóbrega, atendendo ao pedido dos índios, escreveu uma carta à Rainha de Portugal intervindo pela participação das meninas nas escolas, mas a Rainha indeferiu o pedido e alegou que se nem as meninas da metrópole frequentavam escolas, porque as ‘selvagens’ poderiam fazê-lo (RIBEIRO, A., 2000).

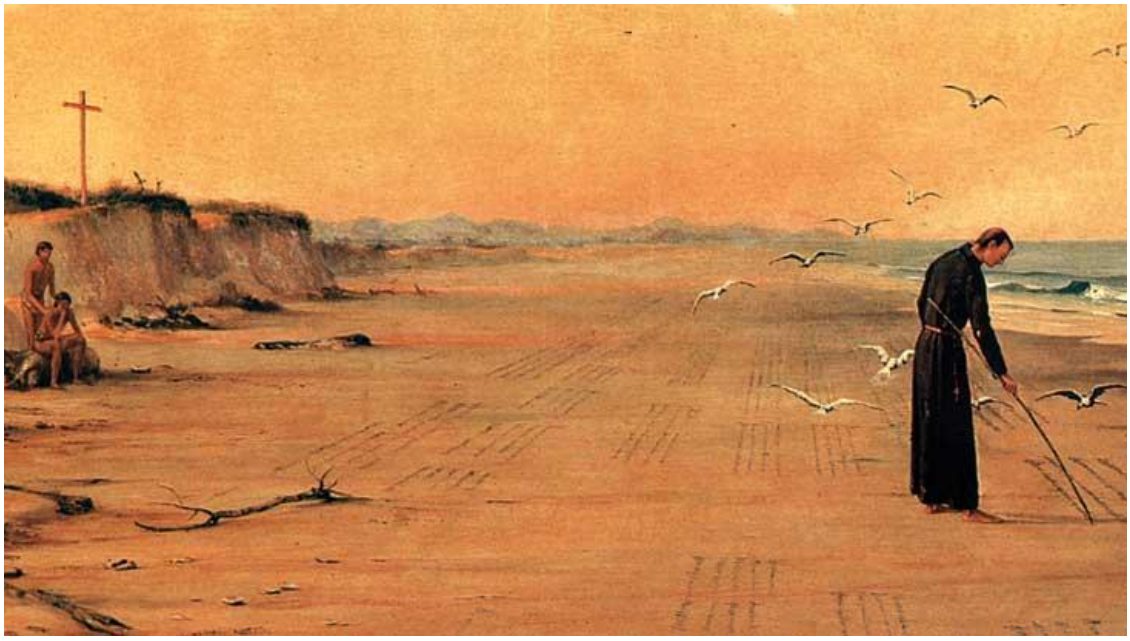
Ressalta-se que não foram apenas as meninas as excluídas da escolarização, alguns meninos também ficavam à margem desse processo, pois os jesuítas, com base na observação, selecionavam os meninos mais desenvoltos e que eles acreditavam que poderiam ter um futuro promissor para estudar no colégio (GOVONI, 2016), aqueles que não se enquadravam nesse perfil não podiam participar das aulas, até mesmo porque as escolas e colégios não tinham condições

de absorver toda aquela demanda, faltavam professores e materiais para ensiná-los, mais um motivo para fazer seleção (GOVONI, 2016).

O primeiro colégio jesuíta criado na América portuguesa foi o Collegio de Piratininga, existente na província de São Paulo e o responsável por essa fundação foi o Padre Manoel da Nóbrega, sob os auspícios de Tomé de Sousa (GASMAN, 1976).

Em relação ao Grão-Pará, antes da criação dos colégios a atuação dos jesuítas em prol da instrução se dava de maneira muito precária. Por conta disso, os padres tiveram que improvisar materiais de escrita, utilizando matéria prima local, como narra o Pe. Bettendorf (1990, p. 37) “E com a particularidade de que a falta de tinta portuguesa se preparava outra; a indígena; e à falta de papel, se utilizavam folhas de pacoveira. A areia fazia as vezes de lousa e nem por isso deixavam de aprender bem”.

Figura 7 – “Padre Anchieta escrevendo na areia”, obra de Benedito Calixto.



Fonte: LUDWIG (2013).

Com essa técnica de escrever em suportes diferentes do papel, os jesuítas remontaram às técnicas de estudo empregadas na Idade Antiga, utilizando suportes de escrita de origem animal e vegetal, como fazia a humanidade antes do surgimento do livro (MELLO, J., 1972).

A província do Pará teve dois colégios: o Madre de Deus, situado na Vigia; e o de Santo Alexandre, situado em Belém, capital do Pará.

O município da Vigia primitivamente era a Aldeia Uruita (pedra de galinha) e devido sua localização extremamente estratégica, o governo português a transformou em: “um posto alfandegário guarnecido, denominado Vigia, para fiscalizar e proteger, de contrabandistas, as embarcações que demandavam Belém” (IBGE, 2016). Em 1693 Vigia foi promovida à condição de vila e, depois de cinco anos foi convertida em município (BELÉM, 1977).

A Companhia de Jesus se instalou em Vigia no início do século XVIII e, em pouco tempo, fundaram o seu segundo colégio no Grão-Pará, em 11 de junho de 1702 (SOBRAL, 1986, p. 78). Contudo, a sua autonomia em relação ao Colégio de Santo Alexandre só ocorreu em 1740 (SOEIRO, 2002).

O Colégio da Vigia possuía uma boa livraria, cujo acervo era composto por 1.010 volumes (MORAES, 2006).

O Colégio de Santo Alexandre foi fundado em Belém do Grão-Pará em 1652, e ele será analisado mais detalhadamente no próximo capítulo.

3.3 Casas

As casas ou residências eram a base de comando dos jesuítas nas aldeias. Segundo as Constituições da Companhia de Jesus, apenas os colégios e as casas de formação poderiam possuir bens próprios que garantiam a sua subsistência (LEITE, 1943, T. 4).

As casas ou residências jesuíticas são elementos importantes da história do Estado do Pará, pois deram origem ou desenvolveram localidades que hoje são importantes municípios paraoaras, dentre as quais podemos destacar:

1) ALTAMIRA (antiga Aldeia dos Aichipaias): fundada pelo padre jesuíta Roque de Hundefund. Nessa região, os missionários cultivavam castanha-do-Pará e beneficiavam-se da pecuária favorecida pelo Rio Xingu. Esse território foi tomado dos jesuítas pelo Marquês de Pombal na segunda metade do século XVIII, e quase

Mapa 2 - Altamira

Fonte: Wikipedia (2016)

um século depois, mais precisamente em 1868, passou a ser missionado pelos frades capuchinhos (BELÉM, 1977; IBGE, 2016). Segundo Antônio e Ubirajara Umbuzeiro (2012) o nome Altamira foi atribuído a esta região pelo Coronel Gayoso, proprietário desta localidade por volta de 1896, para homenagear uma cidade espanhola homônima, que assim como a Altamira do Pará possuía cavernas com pinturas rupestres;

2) ANAJÁS (antiga Aldeia Mocoões): Foi missionada pelos jesuítas e teve como orago o Menino Deus. Era um terreno rico em madeiras de lei (i. e. maçaranduba) e sementes oleaginosas, além de arroz. Foi elevada à categoria de freguesia pela Lei n. 596 de 30 de setembro de 1869 (BELÉM, 1977);

Mapa 3 - Anajás

Fonte: Wikipedia (2016)

3) AVEIRO (antiga aldeia Taparajó - Tapera): missionada pelos jesuítas, lá cultivavam: cacau em grãos, fibras, malva, extraiam leite de maçaranduba e raiz de jutaicica[21]. Após a expulsão dos jesuítas, este território ficou sob a posse do Capitão-general, José de Nápoles Tello de Menezes, que em 23 de agosto de 1781 nomeou o morador Francisco Alves Nobre para administrá-la. Sob a influencia da onda nacionalista que norteou a política portuguesa após a expulsão dos jesuítas, a Aldeia Taparajó teve seu nome alterado para Freguesia N. Sra. da Conceição do Aveiro em 1781 (BELÉM, 1977);

Mapa 4 - Aveiro

Fonte: Wikipedia (2016)

4) BREVES: topônimo oriundo do sobrenome dos antigos proprietários daquela sesmaria - Manoel Fernandes Breves e Ângelo Fernandes Breves, que receberam a sesmaria de seu irmão João Castelo Branco, Capitão-

Mapa 5 - Breves

Fonte: Wikipedia (2016)

[21] **Jutaicica**: sf (tupi iutaí isíka): é uma resina oriunda da árvore jatobá, na Amazônia esta resina possui vários usos, principalmente medicinais e artesanais. Como remédio a jutaicica é utilizada para: alívio de dores de estômago, flatulência, dor de cabeça e resfriados. Já quanto ao uso artesanal, esta resina é conhecida como o verniz vegetal, e por isso é usada para dar brilho às louças de barro (SHANLEY; MEDINA, 2005).

Geral do Pará. A sesmaria foi fundada em 19 de novembro de 1738. Devido os irmãos Breves terem implantado um engenho na sesmaria, esse terreno passou a ser mais conhecido como Engenho de Breves (OLIVEIRA, O., 2010). Tornou-se Freguesia de N. Sra Santana de Breves por meio da Lei Provinçal n. 172, de 30 de novembro de 1850. Foi elevada à categoria de cidade pela Lei n. 1.079, de 02 de novembro de 1882 (MUNIZ, 1904);

5) CAMETÁ (antiga Aldeia de Cametá-Tapera): foi missionada, em 1617, pelo franciscano Frei Cristóvão de São José (MONTEIRO, 2006). Em 14 de dezembro de 1635, Francisco Coelho de Carvalho, governador do Estado do Maranhão, elevou Cametá à categoria de vila, com a denominação de Viçosa de Santa Cruz de Camutá (IBGE, 2016) e transferiu sua jurisdição para seu filho Feliciano de Carvalho, elegendo São João Batista como orago (BELÉM, 1977). Em 1643, a direção espiritual da capitania foi repassada para os carmelitas. Cametá era um local militarmente estratégico, de lá saía a maior parte das expedições, quer tivessem cunho bélico quer tivessem cunho de paz (catequese, desenvolvimento). Este fato prontamente chamou a atenção dos jesuítas, tanto que o Pe. Antônio Vieira, em 1653, em sua passagem pela Amazônia, fez incursões por Cametá. Mas, somente em 1655, as terras cametaenses passaram a pertencer aos jesuítas (BELÉM, 1977). Foi elevada à condição de cidade e sede do município, com a denominação de Cametá, pela Lei Provinçal n.º 145, de 24 de outubro de 1848. Possuía em 1885, duas tipografias e dois periódicos – o *Commercial* e o *Progresso* (MUNIZ, 1904).

Mapa 6 - Cametá

Fonte: Wikipedia (2016)

6) COLARES (antiga Aldeia dos Cabus): Foi missionada pelos jesuítas que elegeram N. Sra. do Rosário como orago. Nesse território, os jesuítas exploravam mandioca, sementes de andiroba e plantações de milho e arroz em pequena escala. Essa aldeia foi confiscada pelo Marquês de Pombal e anexada à Vigia, depois foi elevada à condição de Vila N. Sra. do Rosário de Collares em 1833, e por meio da Lei n. 2.460, de 29 de dezembro de 1961, tornou-se o município de Colares (BELÉM, 1977);

Mapa 7 - Colares

Fonte: Wikipedia (2016)

7) ITAITUBA (significa "ajuntamento de pedrinhas", e provem dos termos em tupi *itá'imtyba*, em que *ita* = pedra + '*im*, diminutivo + *tyba*, ajuntamento (NAVARRO, 2013): a região que deu origem a este município foi descoberta inicialmente por Pedro Teixeira em 1626. Posteriormente, os jesuítas lá se alojaram e fundaram a missão Cururu, aldeando os índios Mundurucus e elegeram Nossa Senhora de Santana como orago. Nessa região, os inacianos extraíam óleo de pau-rosa, fibras, malva, castanha-do-Pará, arroz em casca, milho, pescado, cal de pedra e principalmente, havia algumas minas auríferas (BELÉM, 1977). Seguindo a trilha dos jesuítas, Mendonça Furtado em 1754 tomou este terreno e o elevou a condição de vila denominada *Santarém da Aldeia dos Tapajós*. Ignora-se em que época o município voltou a ser novamente denominado de Itaituba, no entanto em alguns estudos de Ferreira Pena, datados de 1812, ele já se refere a essa região como Itaituba, tendo o Coronel Joaquim Caetano, como seu desbravador e fundador. Àquela época, Itaituba era um entreposto com barracas acompanhando as instalações comerciais. “Em 1856 Itaituba tornou-se sede do município, cuja instalação ocorreu em 1857. Com a Proclamação da República, obteve foro de cidade” (IBGE, 2016).

Mapa 8 - Itaituba

Fonte: Wikipedia (2016)

8) MARACANÃ (antiga Aldeia dos Índios Maracanãs): Foi missionada pelo Pe. Antônio Vieira em 1653, tendo São Miguel Arcanjo como orago. Nessa região, os inacianos cultivavam arroz e mandioca, extraíam fibras de uacima, malva, pescados, mariscos e madeiras (em geral). Em 1757, o governador Mendonça Furtado expulsou os jesuítas da região e transformou Maracanã na Villa de Cintra. Por meio da Lei n. 518, de 28 de maio de 1897, a vila foi elevada à condição de município e voltou a ser denominada de Maracanã;

Mapa 9 - Maracanã

Fonte: Wikipedia (2016)

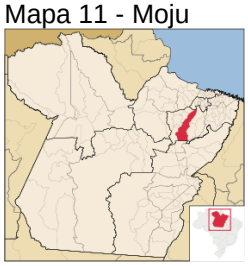
9) MELGAÇO: Inicialmente, era a Aldeia dos índios Aricurú (também conhecidos como Varycuru ou Guaycuru). Essa aldeia foi missionada, em 1653, pelo Padre Antônio Vieira. Os inacianos extraiam leite de maçaranduba, juta, madeira de lei; cultivavam arroz, mandioca, semente de ucuuba[22] e milho e tinham uma cultura pecuária reduzida. Tem como orago São Miguel. Em 1758, foi elevada a condição de vila, pelo Marquês de Pombal que modificou o sue nome para Vila de Melgaço em homenagem aos imigrantes lusitanos que vieram da localidade de Barão de Melgaço, de Portugal, que passaram a residir nesta região (OLIVEIRA, 2010);

Mapa 10 - Melgaço

Fonte: Wikipedia (2016)

10) MOJU: Os jesuítas como muitos outros forasteiros foram para este terreno atraídos pelas *drogas do sertão*. Lá se instalaram e extraiam leite de maçaranduba, malva e pimenta do reino; cultivavam cacau, madeira de lei, arroz, milho e chegaram,

Mapa 11 - Moju



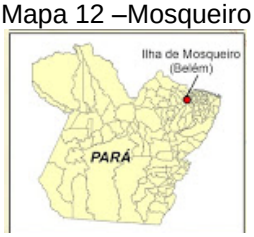
Fonte: Wikipedia (2016)

[22] Ucuuba: "Árvore nativa da região Amazônica, encontra-se amplamente distribuída em alguns Estados do Nordeste brasileiro e América Central. Nome científico: Virola surinamensis (Rol. Ex Rottb.) Warb. Sinonímia popular: Ucuuba-da-varzea, ucuuba-verdadeira, ucuuba-branca, ucuuba-amarela, árvore de sebo, bicuiba, mucuiba, virola, sucuuba, leite-de-mucuiba, andiroba, noz-moscada. De sua semente é extraída um óleo, com propriedades terapêuticas, usado no tratamento de: reumatismo, artrite, cólicas, aftas, hemorróidas, malária, doença-de-chagas, erisipela, dispepsia, processos inflamatórios. [...] A madeira leve possui textura média, grã regular, superfície áspera e grosseira, alburno de coloração creme-claro e cerne mais escuro, levemente rosado até castanho-vermelho intenso. É empregada em construção de interiores, carpintaria, marcenaria e na fabricação de caixas, palitos de fósforo, laminados, compensados, celulose e papel. Como consequência do processo industrial, a madeira permite o uso dos resíduos de produção na confecção de papéis tipo Kraft de boa qualidade" (PORTAL DAS PLANTAS, 2016).

inclusive, a fundar um engenho (MUNIZ, 1904). Desta vez ao invés de Mendonça Furtado, foi o D. Frei Miguel de Bulhões, Bispo do Pará, que, em 1754, confiscou Moju, transformando-a em Freguesia do Divino Espírito Santo de Mojú, e posteriormente, foi promovida à Vila de Moju, por meio da Lei n. 269, de 28 de agosto de 1856 (BELÉM, 1977);

11) MOSQUEIRO: foi a antiga Aldeia Murubira, missionada pelos jesuítas no início do século XVIII (BELÉM, 1977);

Mapa 12 –Mosqueiro



Fonte: Gusmão (2014)

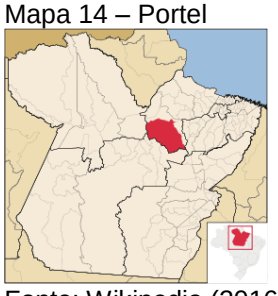
12) OEIRAS DO PARÁ (antiga Aldeia de Araticu): Essa região foi fundada pelo Pe. Antônio Vieira em 1653, que elegeu como padroeira do lugar Nossa Senhora da Assunção. Nessa região, os jesuítas cultivavam arroz, café e extraíam palmito. Em 20 de janeiro de 1758, Mendonça Furtado, fazendo expedições pela Barra do Rio Negro, expulsou os jesuítas da região, debelou o aldeamento, deportando os índios para Belém do Grão-Pará, a fim de servirem a El Rey, ao Estado e a particulares, e transformou a Aldeia de Araticu em Vila de Oeiras, erguendo-lhe um pelourinho (IBGE, 2016). Em 1943, em uma onda regionalista contrária ao lusitanismo pombalino, o município de Oeiras passou a se denominar novamente de Araticu por meio do Decreto Estadual n. 4.505, de 30 de dezembro de 1943. E no ano seguinte, teve seu nome modificado para Oeiras do Pará (BELÉM, 1977);

Mapa 13 – Oeiras do Pará

Fonte: Wikipedia (2016)

13) PORTEL (antiga Aldeia de Arucará ou Aricuru: Foi fundada pelo Pe. Vieira em 1653, tendo N. Sra. da Luz como orago. Vieira trouxe índios Nheengaíbas do Marajó para coabitar com os Arucarás nessa aldeia. Em 1758, a aldeia foi elevada

Mapa 14 – Portel



Fonte: Wikipedia (2016)

à condição de vila por Mendonça Furtado, que trocou sua denominação para Vila de Portel (IBGE, 2016);

14) SALINÓPOLIS: Foi fundada por André Vidal de Negreiros, Capitão-General dos Estados do Maranhão e Pará, em 1656, com o fito de, por meio de tiros de canhão, produzir uma atalaia para indicar a estrada da Barra de Belém, a qual evitaria o naufrágio de embarcações na área litorânea do Pará. Os jesuítas missionaram essa região e lhe atribuíram Nossa Senhora do Perpétuo Socorro como orago. Nessa localidade, os inacianos extraíam grande quantidade de sal, por isso o povoado foi denominado de Salinas. O território foi promovido à freguesia em 1781, quando teve seu nome alterado para *Freguesia de Nossa Senhora do Socorro de Salinas*; e depois foi convertido à vila, cuja extinção ocorreu em 1833. Mais tarde, foi transformada em município em 1884; sendo que somente em 1943, que essa localidade recebeu a atual denominação de Salinópolis, que significa “cidade das Salinas” (IBGE, 2016);

Mapa 15 – Salinópolis

Fonte: Wikipedia (2016)

15) SALVATERRA (antiga Aldeia dos Sacacas, descendente dos Aruans: missionada pelos jesuítas, sob a invocação de N. Sra. da Conceição. Nessa localidade, os jesuítas cultivavam muitas palmáceas e também tinham criadouros de gado e de peixes. Em 1758, Mendonça Furtado confiscou as terras dos jesuítas e as converteu em Freguesia de Salvaterra (BELÉM, 1977);

Mapa 16 – Salvaterra

Fonte: Wikipedia (2016)

16) SANTARÉM (antiga Aldeia de Tapajós): Foi missionada pelo franciscano Frei Cristóvão de São José em 1626, sob invocação de N. Sra. da Conceição. A partir de 1661, o território passou a ser missionado pelos jesuítas, tendo o Pe. João Bettendorff sido destacado pelo Pe. Vieira para dar

Mapa 17 – Santarém

Fonte: Wikipedia (2016)

andamento à Missão. Ressalta-se que a Aldeia de Tapajós foi território de disputa de muitas nações estrangeiras, tais como: espanhóis, franceses e ingleses; e os índios que lá habitavam – Tupaius -eram extremamente habilidosos com a caça, a pesca e a coleta das drogas do sertão[23]. Entre os anos de 1755 a 1757, foram abortadas as missões religiosas nesta região. Mendonça Furtado promoveu a Aldeia de Tupaius em 14 de março de 1758, batizando-a de Vila de N. Sra. da Conceição de Santarém, fazendo homenagem à homônima cidade lusitana (IBGE, 2016). Em 1848, a Vila de Santarém foi elevada à cidade por meio da Lei n. 145, de 24 de outubro de 1848. Em 1885, Santarém possuía duas tipografias em que se imprimiam os periódicos: *O Município* e *Baixo-Amazonas* (MUNIZ, 1904).

17) SENADOR JOSÉ PORFÍRIO: Esse território foi uma capitania no Rio Xingu, que tinha Gaspar de Abreu Freitas como donatário. Porém, como Freitas não desenvolveu muito a região, o terreno foi repassado em 1939, aos jesuítas, a fim de aldear os índios Aricari (Arucará ou Aricará), sob a invocação de S. Francisco Xavier. Essa missão passou a ser muito profícua, devido ao cultivo de arroz, feijão, milho, mandioca e castanha do Pará; além da extração da pele de animais (BELÉM, 1977). Por volta de 1758, a aldeia foi retirada dos jesuítas por Mendonça Furtado e transformada em freguesia, batizada de S. Francisco Xavier de Souzel. Após várias anexações e separações, a vila foi promovida a município, sob a denominação de Senador José Porfírio, para homenagear José Porfírio de Miranda Júnior, um antigo político da região (IBGE, 2016).

Mapa 18 – Sem. José Porfírio

Fonte: Wikipedia (2016)

18) SAMAUMA (atual Vila de Beja): Este aldeamento foi inicialmente fundado, em 1635, pelos padres capuchinhos vindos do Convento do Una, de Belém do Grão-Pará, que partiram em expedição para fundar missões ao longo dos rios da região, atingindo as terras de índios remanescentes da tribo Motiguar, e

[23] **Drogas do sertão**: eram “os produtos nativos ou aclimatados, do Amazonas, Pará e Maranhão, muito procurados na Europa como drogas medicinais, temperos ou tinturarias” (VAINFAS, 2000, p. 190). Conforme Vanessa Carvalho (2010) diziam respeito às especiarias: “urucum, cravo, canela, pimenta, castanha, noz de pixurim, salsa, gergelim, guaraná, anil e o cacau”.

> nesse terreno, estabeleceram um aglomerado denominado de "Samaúma" (ABAETETUBA, 2016). Por volta de 1653, a direção da aldeia passou das mãos dos capuchos para as dos jesuítas, “inicialmente através do padre alemão Aluízio Conrado Pfeil, que já catequizava a tribo dos índios abaetés” (AMAZÔNIA de A a Z, 2016). Mendonça Furtado, por volta de 1760, expulsa os jesuítas de Samaúma e a converte em freguesia, sob a denominação de Freguesia de São Miguel de Beja. Contudo, em 1883, essa freguesia foi anexada a então recém-criada Vila de Abaeté por meio da Lei n. 973, de 23 de março de 1883, sancionada por José Araújo Danim, então presidente da Província do Pará. Atualmente, a Vila de Beja ainda continua anexada ao Município de Abaetetuba, em cumprimento à divisão territorial de 2007 (IBGE, 2016).

3.3.1 A instrução catequética nos aldeamentos

Inicialmente, os jesuítas frequentavam os povoados e procuravam ensinar os índios a: ler, escrever, contar, cantar e, sobretudo, a doutrina cristã. Essa tarefa não era nada fácil, pois além da barreira linguística, havia, principalmente, a barreira cultural; os autóctones foram submetidos a fazer algo totalmente fora das suas atividades cotidianas. Este estado de coisas fez com que os índios se tornassem extremamente arredios à presença dos jesuítas, o que levou os inacianos a lançar mão de algumas estratégias, tais como:

a) Aprender a língua falada pelos silvícolas, para assim poder se aproximar dos autóctones com mais desenvoltura do que seus oponentes;

b) O uso de recursos lúdicos, como: música, dança e teatro e;

c) Realizar um trabalho mais próximo das crianças índias, que eram mais acessíveis. Conforme Freyre (2003, p. 23), a catequese, com foco no curumim, visava: “[...] no filho educar o pai; no menino servir de exemplo ao homem; na criança trazer ao caminho do Senhor e dos europeus a gente grande”.

A catequese foi o principal motivo pelo qual as ordens religiosas foram enviadas para a América portuguesa. Ela também representou o maior elemento de aculturação dos ameríndios, devido a uma verdadeira “homogeneização cultural de matriz” indígena promovida pelos jesuítas, a fim de aprender a como “lidar melhor com a multiplicidade das culturas ameríndias” (ARENZ, 2012b).

Apesar de todo o esforço jesuítico, a menor distração permitia que o índio voltasse ao que os jesuítas chamavam de “maus hábitos”, quer por vontade própria, quer por incentivo dos colonos. Para moralizar essa situação, as ordens religiosas criaram os aldeamentos e apartaram as comunidades indígenas dos colonos; e para fixar os ensinamentos catequéticos, os jesuítas promulgaram o Regimento das missões do Estado do Maranhão e Grão-Pará, de 21 de dezembro de 1686 (GASMAN, 1976).

Uma estratégia utilizada pelos religiosos para afastar os índios do contato com os colonos e assim livrarem-nos dos “maus hábitos” que os homens brancos lhes ensinavam e do trabalho escravo a que eles os submetiam - era a formação dos *aldeamentos*. Conforme Melia (2001 apud ARENZ, 2014), os aldeamentos foram um estratagema muito praticado por franciscanos e dominicanos no início da colonização da América Central, sendo transplantado com sucesso para a América portuguesa, sobretudo aos jesuítas; que segundo Coimbra (2011), eles chegaram a ter 50.000 índios missionados, e destes, 40.000 pertenciam a uma única tribo - a dos Nhegaíbas.

De acordo com Bezerra Neto (2001, p. 23), os aldeamentos na prática eram úteis também para fragmentar a sociedade indígena, afastando-os de suas raízes; ajudando os missionários a adentrar em territórios ignotos a eles, mas de pleno conhecimento dos autóctones, e moldando os hábitos e costumes dos silvícolas para o atendimento das demandas dos colonizadores. O autor ainda descreve que eles faziam os serviços de: “remeiros, carregadores, guerreiros, guias e intérpretes de expedições portuguesas; empregados domésticos; artistas; operários e, particularmente, coletores de drogas do sertão” (BEZERRA NETO, 2001, p. 24).

As figuras 8 e 9 trazem representações da organização social: a figura 8 apresenta uma aldeia indígena antes da intervenção religiosa, já a Figura 9 exibe um modelo de aldeamento jesuítico. Ao comparar estas estruturas, é possível perceber que existe uma leve similitude entre elas, que é o destacamento de uma grande área

central e a disposição das habitações ao redor desta área, porém as aldeias tinham uma forma geralmente circular, já os aldeamentos tinham um formato retangular.

Figura 8 – Modelo de um aldeamento

Fonte: Geoestudante (2015).

Figura 9 – Modelo de um aldeamento tipicamente jesuítico

Fonte: Santos, M. (2014).

Mas as convergências param por aí, pois com os aldeamentos dos jesuítas, os espaços geográficos foram mais distribuídos. Geralmente, um aldeamento jesuítico possuía: a) **Praça** quadrangular: local destinado à convivência do povoado, onde eram realizadas as cerimônias públicas; b) **Cabido**: lugar de reunião de caciques e jesuítas, onde eles tomavam decisões sobre os desígnios do aldeamento; c) **Casas**: recintos em que ficavam os índios, também tinham casas só para os padres; d) **Oficinas**: local onde os jesuítas ensinavam os índios produzirem utensílios, ferramentas e imagens, para a subsistência do aldeamento; e) **Colégio** ou **Escola**: local onde os padres ensinavam os curumins; f) **Igreja**; g) **Cotiguaçu**: local destinado às viúvas, órfãos e idosos; h) **Cemitério**; i) **Horta**; j) **Pastos**; e k) **Asilo**: local onde se cuidava dos enfermos ficava mais afastado das outras habitações, a fim de evitar contágio.

3.4 Fazendas

As fazendas representam um contributo de suma importância para que os jesuítas concretizassem a maior parte de suas ações no Grão-Pará, e inegavelmente, a proficuidade destas propriedades também foi um dos fatores que contribuiu para a expulsão dos inacianos da Amazônia portuguesa, como pondera Rosário (1986, p. 57, grifo do autor) ao dizer: “O padre **cacaulista** rivalizara com o

plantador leigo nesse rendoso negócio, o que culminara com o confisco de suas fazendas por ordem do governo Real português". De fato, as fazendas jesuíticas atingiram cifras impressionantes, como foi revelado por Dauril Alden em sua obra: O significado da produção do cacau na região amazônica, cujos resultados são ilustrados na tabela 1.

Tabela 1 – Exportações feitas pelas ordens religiosas de Belém para Lisboa – 1743/1745 (em libras)

Ordem	Cacau	Cravo	Café	Salsaparilha	Açúcar
Jesuítas	341 306	54 905	1 817	11 712	10 130
Carmelitas	38 808	100	374	320	4 673
Mercedários	8 384	832	-	128	-
Franciscanos	56	28	20	-	-
TOTAIS	433 554	55 865	2 211	11 620	14 803

Fonte: Alden (apud ROSÁRIO, 1986, p. 58)

Na tabela 1, é possível perceber que outros religiosos também tinham grandes produções, mas a dos jesuítas era incomparavelmente a mais expressiva.

Conforme as Constituições da Companhia de Jesus, nenhuma fazenda poderia possuir bens apartados dos colégios aos quais estava ligada, pois as produções geradas em cada fazenda (dependendo de sua possibilidade), é que eram revertidas para o fundo geral da Missão ou Vice-Província, e este ganho era usado em prol da comunidade missionária, que segundo Leite (1943, T. 4, p. 168), poderia ser aplicado em: [...] viagens dos missionários europeus e a formação deles, quer na Europa (se já se formavam por conta da Missão) quer na própria Missão realizada no Colégio do Maranhão ou do Pará.

De acordo com Muniz (1904), Belém (1977) e IBGE (2016), os jesuítas fundaram as seguintes fazendas ao longo do Grão-Pará:

1) GIBIRIÉ (atual município de Barcarena): Foi um terreno que pertenceu ao donatário Francisco Rodrigues Pimenta, sendo depois doado aos padres jesuítas em 1709, que elegeram como orago São Francisco Xavier, para abençoar essa localidade. Essa fazenda foi muito profícua, dentre suas várias atividades, destacava-se a olaria de Mojuquara, que produzia fôrmas de barro para a indústria da rapadura.

Mapa 19 – Barcarena

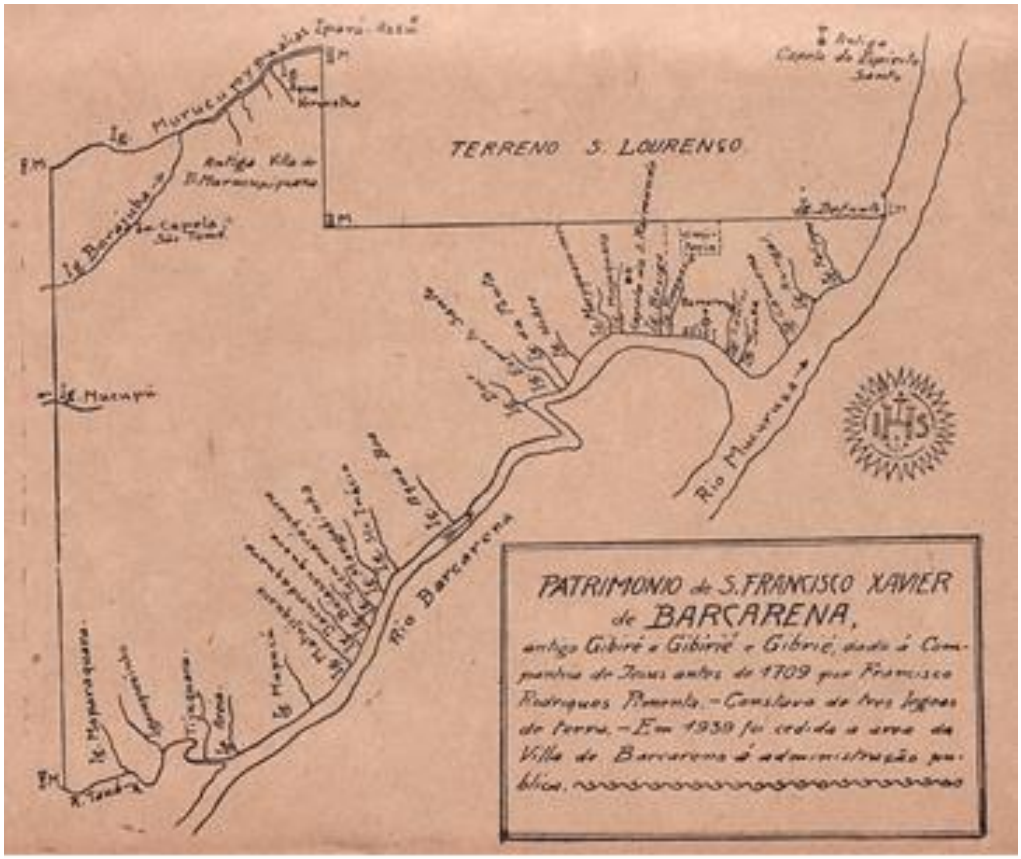
Fonte: Wikipedia (2016)

Em 1758, com a expulsão dos jesuítas, na época do Marquês de Pombal, as terras foram assumidas por Mendonça Furtado. A partir de 1758, Dom Frei Miguel

de Bulhões e Souza, o 3º Bispo do Pará, fixou a atual paróquia de São Francisco Xavier de Barcarena (ADA, 2004).

Em 10 de maio de 1897, por meio da Lei Estadual n. 494/1897, a paróquia foi transformada em município, sob a denominação de Barcarena[24]

Mapa 19 – Localização da Fazenda de Gibirié (Barcarena)



Fonte: Borromeu (1946)

2) CACHOEIRA DO ARARI: inicialmente, esse terreno era a Aldeia dos Aruans; posteriormente essas terras foram arrendadas para André Fernandes Gabinha, Capitão-mor, que construiu sua fazenda bem em frente a um trecho de Cachoeiras do Rio Arari, passando a ser esta a denominação do município.

Mapa 20 – Cachoeira do Arari

Fonte: Wikipedia (2016)

[24]Conforme a Agência de Desenvolvimento Amazônico (2004), o nome *Barcarena* provém: "[...] de uma embarcação trazida de Belém para o porto de Gibirié denominada Arena, que devido ao grande porte, era classificada como barca. A embarcação deteriorou-se com o tempo, mas eternizou-se cedendo seu nome ao local 'barca Arena', que mais tarde passou a ser Barcarena" (ADA, 2004, p. 20).

A partir de 1700 este terreno foi doado para os jesuítas, para catequizar os índios Aruans, e lá estabeleceram fazendas de gado. Contudo, somente em 1747, é que foi erguida a capela à margem esquerda do Rio Arari, dando origem à Paróquia de Cachoeira (BELÉM, 1977; MONTEIRO, 2006; OLIVEIRA, 2010).

3) CURUÇÁ: serviu de estratégica região em que os jesuítas instalaram uma fazenda em meados do século XVII e formou-se o povoado sob o orago de Nossa Senhora do Rosário, instituindo-se uma rentável feitoria de peixes na Fazenda de Curuçá.

Mapa 21 – Curuçá

Fonte: Wikipedia (2016)

Tornou-se um alvo certo da fúria do Marquês de Pombal, que elevou Curuçá à vila, com o nome de Vila Nova Del Rei, dois anos antes da expulsão definitiva dos jesuítas. Em 1833, Curuçá perde o predicamento de Vila e foi anexada ao município de Vigia. Em 01 de janeiro de 1853, Curuçá foi transformada em vila novamente e, em 14 de maio de 1895 ela foi elevada à categoria de cidade (BELÉM, 1977)

No período de 1883 a 1886, circulava em Curuçá um jornal, o “Curuçaense”;

4) BOM INTENTO (atual município de Marapanim): essa fazenda foi fundada pelos jesuítas no final do século XVII, dela extraía-se fibra, malva; cultivava-se pimenta do reino, mandioca, tabaco, algodão, criava-se gado e peixes, que possuía em abundância.

Mapa 22 – Marapanim

Fonte: Wikipedia (2016)

Em 1759, Mendonça Furtado confiscou a Fazenda Bom Intento (BELÉM, 1977). A partir de 1833, a fazenda foi anexada à Vila de Cintra. Atingiu o patamar de freguesia, por meio da Lei n. 610, de 21 de outubro de 1869, tendo por orago Nossa Senhora da Vitória. No ano de 1874, foi transformada em cidade, com a denominação de Marapanim, “topônimo indígena, de origem tupi decompõe-se nos étimos mará ou mbará e panim ou panã + i, que significa *borboletinhas d'água ou do mar*” (IBGE, 2016).

5) SÃO CAETANO (atual município de São Caetano de Odivelas): território fundado pelos jesuítas ao

Mapa 23 – S. Caetano de Odivelas

Fonte: Wikipedia (2016)

desbravarem o Rio Mojuim. Em 1657, se fixaram no local e instalaram a fazenda de onde extraíam: farinha de mandioca, fibras, madeiras de lei; e cultivavam arroz e pimenta do reino.

Em 1757, Mendonça Furtado, obedecendo às determinações pombalinas, confiscou a fazenda dos jesuítas e elevou-a condição de freguesia, atribuindo-lhe o nome de Freguesia de São Caetano de Odivelas por meio da Lei de 6 de julho de 1755 (BELÉM, 1977);

6) MORTIGUARA (atual Vila do Conde): Era a antiga aldeia dos índios Mortiguras, que foi transformada em fazenda pelos jesuítas em 1653, sob a invocação de São João, tendo nela sido construída uma capela, que ficava de frente para o Rio Pará, com o objetivo de se avistar imediatamente as embarcações que chegavam ao local, entretanto, o local era muito ventilado e constantemente apagavam-se as velas acendidas pelos fiéis, por isso, com a reforma efetuada em 1823, a capela foi transformada em Igreja de São João, e foi fechado o pórtico que ficava de frente para o rio, que foi aberto para o interior da cidade (SOARES, 2015).

Mapa 24 – Vila do Conde

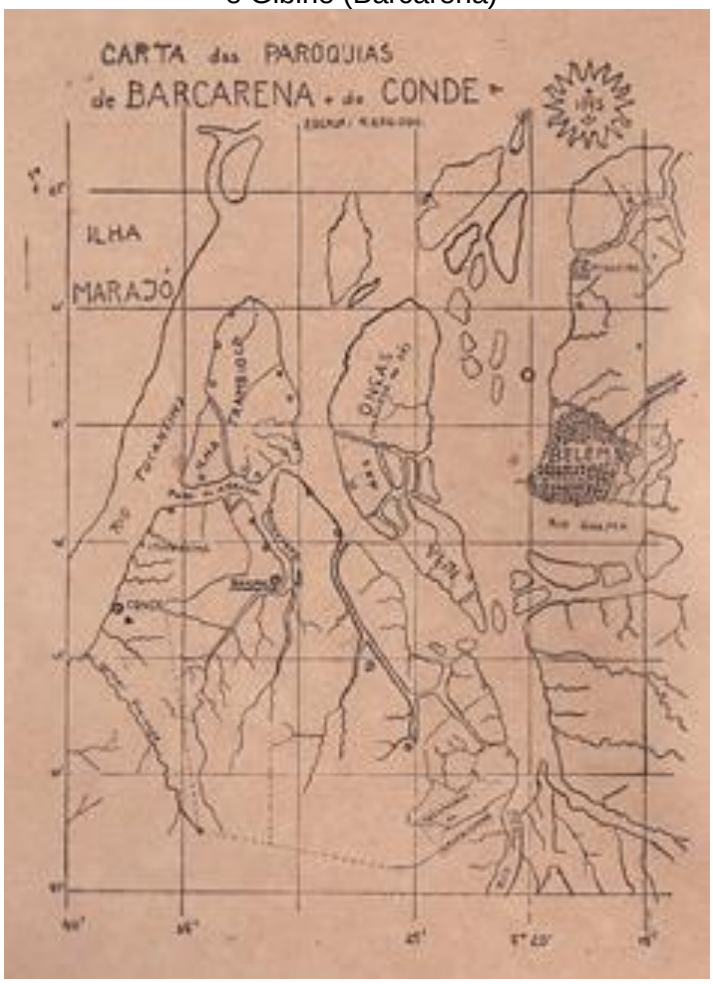
Fonte: CDP (2016)

No campo da educação essa fazenda também foi muito desenvolvida, pois além da catequese, se implementaram as aulas de ler e escrever, destas participava o índio Jacaré, que era o principal da aldeia (LEITE, 1943, T. 4).

Em 1758, Mendonça Furtado confiscou esta fazenda e lhe transformou em uma vila, sob a denominação de *Vila do Conde* em homenagem a uma localidade homônima existente em Portugal.

Em 30 de dezembro de 1943, por meio do Decreto Estadual n. 4.505/1943, a Vila do Conde foi anexada ao município de Barcarena (SOARES, 2015).

Mapa 25 – Localização das Fazendas de Mortiguara (Conde)
e Gibirié (Barcarena)



Fonte: Borromeu (1946).

7) FAZENDA MAMAIACU ou MAMAYACU (atual Porto Salvo): Era comum serem acolhidos nessa fazenda e na de Mortiguara, durante o período de férias, os alunos de nível secundário que estudavam no Colégio de Santo Alexandre e que não eram residentes em Belém, para que estes pudessem aprimorar a prática da língua Nheengatu com os índios aldeados (LEITE, 1934).

Os jesuítas se instalaram em Porto Salvo, por conta das terras adequadas à agricultura, e como o próprio nome da localidade induz, a vila ficava em um porto de água salgada.

De acordo com o IBGE (2016), Porto Salvo foi convertido em distrito e incorporado ao município de Vigia por meio da Lei Provinçal nº 996, de 12 de março de 1880 e, nesta mesma condição, permanece até os dias de hoje.

8) FAZENDA DE JAGUARARI: Situada às margens do Rio Moju, esse terreno existe desde meados do século XVII, e teve como primeiros proprietários o Sr. Bernardo Serrão Palmela e sua esposa: posteriormente, eles doaram a fazenda aos jesuítas, na condição de que pudessem por lá ficar e serem sustentado até o fim de seus dias. Essas doações eram muito comuns naquela época, inclusive era uma das várias modalidades de ampliação do patrimônio jesuítico, como Neves Neto (2012) revela:

> Ambos trabalhavam [padres reitores e procuradores] intensamente na conquista/maximização de bens e na resolução de pleitos que envolviam o patrimônio material jesuítico. Pedidos de sesmarias às autoridades, recebimento de doações por parte de devotos, solicitação de côngrua (ou aumento da mesma), compra de terras, representação às diversas instâncias quando de litígios que envolvessem uma dada propriedade ou um dado privilégio e, é claro, a administração das fazendas: eis alguns trabalhos que, no Estado Maranhão e Grão-Pará, eram exercidos por reitores e procuradores. Toda essa estrutura administrativa era centralizada na figura dos colégios inacianos.

Inicialmente, os inacianos edificaram nesse terreno, como era de praxe, a Casa-colégio e a Igreja; já no século seguinte, esse patrimônio foi bastante dilatado como Gisele Moreira (2010, p. 11) atesta:

> No séc. XVIII já havia no local a casa grande, casas de vivenda e algumas “casas térreas”, uma engenhoca na beira do rio, a fábrica de aguardente que gerava bons lucros; uma olaria; uma oficina de ferreiros; uma fábrica de canoas, um curral de gado, uma casa de farinha, com sua roda de ralar mandioca, tecelões, carpinteiros etc. Na fazenda cultivava-se milho, arroz, cacau e café. [...] Enfim, nela eram praticados os mais variados ofícios [...].

A Fazenda Jaguarari, bem como os demais terrenos sob a administração dos jesuítas foram confiscados por Mendonça Furtado após a expulsão dos inacianos de terras paraenses. Atualmente, a Fazenda Jaguarari se tornou um sítio arqueológico pertencente ao município de Moju (MOREIRA, G, 2010).

9) FAZENDA DE IBIRAJUBA: Esse terreno foi doado aos jesuítas pelo donatário João Herrera da Fonseca, que por testamento tinha deixado a fazenda para sua cônjuge D. Catarina da Costa, na condição de que ela não se casasse novamente, porém ela descumpriu o contrato e a fazenda foi repassada para os Jesuítas, com todas as suas benesses que constituíam 3 propriedades, como Assunção (2009, p. 187) descreve:

> [...] uma légua de terra, onde era o engenho, a Ilha de Avarai e meia légua de terra, entre os rios das laranjeiras e Guajará-Mirim, sendo uma das propriedades mais famosas, possuindo engenho de açúcar e de aguardente, canaviais, um cacoal, que teria 2 mil pés, e alguns de café, frutas de espinho e da terra, duas roças de farinha e dois meloais.

O autor ainda informa que, em 1718, essa fazenda já possuía 134.000 cabeças de gado e cerca de 1.500 cavalos (ASSUNÇÃO, 2009);

10) FAZENDA SEPAPARÁ (atual Distrito de Benfica no município de Benevides): essa fazenda foi fundada em 1654 pelos padres da Companhia de Jesus, que elegeram Nossa Senhora da Conceição como padroeira do lugar (MORAES, J., 1860).

Mapa 26 – Benfica

Fonte: Wikipedia (2016)

Nessa fazenda, os jesuítas construíram uma importante olaria fornecedora de tijolos e telhas para muitas construções jesuíticas. Lá também cultivava-se mandioca e possuía pescados em abundância.

Penafort (apud BORROMEU, 1946, p. 58) explica a mudança do nome de Sepapará para Benfica da seguinte forma:

> Esta aldeia indiana era situada no aprazível lugar, hoje impropriamente chamado de Benfica, pequena vila e paróquia do Brasil no norte do Pará – Esta aldeia foi estupidamente destruída a ferro e fogo pelos lusos que por capricho e ódio pombalino, substituíram-lhe o nome indiano – Sepapará.

Em 1760, a Fazenda Sepapará foi confiscada, os jesuítas foram deportados para Portugal, sendo transformada em freguesia, com o nome de Nossa Senhora da Conceição de Benfica, este nome é uma alusão a uma vila homônima existente em Portugal.

No século XIX, mais precisamente em 1880, a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Benfica foi incorporada à Colônia de Benevides (situação que permanece até os dias de hoje) por meio da Lei n. 967 de 15 de novembro de 1880, que a anexou à colônia de Benevides, sendo que quinze anos depois esta freguesia foi elevada à condição de vila por meio da Lei nº 324 de 06 de junho de 1895, cuja denominação passou a ser somente Vila de Benfica.

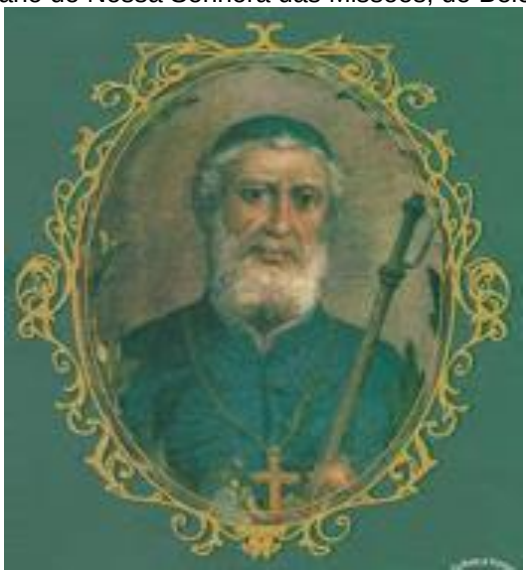
Atualmente, Benfica continua atrelada ao município de Benevides atestada pela divisão territorial de 2014 (IBGE, 2016).

Conforme o exposto acima, fica patente que as fazendas administradas pelos jesuítas eram bastante rentáveis. Os jesuítas procuraram desenvolver atividades agrícolas adequadas a cada região e que garantiam a subsistência dos Colégios do Grão-Pará. No entanto, essa alta lucratividade descontentava os colonos e as autoridades régias, representando um dos fatores que muito corroborou para a expulsão da Companhia de Jesus de todos os domínios lusitanos (MATOS, 2012).

3.5 O Seminário de Nossa Senhora das Missões

Apesar de começar a se fechar o cerco em torno dos jesuítas; em 1745, o Padre italiano Gabriel Malagrida (1689-1791) obteve uma ordem régia que lhe permitia fundar, em Belém do Grão-Pará, seminários para educar os jovens. Complementarmente, Malagrida recebeu também uma casa, com capacidade de acomodar vinte seminaristas. Esta residência se localizava no início da Rua do Açougue, próximo ao Convento de Santo Antônio. Malagrida recebera ainda 200 vacas, alguns terrenos na ilha de Marajó e também algumas esmolas (BREVE ... , 1933).

Foto 10 – Padre Gabriel Malagrida,
fundador do Seminário de Nossa Senhora das Missões, de Belém do Pará



Fonte: Malagrida (2014)

O Seminário de Nossa Senhora das Missões de Belém do Pará foi o terceiro a ser criado na América Portuguesa como pode ser visto no quadro 6.

Quadro 6 – Seminários fundados pela Companhia de Jesus no Brasil.

N.	INSTITUIÇÃO	LOCAL	ANO DE FUNDAÇÃO
1	Seminário de Belém, da Cachoeira	Bahia	1687
2	Seminário da Parahiba	São Paulo	1745
3	Seminário de Nossa Senhora das Missões	Belém, PA	1745
4	Seminário do Maranhão	São Luiz, MA	1751
5	Seminário de Paranaguá	Curitiba, PR	1754
6	Seminário de Nossa Senhora da Conceição	Bahia	1757
7	Seminário de Porto Alegre	Porto Alegre, RS	1861
8	Seminário de Pernambuco	Pernambuco	1867

Fonte: Adaptado pela autora desta pesquisa a partir de Madureira (1929, p. 401-402).

Malagrida conseguiu rapidamente vinte estudantes para ocupar o seminário, e também conseguiu envolvê-los em missas aos domingos e dias festivos.

Apesar da intensa atividade, o Seminário foi fechado em 1749, devido a perseguições do Bispo do Pará, que queria ter uma participação maior nas decisões do Seminário, mas Malagrida o ignorava e se reportava diretamente às autoridades eclesiásticas portuguesas (ROCHA, H., 1993).

Em 1751, o Padre Malagrida apelou à corte de Lisboa pela criação de um seminário em Cametá. O pedido chegou a ser deferido e foram feitas doações para investir no novo seminário, porém o Governador e o Bispo omitiram a cláusula de que os bens doados deveriam ser revertidos em prol do novo seminário, que não teve como ser mantido (LEITE, 1934).

Gabriel Malagrida foi uma das maiores vítimas do Marquês de Pombal, em uma das inúmeras discussões que tiveram Malagrida disse que o terremoto ocorrido em Lisboa, em 1755, teria sido um castigo divino devido às incessantes perseguições empreendidas pelo governo lusitano aos jesuítas; este foi o motivo que faltava para que Pombal prendesse o Padre, sob a alegação de desacato a autoridade. Malagrida foi preso em 11 de janeiro de 1759, tendo ainda sido acusado de arquitetar o atentado a D. José I, ocorrido em 03 de setembro de 1758 (GOVONI, 2013).

Durante dois anos, Malagrida ficou preso no Forte de Junqueira, e devido a sua idade avançada, aos maus-tratos que sofrera e à revolta pela prisão injusta, ele enlouqueceu (CASTELO BRANCO, 1972).

Gabriel Malagrida foi sentenciado à morte na forca, e seu corpo incinerado em praça pública. O martírio de Malagrida é brilhantemente recontado nos versos do cordelista Apollo Barros (2008, p. 140-141), que enuncia:

> Acontece no reinado
> Um fuxico deprimente
> Falaram que a Duquesa
> De Aveiro tinha em mente
> Um “caso’ com um monarca
> Um romance indecente
>
> Por causa dessa fofoca
> O rei sofre um atentado
> E é o Duque de Aveiro que é o acusado
> E Gabriel o “Feiticeiro”
> Tudo tinha planejado.
>
> E tudo que aconteceu
> Vem complicar Malagrida
> que perseguido sofreu
> considerava a Duquesa
> que era velha conhecida
>
> O rei D. José I
> Alienado como tal
> Foi convencido em segredo
> Pelo Marquês de Pombal
> Que havia golpe ‘matreiro’
> Para atingir Portugal
>
> [...]
> Sua sorte definida
> Por tanta perseguição
> A razão enlouquecida
> Pedido, sem expressão.
> Finalmente perde a vida
> No fogo da inquisição
>
> E naquele amargo dia
> Triste 20 de setembro
> Consumava-se agonia.
> Amarrado membro a membro,
> Em pó se transformaria
> O corpo do reverendo [...].

Apesar de toda esta brutalidade, uma de suas maiores obras que desenvolveu em sua vida - o Seminário de Belém – continuou de pé e foi conduzida por outros irmãos de batina (ROCHA, H., 1993).

Com a expulsão da maioria dos jesuítas do Grão-Pará, o Seminário passou a assumir o Curso de Filosofia que era ensinado no Colégio de Santo Alexandre (LEITE, 1934).

Conforme Hugo Rocha (1993), já no início do século XX, o Seminário funcionou ininterruptamente de 15 de março de 1933 até março de 1966. Posteriormente, o Seminário passou a se chamar Pio X e foi transferido para o Bairro do Tabor, em Icoaraci (RAMOS, 2009). Em 05 de maio de 1966, o Seminário Pio X foi instalado em sua Sede definitiva, em Ananindeua, onde permanece até os dias de hoje.

4 A ATIVIDADE PEDAGÓGICA DOS JESUÍTAS NO COLÉGIO DE SANTO ALEXANDRE NA CIDADE DE BELÉM DO GRÃO-PARÁ

A conquista e expansão da Amazônia portuguesa foram muito morosas; de início, a dificuldade em encontrar metais preciosos colaborou para esse desinteresse por parte dos descobridores (NISKIER, 1989). Entrementes, Bernardo Pereira Berredo, Governador do Estado do Maranhão, elenca ainda outras adversidades que tornavam Belém pouco interessante aos portugueses, tais como: a sua localização inadequada, o terreno era pantanoso e fétido, a cidade era pobre, tinha pouco peixe e em suas cercanias não possuía terrenos favoráveis ao cultivo de cana de açúcar, como era possível verificar na capitania de Pernambuco (BERREDO apud COELHO, 2014).

De fato, foram as invasões estrangeiras que fizeram os portugueses voltarem os olhos para os seus territórios amazônicos, haja vista que a fundação da França equinocial na capitania do Maranhão, em 1612, fez com que os portugueses se apressassem em reivindicar suas terras; feito somente conseguido em 1615 e o que motivou a célere fundação da cidade de Belém em 1616, o próximo núcleo dentro da Amazônia portuguesa.

Entretanto, não era apenas Berredo que não enxergava atrativos nas terras da Amazônia, portanto é justa a afirmação de Maués (1968, p. 49) de que: “a Amazônia foi desenvolvida pelos missionários e viajantes”.

A Amazônia foi descoberta em plena transição da mentalidade europeia de uma sociedade medieval para uma sociedade moderna e, por isso, os aventureiros que para cá vieram se lançaram nesta empreitada para enriquecer (MAUÉS, 1968).

Inicialmente, os portugueses desprezavam os autóctones e os comparavam a animais, mas com o passar do tempo, a imensidão da floresta, que levou muitos estrangeiros a se perderem ou andar em círculos; os entremeados dos rios; as mortes por envenenamento ou ataque de animais peçonhentos e ferozes, além do beneficiamento das matérias-primas em mercadorias serviram para convencer os estrangeiros de que os índios tinham muita serventia. Nessa altura, o índio ao invés de empecilho passou a ser visto como um valioso agente para o desenvolvimento da colonização através de sua mão de obra.

No entanto, essa mudança no tratamento que os portugueses dispensaram ao indígena, que anteriormente era amistoso e baseado no escambo, rapidamente

se tornou ríspido e voltado para os trabalhos forçados, provocando uma reação violenta dos índios contra os conquistadores. E foi nesse contexto que os missionários foram trazidos a Belém para pacificar as terras recém-fundadas (BEZERRA NETO, 2001).

De acordo com Matos (2012), quatro ordens religiosas europeias foram responsáveis pela conquista espiritual da Amazônia: os Franciscanos, os Carmelitas, os Mercedários e os Jesuítas.

Os capuchos da província de Santo Antônio[25] foram os missionários pioneiros a se fixarem em Belém. Eles chegaram em 1617, um ano após a Fundação, era um pequeno grupo composto por quatro frades: Filipe de São Boaventura, António da Merceana, Sebastião do Rosário e Cristóvão de São José, fundaram o Hospício do Una, no sentido oposto ao Forte do Presépio, e imediatamente iniciaram os trabalhos de catequização dos índios, organizando os primeiros aldeamentos.

Nove anos depois, em 1626, chegaram os Carmelitas Descalços e edificaram o primeiro convento de Belém, localizado no final da Rua do Norte, primeira rua criada em Belém, existente até hoje, porém com o nome de Rua Siqueira Mendes. A Igreja do Carmo ainda existe, mas o convento foi transformado no Colégio Salesiano do Carmo.

Em 1640, a terceira ordem religiosa chega a Belém - os Mercedários Calçados que erigiram um grande convento bem de frente para a Baía do Guajará. Na Era Pombalina, o anticlericalismo de Francisco Furtado transformou o convento em Alfândega, devido a sua localização privilegiada às proximidades do Ver-o-Peso. Atualmente, a Igreja ainda existe e está em pleno funcionamento, porém o convento, apesar de ainda estar edificado, encontra-se ocioso, excepcionalmente lá funcionam alguns órgãos governamentais.

O início das atividades catequéticas dos jesuítas nas terras do Grão-Pará foi bastante árduo, permeado por fatos antagônicos (até trágicos) na maioria das vezes.

Embora a presença dos jesuítas no Grão-Pará tivesse sido solicitada desde 1618[26], pois Manoel de Souza Eça, Capitão-mor de Belém, intentava chegar à

[25]Além deles, outras vertentes de Franciscanos também missionaram em Belém, pois no final do século XVII, mais precisamente em 1693, aportaram em Belém os Capuchos de Nossa Senhora da Piedade. Já os Capuchos da Conceição da Beira e do Minho só vieram a Belém no início do século XVIII - 1703 (COLARES, 1998).

[26]1618, Fevereiro, 20, Lisboa - CARTA do [capitão] Manuel de Sousa de Eça para o rei [D. Filipe II], sobre a necessidade de se destacarem mais clérigos para ajudar os padres capuchos na catequização dos índios no Pará. AHU_CU_013, Cx. 1, D. 5.

capitania para a qual fora nomeado acompanhado de quatro padres intérpretes (REIS, 1993). Eça até enviou uma carta ao Rei, fazendo tal pedido, o qual fora deferido, mas posteriormente sustado, devido Manoel Aires de Sousa, Procurador de Belém junto à câmara de São Luís, ter emitido missivas negando o pedido, por alegar que Belém era uma pequena localidade que já tinha dois conventos instalados e não tinha estrutura para suportar mais um (CARINHAS, 1929). De fato, os reais motivos eram outros; Sousa insuflado pelos colonos, os quais temiam pela intromissão dos jesuítas nas questões da preagem dos indígenas e na própria condução das atividades comerciais, a exemplo do que já vinha acontecendo em outras capitanias. Tais argumentos convenceram a realeza a suspender a emissão de jesuítas ao Grão-Pará, pelo menos naquele momento (FAÇANHA, 1968).

A saga dos jesuítas no Grão-Pará se inicia em 1636, com a chegada do Padre Luís Figueira, que acompanhava o Governador Francisco Coelho de Carvalho. Após fazer uma viagem de reconhecimento do território, percorrendo: Tocantins, Pacajá e Xingu, com o intuito de verificar a possibilidade de fixação e expansão de aldeias missionarias jesuíticas, Figueira retorna a Portugal e relata ao Conselho Ultramarino suas impressões, propondo a premente necessidade dos loyolanos estabelecerem missões na Amazônia (BETTENDORFF, 1990).

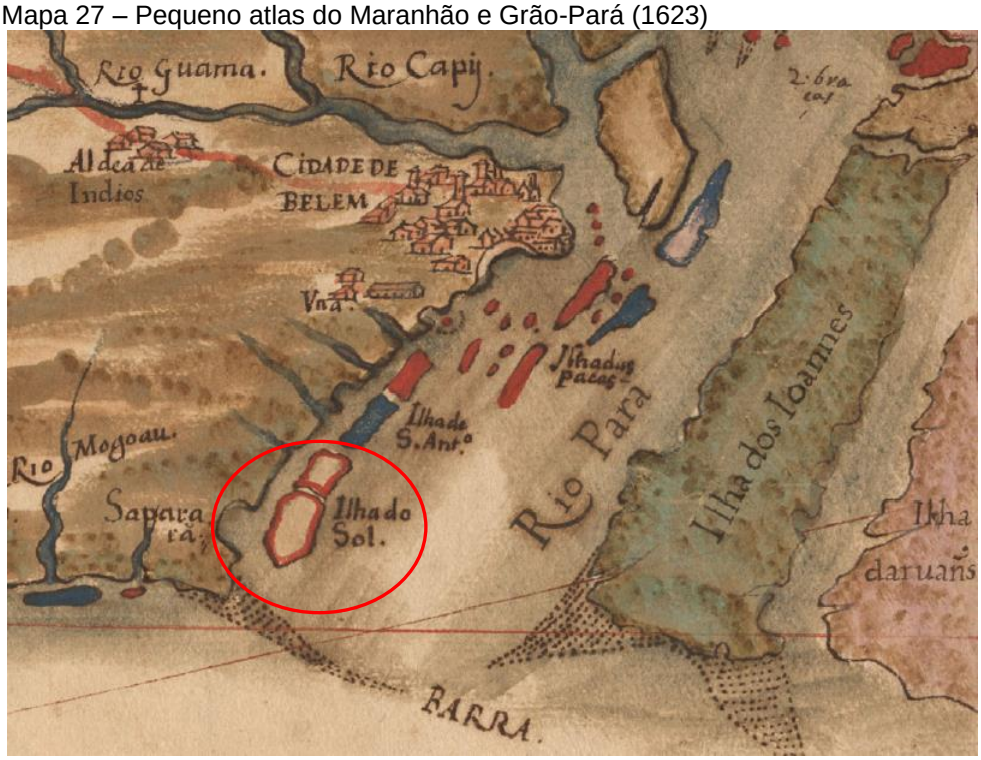
Nove anos depois, em 1645, o Padre Luís Figueira foi autorizado a instaurar as missões jesuíticas no Pará; dessa vez, ele veio acompanhado de mais 16 missionários (BETTENDORF, 1990); porém quando eles chegaram às proximidades da Ilha ou Baía do Sol (Ver mapa 4) a caravela naufrague, e somente nove padres, juntamente com Figueira, conseguiram sobreviver e nadar até a praia, mas lá chegando se defrontaram com os Aruãs e foram dizimados por estes índios (COELHO, A; COELHO, G, 2005).

Esse começo trágico retarda a implantação das missões inacianas na Amazônia, a qual foi retomada somente, sete anos mais tarde, em 05 de dezembro de 1652[27], quando o padre Antônio Vieira, estabelecido na capitania do Maranhão,

[27] Há um dissenso entre os estudiosos sobre a real data da chegada definitiva dos Jesuítas em Belém, pois Morais (1759) e mais contemporaneamente: Alan Coelho e Geraldo Coelho (2005); Arenz (2011) e Chambouleyron e Neves Neto (2009), consideram o ano de 1652, pois a carta que autoriza avinda e fixação dos jesuítas no Pará, data de 23 de setembro de 1652, e a data da chegada é reportada por Leite (1934) em 5 de dezembro de 1952; ao passo que Cruz (1950), Sobral (1986) e Govoni (2009), Márcia Mello (2012) atribuem ao ano de 1653 o marco histórico da chegada dos jesuítas no Grão-Pará. Rivalidades a parte, nesta dissertação, 1652 será considerado como o ano do advento definitivo dos jesuítas em terras belenenses.

de lá enviou os padres João Souto Maior e Gaspar Fragoso para conduzir o trabalho missionário no Pará (LE BIHAN, 2005).

Mapa 27 – Pequeno atlas do Maranhão e Grão-Pará (1623)



Fonte: Albernoz (1623).

Souto Maior e Gaspar adentraram em solo belenense, com muitas restrições, pois a má fama dos jesuítas de serem um óbice aos negócios das colônias, devido combaterem a escravidão dos índios, já havia chegado ao Grão-Pará, antes mesmo dos missionários (motivo este que já havia sido alegado anteriormente para impedir a fixação dos loyolano, no Pará). Por conseguinte, a incursão dos jesuítas nestas terras só foi possível após o Padre João de Souto Maior ter assinado, em 26 de janeiro de 1653, um acordo com os oficiais da Câmara de Belém, que previa a não intromissão dos inacianos nos assuntos comerciais da colônia e que a relação destes com os indígenas se daria apenas no plano da conversão do gentio, excetuando qualquer envolvimento sobre a condução do destino dos índios, quer fossem livres ou cativos (MATOS, 2012).

Os jesuítas receberam um terreno no Bairro da Campina, cedido pelos missionários da Ordem das Mercês, onde construíram uma ermida de taipa de pilão e palha, mas era um terreno muito alagadiço e afastado do cotidiano da cidade; as chuvas torrenciais (que sempre assolaram Belém) a devastaram. A inadequação do

lugar é descrita pelo Padre João Souto Maior (apud BETTENDORF, 1990, p. 73) ao dizer: “[...] o sítio em que moravam para a banda do mato [era] muito úmido e por isso pouco sadio, tratou logo de procurar mais enxuto e mais cômodo”.

Rapidamente, Souto Maior procurou uma nova morada para os jesuítas; o local eleito foi um sítio ao lado do Forte do Presépio (atual Forte do Castelo), situado na Rua do Norte[28] e a Calçada do Colégio[29], logradouro aprovado pelo Pe. Vieira (apud LEITE, 1943, v. III, p. 205) ao dizer:

> [...] já tem o melhor sítio da terra e princípios de colégio e a simpatia geral.
> Ficava o sítio junto ao forte do Presépio, lavado dos ventos, onde os antigos chamavam Portão, bem no princípio da cidade.
> [...] O sítio era, não há dúvida, magnífico, e, como convinha para um Colégio, central, na intersecção dos dois grandes bairros da cidade [atuais bairros da Cidade Velha e Campina].

O novo terreno era bem mais alto, e lá construíram uma outra ermida de taipa e cobertura de telha, que foi inaugurada por ocasião da Semana Santa de 1653. Conforme Araújo (2012, p. 82) o terreno estava: [...] Situado literalmente entre o forte e o porto, o conjunto funcionava como elemento de articulação entre as duas partes da cidade”. Essa mudança de local também atendia a um pré-requisito dos jesuítas que sempre procuravam edificar seus colégios nos centros administrativos das capitanias (LE BIHAN, 2005).

Entretanto, os militares não concordavam com a ideia de ter tantos civis próximos a seu estratégico local, por cogitarem que ali era um terreno muito perigoso, devido ser alvo de frequentes investidas de nações estrangeiras, sendo que a presença de civis poderia comprometer as estratégias de defesa da colônia; e, assim consideravam que “a igreja constituía um perigoso ‘padrasto’ ao forte” (ARAÚJO, 2012).

Os terrenos anexos à igreja também foram alvos de peleja, pois a Fazenda Real via nestes um excelente espaço para a implantação de armazéns, porém os inacianos já haviam planejado fazer uso destas terras para futuras extensões do colégio.

---

[28] Atualmente, denomina-se Siqueira Mendes e foi a primeira rua criada pelos portugueses na capital do Pará. (CRUZ, 2013).

[29] Atual Rua Padre Champagnat. Leite (1934) diz que apesar de ter trocado de nome, muitos populares, por memória intuitiva, ainda denominam esta rua como Calçada do Colégio.

Segundo Lúcio Costa (1945), outra característica que acompanhava a feitura das construções jesuíticas era escolher terrenos em forma de quadras e distribuir as dependências destas quadras em quatro quartos, em uma determinada ordem de preparação das edificações: primeiro se construía a igreja e seu anexo; depois se construía o colégio; e por último, a **cerca** (entendamos esta cerca como uma espécie de horta ou pomar), a qual era fundamental à subsistência do colégio, pois, principalmente no início das missões, os religiosos passaram por muitas dificuldades e dependiam da caridade dos colonos para não passarem fome, assim sendo a cerca contribuía para a autossuficiência das missões.

Cada quarto da quadra era construído devagar conforme os recursos eram adquiridos, conforme Leite (1943), a quadra completa do Colégio de Santo Alexandre só foi concluída em fins do século XVII para o início do século XVIII. Ao final, o Colégio foi suntuosamente construído em três andares, cuja descrição será feita no tópico a seguir.

Infelizmente, não foram obtidos prospectos do prédio na época em que os jesuítas o ocupavam; no entanto, existe um prospecto que foi utilizado para as obras de restauração do prédio (ocorrida em 1996) que deu origem ao atual Museu de Arte Sacra (Ver Plantas 1, 2 e 3).

4.1 Estrutura

4.1.1 As Salas de aula

Segundo Govoni (2016), as salas de aula do Colégio de Santo Alexandre localizavam-se no pavimento térreo da edificação, os demais pavimentos se destinavam ao descanso, reflexão ou lazer.

4.1.2 A Livraria

Esse aposento se localizava no corredor da banda poente, ao lado da oficina de encadernação (COELHO, A; COELHO, G., 2005). Possuía uma decoração rica e austera, cujo mobiliário era todo em madeira cotiara[30]. Lá havia um quadro de São

[30]Madeira de cor amarelada e rajada de preto (BRITO; OLIVEIRA, 2014, p. 79).

Jerônimo, protetor dos tradutores e bibliotecários[31]; e uma imagem de Nossa Senhora, grande, carregando o menino Jesus, ambos estavam ornados com coroas de prata, acima lê-se a efígie *Sedes Sapientae* (Sede de sabedoria). Conforme Monfort (2010), Nossa Senhora é a *Sedes Sapientae*, porque:

> [...] ela foi a criatura que mais conhecia e amava a Deus". O Evangelho nos diz: Ela observou todas as coisas e as guardava em seu coração. Nossa Senhora é a Sede da Sabedoria, porque Ela é a Medianeira Universal que Deus estabeleceu entre Ele e os homens, a fim de ser conhecido e amado.

As estantes foram feitas em madeira encaixilhadas com remates e tarjas com os assuntos entalhados discriminando sobre o que versavam os livros armazenados em cada estante, sendo muito parecidas comas que podem ser vistas na Biblioteca do Grêmio Literário Português de Belém do Pará.

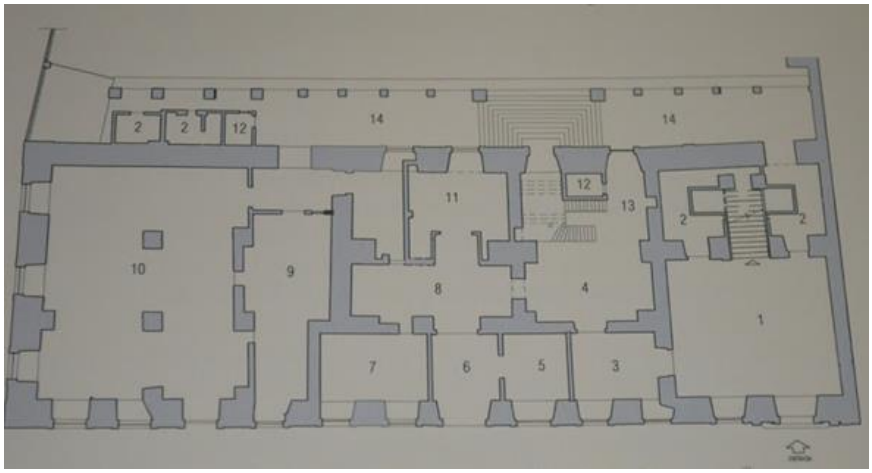
Foto 11 – Estante da Biblioteca do Grêmio Literário Português

Fonte: Arquivo pessoal (2015).

Essa livraria possuía regras de utilização norteadas pelo *Livro de Obediências dos Gerais*. Os empréstimos e acesso aos livros eram concedidos pelos Provinciais e, na ausência destes, qualquer outro jesuíta, desde que fosse graduado, poderia exercer tais atividades (COELHO, A; COELHO, G., 2005).

[31] Conforme Alencar (2009, p. 1), São Jerônimo (cerca de 340 - 30 de setembro de 420 d.C.), grande tradutor e exegeta da Bíblia. é considerado o Padroeiro dos Bibliotecários, secretários, editores e tipógrafos. Possuía vasta cultura e se destacou como escritor, presbítero, filósofo, teólogo, retórico, gramático, dialético e historiador. Ele integra a lista dos 33 Doutores da Igreja Católica. O Dia da Bíblia é consagrado à data de falecimento do monge. Ele é o pai da Biblioteconomia no mundo.

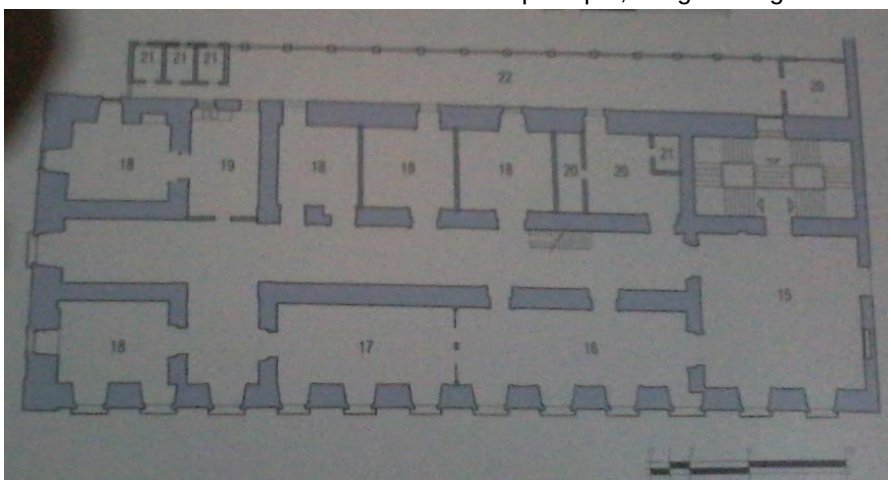
Planta 1 – Pavimento térreo do Palácio Episcopal, antigo Colégio dos Jesuítas



LEGENDA
1 Hall de entrada
2 Depósito
3 Portaria
4 Antessala
5 Gabinete do Bispo Auxiliar
6 Garagem
7 Gabinete do Arcebispo
8 Estar
9 Sala de Imagens
10 Arquivo e Secretaria
11 Depósito de vinhos
12 WC
13 Arquivo
14 Varanda

Fonte: PROJETO de restauração e adaptação de uso (2005, p. 139)

Planta 2 – Primeiro Pavimento do Palácio Episcopal, antigo Colégio dos Jesuítas

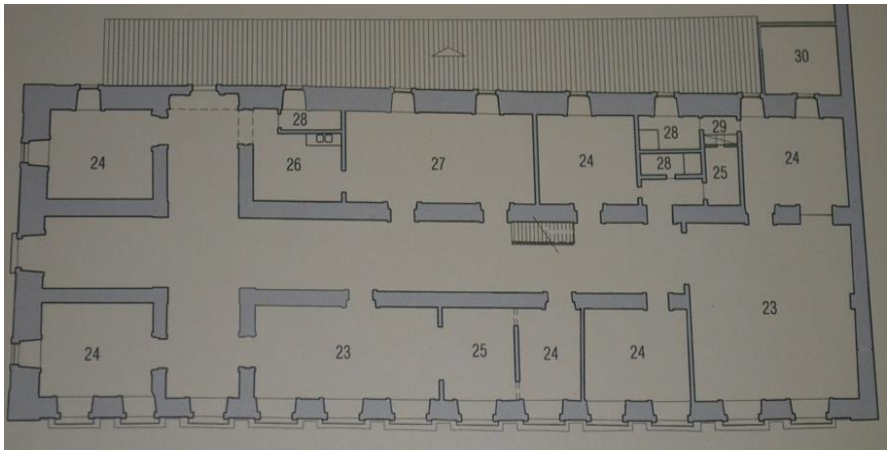


LEGENDA

15 Sala de visitas
16 Galeria dos Bispos
17 Capela
18 Dormitório
19 Cozinha
20 Depósito
21 WC
22 Área Coberta

Fonte: PROJETO de restauração e adaptação de uso (2005, p. 139)

Planta 3 – Segundo Pavimento do Palácio Episcopal, antigo Colégio dos Jesuítas



LEGENDA

23 Biblioteca
24 Dormitórios
25 Depósito
26 Cozinha
27 Sala de Refeições
28 WC
29 Vestir
30 Sacada

Fonte: PROJETO de restauração e adaptação de uso (2005, p. 139)

O acervo da Livraria do Pará foi adquirido de duas formas:

a) Por *doações:* Leite (1943) presumia que o acervo da livraria do Colégio do Pará foi iniciado pelo Pe. Luis Figueira[32] e expandido pelas aulas de Latim, posto que nestas aulas se faziam necessários livros de autores clássicos para que os alunos fizessem traduções. Conforme Alan Coelho e Geraldo Coelho (2005): “a aula de Latim foi a única que teria dado bons resultados, já que alguns deles já tinham começado a traduzir Quinto Cúrcio[33]”. Leite (1943, p. 288) sumariza dizendo: “desta forma teriam principiado também as livrarias do Pará e casas mais importantes das missões”;

b) Por *compra:* inicialmente, foram, comprados livros provenientes de Portugal, do Estado do Brasil, além das próprias Províncias do Maranhão e do Pará, pois eram comuns as transferências de funcionários da coroa, médicos, juristas ou militares para outras localidades da América portuguesa ou para o Reino, e, para eles, compensava mais vender os livros do que pagar frete de torna-viagem (LEITE, 1943).

O acervo da livraria estava bastante ampliado até próximo da expulsão dos jesuítas e, segundo o relato de muitos estudiosos (LEITE, 1943; COELHO, A; COELHO, G., 2005; MORAES, 2006; GOVONI, 2009); chegou a possuir 2.000 volumes.

Infelizmente, o inventário do catálogo dessa livraria ainda está desaparecido, contudo é possível inferir acerca do seu conteúdo ao examinar o inventário da Livraria do Colégio da Vigia, o qual será analisado minuciosamente a seguir.

Um dos grandes núcleos de incidência das livrarias jesuítas eram obras de cunho humanístico, portanto, eram comuns textos de: Cícero, Sêneca, Ovídio, Virgílio, Esopo, Plauto, Píndaro e outros. Apesar destes teóricos serem pagãos, os inacianos adaptavam suas obras aos ideais cristãos. No entanto, os romances e contos, eram expressamente rechaçados, devido à dispersão intelectual e à

[32] Figueira fez incursões no Pará antes da Missão do Pará ter sido efetivamente iniciada, e como os jesuítas, sempre portava livros entre os seus pertences.
[33] Célebre historiador romano, que viveu no século I d.C. e se consagrou por ter escrito a obra “História de Alexandre Magno” (MARISCAL, 2016).

perversão da moral que provocavam nos leitores (RODRIGUES, SOUSA; DIAS, 2013).

A análise do inventário da Livraria do Colégio da Vigia nos mostra que a composição das livrarias era diversificada e adaptada às necessidades dos jesuítas e, por conta disso, não dispunham apenas de livros religiosos, como se pode pressupor rapidamente, nela também constavam livros de ordem prática que ajudavam os jesuítas a tecer, produzir móveis, cuidar de jardins, cozinhar, enfim uma série de conhecimentos práticos que auxiliavam na vida em comunidade.

Havia também livros para o ensino e aprimoramento do estudo de línguas, não só o latim (idioma universal da cultura e erudição no mundo nos séculos XVI e XVIII), como a língua portuguesa, e também a indígena. Como Mendonça (1984, p. 19) constatou:

> [...] Como poderiam, assim, os portugueses comunicar-se com esses nativos de que tanto necessitavam? Foi um lento processo de interpenetração, também devido aos missionários que aprenderam os dialetos tribais e fizeram os seus primeiros vocabulários e até algumas regras elementares.

Esse que foi um estratagema muito útil à aproximação entre os jesuítas e os índios e que auxiliou, indubitavelmente, no avanço da colonização portuguesa na América do Sul.

Livros que incrementavam os conhecimentos retóricos e oratórios também eram muito frequentes, pois essa era uma marca registrada dos jesuítas, que eram muito hábeis oradores, tendo no Padre Antônio vieira, seu principal expoente. Porém, via de regra, essa era uma habilidade bastante trabalhada nos jesuítas, e muitos deles vieram a se tornar conselheiros de reis e de pessoas influentes, não só no Reino como em suas colônias.

A retórica era tão enfatizada para os jesuítas que na Ratio *Studiorum* foram destinadas sete regras para as academias de Retórica e Humanidades e vinte regras a serem obedecidas pelos professores de retórica (FRANCA, 1952).

Nos colégios jesuíticos, a retórica era tão trabalhada que chegava a ser estudada por quatro horas diárias, sendo duas horas pela manhã e duas horas à tarde (CASTRO, 1983 apud HANSEN, 2011).

Segundo Fonseca (1979), os jesuítas foram os primeiros bibliotecários do Brasil, o autor reporta também que Antônio da Costa, missionário que coordenava a

livraria do Colégio da Bahia, elaborou um catálogo das obras que compunham o acervo daquela livraria, e este se tornou: “o primeiro instrumento biblioteconômico produzido no Brasil” (FONSECA, 1979, p. 15).

As livrarias eram precípuas à ação pedagógica dos jesuítas, conforme Leite (1943, T. 3, p. 103), a respeito das Missões na Amazônia, dizia: “não havia aldeia, por mais recuada que fosse na profundeza dos sertões e rios, que a não iluminasse ao menos uma estante de livros”.

Os jesuítas valorizavam tanto os livros que sempre procuravam colocá-los na pauta de suas prioridades para melhor desempenhar as atividades missionárias, como atesta Rodrigues ([2011], p. 288) ao dizer: “Uma das principais preocupações desde a instalação dos primeiros missionários jesuítas foi providenciar os meios necessários para o desempenho das suas atividades missionárias. Entre estes estavam os livros”.

Com base nessas assertivas, ficou patente que as livrarias seriam um dos alvos de destruição do Marquês de Pombal para enfraquecer os jesuítas. Assim, o Marquês de Pombal planejou diferentes formas de debelar a Livraria de Jesuítas do Pará: primeiro pensou em colocá-los em hasta pública[34], depois cogitou em construir uma Biblioteca Pública[35] na cidade e disponibilizá-los para uso da população; por fim decidiu deixá-los no próprio prédio do Colégio, posto que obedeceria à Carta Régia, datada de 11 de junho de 1761, a qual determinava que: [...] “deveria ser criado em Santo Alexandre um Colégio dos Nobres, e que se desse para o seu uso a livraria do mesmo Convento e todos os livros dispersos e Livrarias das Casas que os mencionados Regulares tiveram na Vila de Vigia” (BAENA, 1969, p. 191). Entretanto, nem a Biblioteca Pública, muito menos o Colégio de Nobres, conseguiram ser concretizados no Pará por Pombal.

Durante a feitura da presente, pesquisa buscou-se encontrar ao menos um exemplar que pertenceu a essa importante biblioteca da Amazônia, porém nada foi encontrado, nem mesmo no Seminário Pio X, que conforme relatos do Padre Ilário Govoni, um dos poucos jesuítas que ainda residem em Belém do Pará, além de exímio pesquisador dos inacianos, teria sido o último destino desse acervo.

---

[34]Venda judicial de bens do devedor, observado o preço da avaliação a fim de ser rateado, com o respectivo produto, o pagamento da dívida. Distingue-se do leilão, porque, neste, a arrematação é feita pelo maior lance, ainda que inferior ao limite da avaliação (JUS BRASIL, 2009).

[35]A Biblioteca Pública do Estado do Pará só veio se concretizar mesmo em 25 de março de 1871, na gestão do Dr. Joaquim Pires Machado Portela, presidente da Província do Pará (VIANNA, 1902).

Foram feitas consultas aos acervos raros das bibliotecas de Belém, mas nada foi encontrado.

Pinto (1906) nos fornece um bom argumento que justifica o desparecimento desses livros, quando informa que o Bispo D. Frei João de S. José de Queiros enviou “dez caixões com os ricos livros dos jesuítas aos confrades de Lisboa” (PINTO, 1906, p. 22).

O Pe. Ilário Govoni (2015) informou que, em recente viagem que fez a Portugal, encontrou um livro do Colégio do Pará, na Biblioteca da Universidade de Coimbra, identificado pelo carimbo “Ex Collegii Paraensis”, ou seja, Do Colégio do Pará.

4.1.3 As Oficinas

Conforme Leite (1939, t. 3, p. 213), as oficinas do Colégio do Pará foram construídas em 1692, e compreendiam o espaço situado no Pátio menor, no Pátio de baixo, voltado para o sentido do Mercado do Ver-o-Peso.

As oficinas existiam no colégio, nas casas e fazendas, pois, como previam as decisões do Concílio de Trento, a evangelização por meio da arte era uma constante, sendo assim, a demanda por pessoas para trabalhar nessas oficinas também era tamanha e, dependendo do serviço, a mão de obra tinha que ser cada vez mais especializada (MARTINS, 2009).

4.1.4 A Botica

Os constantes conflitos entre os colonos e os indígenas, o crescimento desordenado das cidades, a ingestão de plantas venenosas, o contato com animais ferozes ou peçonhentos faziam com que a vida na colônia fosse muito perigosa.

A distância entre a metrópole e a colônia implicava em carência de profissionais da saúde (médicos, enfermeiros, dentistas, boticários). O tratamento de enfermos não era tarefa dos jesuítas, porém o Papa Gregório XIII autorizou as ordens religiosas a exercer procedimentos médicos em localidades que não dispusessem desses profissionais, e os jesuítas já exerciam essa prática desde 1576, inclusive os noviços tinham que estagiar durante um mês em um hospital para completar sua formação (EDLER, 2006).

A obtenção de medicamentos vindos do Reino também era muito demorada. Nesse cerne, os jesuítas, dentre as suas várias habilidades, passaram também a produzir medicamentos com matéria-prima extraída da própria colônia sendo auxiliados pelos conhecimentos tradicionais dos silvícolas nas chamadas Boticas (SÃO BENTO, 2014).

A Botica era uma importante fonte de subsistência para o Colégio, pois os medicamentos eram confeccionados pelos padres e vendidos às pessoas mais abastadas e franqueados às camadas pobres da população.

E o negócio era bem rentável, porque o dinheiro arrecadado com as vendas passou a ser empregado na compra de livros para o colégio (LEITE, 1943).

Via de regra, todos os colégios jesuítas deveriam possuir a mesma estrutura, no entanto, a botica do colégio de Santo Alexandre funcionava em local improvisado, junto com a rouparia, como Renata Martins (2009, p. 179-198) descreve:

> [...] por falta de lugar, e que neste local se encontravam além de caixas e baús, “bacias para lavar os pés e sangrias”, almofariz, alambiques, “estantes antigas, com vidros, vasos, bocetos e balança; e alguns medicamentos antigos não deste ano [1720].

Os jesuítas se preocuparam em estudar a fauna e a flora local e se informar com os autóctones sobre os usos terapêuticos dos recursos naturais, esses conhecimentos eram catalogados e registrados em livros que compunham o acervo das livrarias do colégio.

4.1.5 A Igreja de São Francisco Xavier

Originalmente, tinha sido construída em um terreno no Bairro da Campina ao lado do Colégio de Santo Alexandre, porém com a mudança de sede, a Igreja teve que ser construída ao lado do Colégio no novo terreno, pois o complexo jesuítico previa que igreja, colégio e demais edificações associadas à ordem jesuítica estivessem sempre juntas, posto que algumas atividades educacionais também eram realizadas na Igreja.

Primitivamente, a Igreja denominava-se São Francisco Xavier, mas com a perseguição instaurada pelo Marquês de Pombal aos jesuítas, foi feita a mudança para Igreja de Santo Alexandre. Esse fato se enquadra em uma clara tentativa

daquilo que Halbwachs (2015) definia como *esquecimento pelo desapego de um grupo*. Isso se configurava em uma tentativa de apagar a trajetória dos jesuítas em Belém, pois São Francisco Xavier era um santo eminentemente jesuíta, devido ele ser um dos fundadores da Companhia de Jesus, bem como devido ao grande êxito que obteve na evangelização de colônias portuguesas no oriente, ao passo que Santo Alexandre não tinha essa correlação.

O professor de História da Arte Joseph Le Bihan (2005) tem uma interpretação diferente desse caso, para ele, a mudança do nome se deveu ao fato de Santo Alexandre possuir um culto maior entre os católicos, além do que a Igreja possuía as relíquias[36] de Santo Alexandre enviadas a Belém pelo Papa Urbano VII, por ocasião da criação do Colégio Jesuíta do Pará; inclusive, uma das capelas colaterais da Igreja era dedicada a este Santo e nela eram expostas as relíquias em um túmulo dourado para veneração dos fiéis. Le Bihan salienta que esta era uma prática recorrente dos jesuítas, e que eles produziam retábulos específicos para esse tipo de adoração.

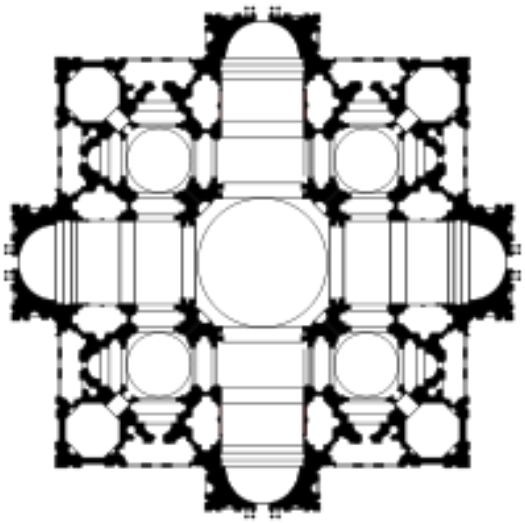
A arquitetura da Igreja de Santo Alexandre obedece ao estilo barroco, possui uma estrutura muito caracteristicamente jesuíta formada por duas torres, a qual se assemelha bastante com a Igreja dos Jesuítas de Salvador, na Bahia (atual Igreja da Sé baiana), e por sinal, estes dois grandes expoentes da arquitetura barroca na América portuguesa, juntamente com a Igreja dos Jesuítas de Santarém em Portugal, representaram os mais importantes templos da arquitetura jesuítica do século XVIII (SOUSA, 2013).

Jussara e Jorge Derenji (2009) enfatizam essa semelhança e a justificam alegando que essas duas edificações foram concebidas com base nos mesmos princípios técnicos e estéticos dos jesuítas, porém a edificação belenense perde em qualidade estética, por ter sido feita totalmente com mão de obra indígena, em um período em que os silvícolas ainda não tinham muita intimidade com essa nova forma de construção (DERENJI, Jussara; DERENJI, Jorge, 2009, p. 26).

A Cruz Latina é a base de inspiração da planta da Igreja de Santo Alexandre, que é composta por uma nave central, ladeada por oito capelas que possuem passagem para a sacristia.

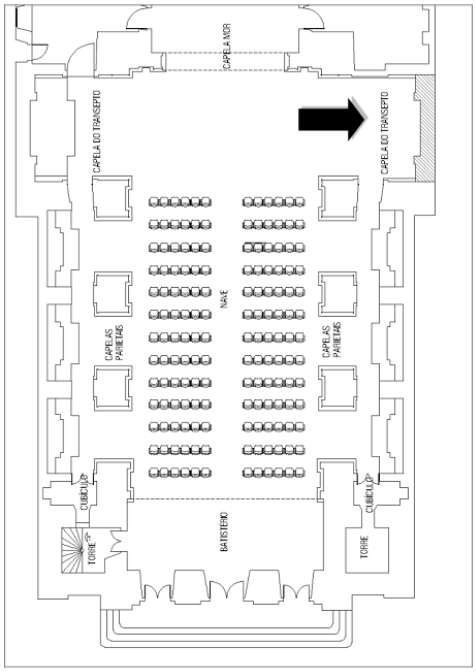
[36] “Resto do corpo dos santos, geralmente de seus ossos e por extensão objetos que eles usavam. A Igreja autoriza a sua veneração em forma de culto relativo, isto é não dirigido às relíquias, mas à pessoa do santo” (PEDRO, 1994, p. 266).

Planta 4 - Planta de Cruz Grega



Fonte: CHING (1999, p. 56)

Planta 5 - Planta de Cruz Latina, Igreja de Santo Alexandre



Fonte: LOUREIRO (2015)

Conforme os desenhos acima, percebe-se que a planta de Cruz Grega possui uma disposição mais distribuída; ao passo que a planta de Cruz Latina possui uma distribuição mais longitudinal, tal recurso é proposital para direcionar o visitante a ter foco de visão voltado para o altar-mor e para os púlpitos, “peças fundamentais na literatura católica da Contra-Reforma centralizada no ritual da missa e na pregação dos sacerdotes” (OLIVEIRA, M, 2005).

Até o período em que os jesuítas estiveram em Belém do Pará, o altar-mor da Igreja de Santo Alexandre era totalmente dourado, no melhor estilo barroco, cujo ouro era proveniente de reservas auríferas encontradas na Fazenda de Mortiguara (BORROMEU, 1946); porém como a Igreja ficou anos abandonada, ela sofreu graves depredações. Sobre a remoção do douramento do altar-mor e dos púlpitos, Hugo Rocha (1993, p. 117) relata que:

> É deveras lamentável e depõe contra nossa cultura o fato de que grande parte do trabalho de tantos artistas tenha simplesmente desaparecido por esse ou por aquele modo. Revela referir que as pinturas dos púlpitos e do altar-mor, por exemplo, receberam depois da expulsão dos jesuítas, por vingança certamente, que o contexto hodierno não permite bem compreender, uma espécie de caiação com tinta duvidosa, por cima da pintura original que tinha detalhes folheados a ouro. Versão mais singela explica que a razão de tão esdrúxulo proceder teve como objetivo evitar cobiças, visto que de fato havia incrustações áureas.

É possível ter uma ideia de como era o altar-mor da Igreja de Santo Alexandre vislumbrando o altar-mor da Igreja do Colégio de Nossa Senhora da Luz (atual Igreja da Sé), em São Luis do Maranhão.

Foto 12 - Altar-mor da Igreja de Santo Alexandre

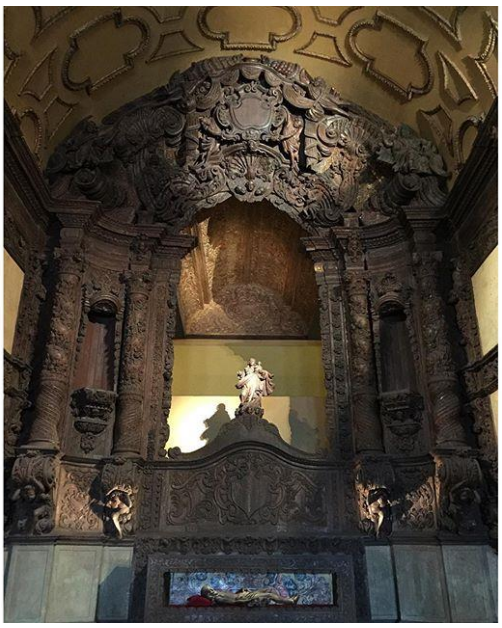


Foto: A autora desta pesquisa (2016).

Foto 13 - Altar-mor da Igreja do Colégio de Nossa Senhora da Luz

Foto: A autora desta pesquisa (2016)

A Igreja de Santo Alexandre, como a maioria das igrejas, tinha conformação enfaticamente didática, cujos pressupostos didáticos religiosos estavam perfeitamente alinhados às Decisões do Concílio de Trento, principalmente no que se refere aos itens 984 e 987, *in verbis*:

> [...]
> 984. Manda o Santo Concílio, a todos os Bispos, a todos os encarregados do ensino e aos que mantem a cura, que instruam diligentemente os fiéis, sobretudo no que diz respeito à interseção e invocação dos santos, à veneração de suas relíquias, e ao uso legítimo de imagens, segundo o costume da Igreja católica [...];
> [...]
> 987. Os Bispos ensinem, pois, diligentemente, com narrações dos mistérios de nossa redenção, com quadros, pinturas e outras figuras, pois assim se instrui o povo, ajudando-o a venerar e recordar assiduamente os artigos da fé [...] (ROMA, 1563).

Assim, em um passeio ao longo da Igreja, é possível perceber que o teto é extremamente alto, para demonstrar como os homens são pequenos perante a

grandeza de Deus. Ao longo da, nave existem quadros que exibem cenas da *via crusis* (caminho da cruz) de Jesus. Nas paredes laterais da capela-mor, existem 12 molduras que Mirian Oliveira (2005) pressupõe que iriam abrigar quadros alusivos aos *Exercícios Espirituais* propostos por Loyola, a exemplo do que foi feito na Igreja Jesuítica de Salvador.

As capelas laterais continham imagem de santos. Os santos são muito importantes para a educação jesuítica, que era pautada em valores morais e humanistas. Em suma, todos esses elementos auxiliavam os jesuítas a doutrinar os fiéis.

4.1 6 Os Pátios

Dentro da arquitetura eclesiástica, os pátios construídos em mosteiros, conventos, colégios e congêneres se prestam ao descanso ou reflexão da comunidade que o habita (MENEZES, 2006); porém o Colégio de Santo Alexandre possuía dois pátios imensos fronteiriços aos muros da Igreja (atual Jardim do Tempo) e do Colégio (atual Jardim da Fonte), e eles eram usados para armazenar toda a produção agrícola realizada nas casas e fazendas anexadas ao Colégio do Pará, sendo que parte seria enviada para o Reino e outra parte seria utilizada para a subsistência do Colégio. Conforme bem observa Bezerra Neto (2012) acerca desta outra faceta do colégio para os jesuítas, ao dizer que ele: “[...] não tinha uma função meramente educacional, mas, sobretudo, de centro gerenciador de todo o patrimônio material da Ordem, [...] estavam atreladas a ele. Singular, nesse sentido, é a própria arquitetura de tais prédios”.

4.2 A Equipe pedagógica

4.2.1 Os Reitores

Os padres reitores tinham a função de: coordenar o colégio, verificar a conduta dos professores e emitir cartas às autoridades do reino (FRANCA, 1952). Mas, Bezerra Neto (2012) chama atenção para uma outra habilidade que muito contribui para o desenvolvimento da Missão Jesuítica no Grão-Pará, ou seja:

> [...] A gerência dos rendimentos das propriedades jesuíticas [...], pois a administração / contabilidade inaciana contava com um alto grau de aperfeiçoamento, fazendo frente até mesmo a administração da fazenda real. Nesse sentido, merece destaque as figuras dos padres reitores e procuradores. Ambos trabalhavam intensamente na conquista/maximização de bens e na resolução de pleitos que envolviam o patrimônio material jesuítico.

Desde a sua fundação (1952), o Colégio de Santo Alexandre teve trinta e cinco padres que se revezaram na gestão deste importante Colégio da Amazônia, os quais são arrolados no quadro 7.

Quadro 7 - Dirigentes do Collegio do Pará (1652-1760)

N	NOME	PERIODO	CARGO
1	Pe. João de Souto-Maior	1652-1653	Reitor
2	Pe. Manuel de Sousa	1653-1655	Superior
3	Pe. Manuel Nunes	1655-1661	-
4	Pe. Francisco Veloso	1661	Superior
5	Pe. João Filipe Bettendorff	1661-1663	Reitor
6	Pe Francisco Veloso	1663-1668	Reitor
7	Pe. Manuel Nunes	1668-1669?	Reitor
8	Pe. Bento Alvares	1669?-1674	Reitor
9	Pe. Francisco Veloso	1674-1679	Reitor
10	Pe. Antônio Pereira	1679-1682?	Reitor
11	Pe. Jodoco Peres	1682-1683	Reitor
12	Pe. Francisco Ribeiro	1683-1689	Vice-Reitor
13	Pe. João Carlos Orlandini	1689 – 1693	Reitor
14	Pe. Manuel Nunes	1693-1694	Reitor
15	Pe. João da Silva	1694-1696	Vice-Reitor
16	Pe. Bento de Oliveira	1696-1700	Superior
17	Pe. Antônio da Cunha	1701-1708	Reitor
18	Pe Inácio Ferreira	1708-1711	Reitor
19	Pe. Tomás Couto	1711-1715	Vice-Reitor
20	Pe. Manuel de Brito	1715-1720	Reitor
21	Pe. Domingos da Cruz	1720-1722	Reitor
22	Pe. Domingos de Araújo	1722-1723	Reitor
23	Pe. Luiz de Mendonça	1723-1726	Reitor
24	Pe. José de Sousa	1727-1730	Reitor
25	Pe. José da Gama	1730-1732	Reitor
26	Pe. João Teixeira	1732-1738	Reitor
27	Pe. Inácio Xavier	1738-1741	Reitor
28	Pe. João Ferreira	1741-1744	Reitor
29	Pe. Manuel Ferreira	1744-1748	Superior
30	Pe. Caetano Xavier	1748	Superior
31	Pe. Júlio Pereira	1748-1751	Reitor
32	Pe. Aleixo Antônio	1751-1753	Vice-Reitor
33	Pe. Caetano Xavier	1753-1757	Reitor
34	Pe. Domingos Antônio	?1757	Reitor
35	Pe. Inácio Estanislau	1757-1760	Vice-Reitor

Fonte: Leite (1943, T. 3, p. 229-233).

Ressalta-se que nem todos os dirigentes eram Reitores, pois algumas vezes se fazia necessário o Reitor se deslocar para alguma aldeia ou para o Reino e devido às grandes distâncias, o Colégio do Pará, em alguns momentos, ficou sendo gerenciado por Vice-Reitores ou Superiores da Missão.

4.2.2 Os Professores

Os jesuítas sempre foram conhecidos por cultivar sólidos conhecimentos interdisciplinares, e para garantir essa excelência, eles nunca descuidaram da formação de professores. Inclusive para Nunes (2008), é possível imputar aos inacianos a introdução no sistema educacional da prática de formação de professores; para eles, os professores deveriam trabalhar de maneira orquestrada, visto que a fim de “garantir tal eficiência, os professores deveriam ser treinados com precisão” (NUNES, 2008, p. 4).

As aulas de Latim eram o carro-chefe do Colégio do Pará e foram ministradas desde sua fundação. Destacou-se no ensino do Latim o Pe. João de Souto-Maior, que era Reitor do Colégio, bem como o Pe. Salvador do Vale. Em relação à Teologia Dogmática, destacou-se Rodrigo Homem, que lecionava Teologia Dogmática; Já as aulas de Filosofia eram ministradas pelo Pe. Manuel de Sousa e pelo alemão Jodokus Perrett (LEITE, 1943, T. 4; JAECKEL, 2008). O alemão Konrad Pfeil (1638-1701) ministrava aulas de matemática (JAECKEL, 2008).

4.2.3 Os Professores leigos

Devido ao grande contingente de pessoas a serem ensinadas, a Companhia de Jesus dispunha de professores leigos (os membros da Companhia que não eram padres) que se dedicavam ao ensino nas escolas de ler e escrever e nas oficinas (LEITE, 1943, T. 4).

Os professores leigos eram responsáveis por fazer os desenhos que iriam se converter em talha ou imagens, ou as ilustrações parentais que seriam pintadas. Além de desenhar, eles supervisionavam os trabalhos dos indígenas e negros e produziam as obras junto com os seus discípulos, ao mesmo tempo faziam a

evangelização, pois na feitura das imagens eram contadas as histórias daquele santo que estava sendo representado (BAZIN, 1983, T. 1).

Os nomes de alguns professores leigos que lecionaram nas oficinas do Colégio do Pará estão arrolados no quadro 8.

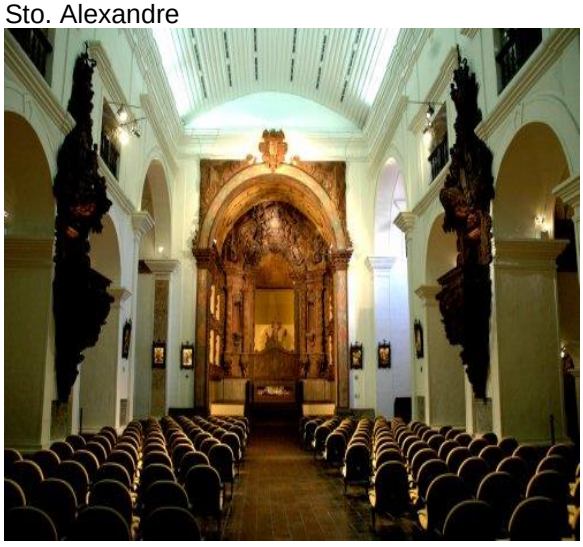
Quadro 8 - Professores leigos que lecionaram nas oficinas do colégio de Santo Alexandre em Belém do Pará

PROFESSOR LEIGO	NACIONALIDADE
Agostinho Rodrigues (pintor)	Português
André Gonçalves	Português
Baltasar de Campo (pintor)	Holandês
Bernardo da Silva	Português
Francisco Rebelo	Português
João Carneiro	Português
João de Almeida (pintor e engenheiro)	Francês
João Xavier Trayer (escultor)	Austríaco
José de Moura	Português
Luís Correia	Português
Manoel Inácio	Português
Marcos Vieira	Português
Samuel Fritz (desenhista, cartógrafo)	Alemão

Fonte: Bettendorf (1990) e Renata Martins (2009)

Dentre todos estes, o tirolês João Trayer foi um dos artífices que mais se destacou, ele foi responsável pela confecção dos púlpitos da Igreja de Santo Alexandre (CARDOSO, BARARUA, VALE, 2014).

Foto 14 – Púlpitos localizados na nave da Igreja de Sto. Alexandre



Fonte: PMB (2016)

Foto 15 – Detalhe de um dos púlpitos, confeccionados por Trayer e seus discípulos

Fonte: DERENJI, Jorge; DERENJI, Jussara (2009, p. 28).

Os púlpitos confeccionados por Trayer e seus habilidosos alunos indígenas impressionam e maravilham não só os visitantes como especialistas em arte barroca (tais como: Lúcio Costa e Myriam Oliveira) e são inegavelmente um diferencial dessa Igreja.

Durante muito tempo, costumou-se divulgar como informação turística que o notável orador Pe. Vieira havia pregado alguns de seus arrebatadores sermões[37], nessa igreja, porém Augusto Meira Filho, em uma publicação intitulada "Contribuição à história dos púlpitos de Santo Alexandre", derrubou por terra essa curiosidade turística, pois Trayer os construiu no início do século XVIII e o Padre Vieira estivera em Belém em meados do século XVII, e depois de sua expulsão em 1661 nunca mais voltara a pisar em solo belenense.

4.3 Os discentes

Segundo EBM (1963), para que um indivíduo fosse admitido à ordem, ele tinha que se submeter a uma série de exigências, antes mesmo de ser recrutado.

A questão da habilidade sempre foi o alvo dos jesuítas, independente da raça a que pertencesse o aluno.

Especula-se que muitos dos colonos que tinham posses queriam por força que seus filhos estudassem em Santo Alexandre, mas a questão não era financeira, até mesmo porque o Colégio era gratuito, a questão era mesmo a habilidade, pois os docentes eram poucos e precisavam formar indivíduos que futuramente viriam contribuir para o engrandecimento da cidade e do próprio colégio.

4.3.1 Os filhos dos moradores

Os filhos dos colonos estudavam no colégio jesuítico e a eles eram aplicados estudos enfaticamente greco-latinos, cuja leitura de autores clássicos era imprescindível, além do pleno domínio das normas gramaticais e, por conseguinte, das línguas pátrias, que, paulatinamente, iam se inserindo no currículo.

[37]Conforme Moreira (1970), Vieira pregou quatro sermões em Belém do Pará, a saber: o **Sermão da Primeira Oitava da Páscoa** (1656), o **Sermão da Ressureição de Cristo** (1658), o **Sermão de Nossa Senhora da Graça** (1651), todos pregados na Igreja da Sé. Há também o **Sermão da Madrugada da Ressureição**, mas não foi possível identificar a data nem a igreja de Belém em que ele o proferiu.

Complementarmente eram aplicados: exercícios e aula extra; atividades teatrais; atividades orais, tais como: discursos, declamações, pregações no refeitório; e competições entre grupos que resultavam em premiações.

Enfim, uma série de atividades que desenvolviam a intelectualidade do indivíduo, que na visão dos jesuítas, era um produto da criação divina e que, por isso mesmo, deveria ser orientada pela formação religiosa. Neste cerne, as livrarias conventuais eram basilares ao desenvolvimento da educação jesuítica, posto que nos Colégios demandavam-se muitas redações, rigorosamente corrigidas e para fundamentá-las, era preciso ler autores clássicos, tais como: Aristóteles e Cícero e, principalmente, São Tomás de Aquino, teórico que traduzia o pensamento oficial da Igreja Católica para os jesuítas.

O Colégio do Pará foi um grande centro irradiador de conhecimento e dentre os alunos célebres que por lá estudaram, tem-se: Antônio de Carvalho, que foi posteriormente Governador do Maranhão e do Rio de Janeiro, além de ter sido pacificador de Minas Gerais; Pero Pedrosa, que foi o primeiro lusitano a atingir os sertões de Tucanhapes no Xingu; e Domingos de Araújo, cronista que estudou Filosofia no Brasil e Teologia no Maranhão e Pará (LEITE, 1943, T. 4).

4.3.2 Os silvícolas

A catequese sempre foi o fulcro da ação pedagógica dos jesuítas em relação aos índios; no entanto, havia distinção entre os conhecimentos repassados para os curumins e os conhecimentos repassados para os índios adultos.

4.3.2.1 Os Curumins

Os filhos dos silvícolas foram um elemento-chave na política de colonização na América portuguesa. Eles foram basilares na interlocução entre os colonizadores e os silvícolas.

Os missionários aprendiam a língua indígena com os curumins e, nessas interações, ensinavam a língua portuguesa, e assim que os indiozinhos passavam a ter mais uma desenvoltura, iniciavam-se os estudos catequéticos da doutrina cristã. Os indígenas passavam também a treinar a leitura e a escrita, bem como eram

iniciados musicalmente tanto para o canto orfeônico quanto no aprendizado do manuseio de instrumentos musicais.

Os curumins quando adquiriam o domínio da língua portuguesa, começavam a estudar o catecismo da doutrina cristã e a ler e escrever; segundo os pendores, também tinham aulas de canto orfeônico e de instrumentos musicais. Caso concluíssem os estudos elementares, iriam para o aprendizado de ofícios mecânicos (marcenaria, olaria etc), e os que demonstrassem ter habilidades para o estudo, poderiam participar das aulas de Latim, o que equivalia a um curso secundário (MATTOS, 1958).

4.3.2.2 Os Índios adultos

Os índios adultos, desde o início das missões, se mostraram mais resistentes ao estudo, por isso os missionários investiram pesadamente nos curumins que aprendiam mais rápido e também eram mais disciplinados.

As constantes fugas e o abandono das atividades educacionais propostas pelos jesuítas aos indígenas adultos fizeram com que os inacianos desenvolvessem novas abordagens baseadas principalmente na observação. Eles perceberam que os índios eram dotados de extrema habilidade manual, pois constantemente eram vistos fazendo pinturas corporais, artefatos em cerâmica, cestarias, ferramentas para caça etc. Então, os jesuítas viram, nesse expediente, uma forma de aproveitar a mão de obra indígena adulta em uma atividade que seria útil à edificação ou manutenção dos colégios, e que ainda afastaria o índio da ociosidade e da ação dos colonos.

O uso da mão de obra indígena para as artes e ofícios foi um estratagema extremamente benéfico aos países colonizados, pois dessas ações resultaram grandes obras arquitetônicas e escultóricas, muitas das quais existem até hoje e representam um testemunho do modo de fazer arquitetura no longínquo período colonial da América portuguesa.

Ademais, esse intercâmbio cultural permitiu a concepção de obras ímpares, que divergem de outras engendradas nos demais períodos históricos, bem como divergem inclusive entre si, posto que o indígena procurava imprimir na sua construção elementos presentes no seu cotidiano, por isso os elementos arquitetônicos que adornavam as igrejas, colégios e palácios episcopais retratam a

diversidade de fauna e flora existente nas diferentes regiões das colônias portuguesas.

Cabe especial destaque à arquitetura da Igreja de Santo Alexandre, que como afirmam Jussara e Jorge Derenji (2009) é uma edificação ímpar, pois revela o imaginário amazônico dos setecentos, junte-se a isso o talento de desenho próprios de cada tribo indígena.

As obras compostas pelos índios paraenses foram muito festejadas merecendo um especial elogio do padre jesuíta João Daniel, que na sua obra intitulada: *Thesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*, faz o seguinte comentário sobre a habilidade escultórica dos indígenas na confecção dos tocheiros.

> No Colégio dos Padres da Companhia, na cidade do Pará, estão uns dos grandes anjos tocheiros, com tal perfeição, que servem de admiração aos europeus, e são as primeiras obras que fez um índio daquele ofício, e se a primeira saiu de tal primor, que obras-primas não faria de dar anos no ofício?

Foto 16 – Os anjos tocheiros feitos pelos índios na oficina do colégio Santo Alexandre em Belem (Pa)

Fonte: Martins, R. (2009)

Os índios adultos se dispersavam facilmente, não eram assíduos às atividades educativas e também não eram muito afeitos a estas. Logo, os jesuítas

deveriam ter uma maneira de incluir esses indivíduos no processo de desenvolvimento da colônia. Pela observação da dinâmica da aldeia, os jesuítas perceberam que os silvícolas tinham grande habilidade manual, faziam pinturas corporais, cestarias, pescavam, caçavam, sabiam como se locomover rapidamente pelos rios etc. Então, os inacianos resolveram aproveitar os índios adultos para o aprendizado de serviços mecânicos (confecção de imagens de santos, alvenaria, olaria, carpintaria etc.).

Essa observação dos jesuítas foi fundamental, pois além de integrar o elemento adulto indígena ao processo de expansão colonial, usaram a mão de obra indígena para erguer e embelezar as edificações e elementos decorativos dos interiores do complexo jesuítico de uma maneira mais eficiente e menos coercitiva como faziam os colonos.

Os indígenas auxiliaram os jesuítas em diversos ofícios, desde os mais braçais até os mais refinados, como pintura e escultura. Embora Josefina Pla (1995) diga que a “arte missioneira é uma arte anônima”, foi possível identificar o nome de alguns índios que aperfeiçoaram suas habilidades manuais e artísticas com os mestres jesuítas, assim temos:

Quadro 9 – Índios que participaram das aulas das oficinas de Santo Alexandre

NOME	LOCAL	OFÍCIO
Ângelo	Gibrié	Escultor
Manuel	Gibrié	Escultor
Faustino	Gibrié	Escultor
Duarte	Jaguari	Alfaiate
António Guaiapi	Engenho Ibirajuba	Carpinteiro
Caetano	Mamaiacú	Pedreiro
Casimiro	Gibrié	Ferreiro
Clemente	Gibrié	Torneiro
Matias	Gibrié	Pedereiro
Raimundo Tupinambá	Engenho Ibirajuba	Carpinteiro
Silvestre	Gibrié	Ferreiro

Fonte: Adaptado pela autora desta pesquisa de Guzman (2015, p. 11-12).

4.3.3 Os negros e mestiços

Embora negros e mestiços não fossem o público-alvo do colégio, pelo mesmo prisma da habilidade alguns deles participavam das “aulas” nas oficinas, dentre os quais podemos destacar:

Quadro 10 – Negros e mestiços que participaram das aulas das oficinas de Santo Alexandre

NOME	RAÇA	LOCAL	OFÍCIO
Antônio	negro,	Jaguari,	alfaiate
Francisco Maçus	negro	Jaguari	pedreiro
Mandu	cafuzo,	Engenho de Ibirajuba,	carpinteiros
Manuel García	negro	Jaguari	pedreiro

Fonte: Adaptado pela autora desta pesquisa de Guzman (2015, p. 11-12).

É sabido que as aulas nas oficinas eram mais voltadas para explorar a mão de obra indígena e a negra, no entanto, independentemente disso, abriu-se a possibilidade dos indígenas aprenderem novos conhecimentos, e aos negros também, surgiu uma nova forma de trabalho, até mais ameno do que o que eles geralmente vinham fazendo (CUNHA, L., 2000).

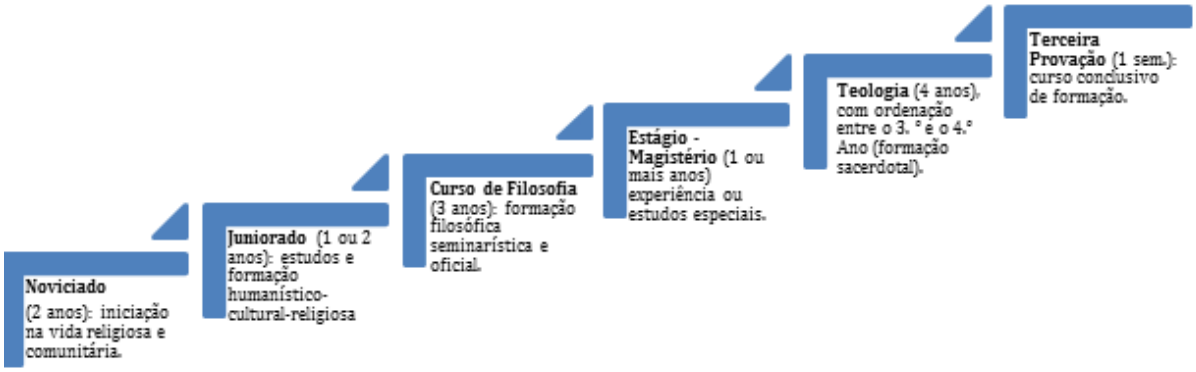
4.3.4 Os Futuros padres

Manuel da Nóbrega (apud LOPES; FARIA FILHO; VEIGA¸ 2000, p.43), em sua primeira carta ao Brasil, afirma que “o irmão Vicente Rijo ensina a doutrina aos meninos cada dia, e também tem escola de ler e escrever. O colégio, contudo, era o grande objetivo, porque com ele prepararíam novos missionários”. Esse pensamento muito se alinhava aos pressupostos de Loyola, pois como narra o Padre Madureira (1927, p. 350): “nos seus primórdios a Companhia de Jesus não era para Inácio uma associação destinada ao ensino público das sciencias e das letras”. O foco de Loyola era a doutrina cristã, como Madureira (1927, p. 360) aduz: “eis a primeira fase da obra de Santo Ignácio: o Collegio é apenas um seminário dos religiosos da Companhia”.

Ressalta-se que, no caso do Pará em especial, os jesuítas ainda auxiliavam na formação de padres de outras Ordens, como foi o caso dos padres mercedários que se aprimoraram em Retórica com os padres da Companhia (COELHO, A.; COELHO, M., 2005, CHAMBOULEYRON, 2007).

Os alunos interessados em seguir o sacerdócio tinham que passar por várias etapas, como mostra o Esquema 2 e levavam cerca de doze a quinze anos para concluir o curso.

Esquema 2 – Formação de um padre jesuíta.



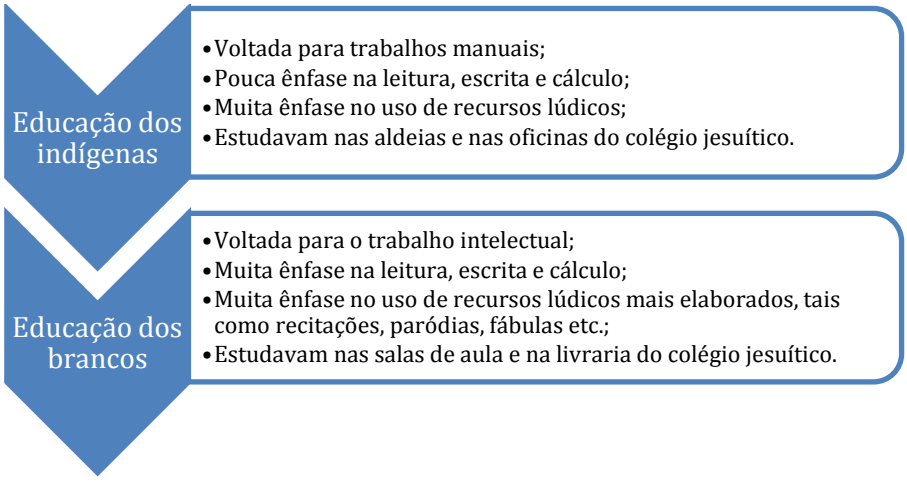
Fonte: ALMEIDA et al. (2009) adaptado pela autora desta dissertação.

Segundo Leite (1934), as aulas de Teologia Moral ocorreram mais no Colégio do Pará. Já as aulas de Teologia Dogmática eram mais praticadas no Colégio N. Sra. da Luz, no Maranhão; muito embora aulas de Teologia Dogmática também tivessem sido aplicadas na Casa Colégio de Gurupi (casa subsidiada ao Colégio de Santo Alexandre), e chegou-se até a cogitar em torná-la uma casa de estudos maiores.

4.4 Paralelo entre a educação jesuítica dos índios e a educação jesuítica dos brancos

Com base no exposto, é possível traçar um quadro comparativo entre o modelo educacional distinto que os jesuítas dispensavam aos índios e aos brancos.

Diagrama 3 - Educação dos índios x Educação dos brancos na pedagogia jesuíta



Fonte: A autora desta pesquisa.

Apesar dos ideais de justiça, igualdade e harmonia preconizados na pedagogia humanista cristã, o que ocorria de fato era uma grande diferenciação, pois aos gentios eram ensinadas práticas de leitura e escrita limitadas, com e uma ênfase nos trabalhos manuais, ao passo que aos filhos dos colonos era aplicada a pedagogia humanista baseada nos estudos acadêmicos e intelectuais na sua mais pura essência.

Independente dos diferentes objetivos que permearam o ensino jesuítico no Brasil, os inacianos delinearam um modelo educacional bastante completo. Eles foram construindo degrau a degrau cada nível de ensino: primeiro instauraram o nível básico com as escolas de ler, escrever e contar; depois, avançaram em estudos secundários por meio da oferta dos cursos de Letras e Filosofia; e finalmente, chegaram até ao nível superior pela oferta dos cursos de Teologia e Ciências Sagradas, porém eles só poderiam ser ministrados aos seminaristas[38]. Os filhos dos colonos que não se interessassem pelo sacerdócio, mas que quisessem e pudessem obter nível superior precisavam complementar seus estudos no Velho Mundo; assim quem intentava se aprimorar em Direito rumava para a Universidade de Coimbra em Portugal, e quem se identificava com a Medicina, rumava para Universidade de Montpellier na França (CARVALHO, F., 2011).

4.5 A Expulsão dos jesuítas de Belém do Pará

Nenhum pesquisador passa incólume ao estudo dos jesuítas. A trajetória histórica destes revela muitas alianças, desavenças, estratagemas, ganhos, perdas; enfim, uma passagem vivaz, como decanta o poeta dos escravos, Castro Alves (apud VEIGA, 2006, p. 41):

> Quando o vento da Fé soprava Europa,
> Como o tufão, que impele ao ar a tropa
> Das águias, que pousavam no alcantil;
> Do zimbório de Roma — a ventania
> O bando dos Apost'los **sacudia**
> Aos cerros do Brasil (grifo meu).

[38]Conforme Alberto Silva (1956), desde muito cedo, Loyola tinha o interesse em implantar o ensino universitário nos colégios. No Brasil, houve uma pressão para implantação de uma universidade no Colégio de Salvador, porém esse pedido foi negado por Roma.

Sacudiam, agitavam, os jesuítas em nenhum canto do planeta passavam despercebidos. Conforme Vasconcelos (1997 apud SHIGUNOV NETO, 2015, p. 25):

> [...] nenhuma instituição humana há sido julgada com mais parcialidade do que a dos jesuítas: para uns foram eles a idealização do poder católico, o tipo mais perfeito do ministro do Evangelho, numa palavra verdadeiros apóstolos, como em sua aparição, os denominou o povo; para outros simboliza o instituto de Loyola a falsificação da fé, o relaxamento das máximas da moral cristã, a corrupção da disciplina eclesiástica, quando exigiam-no os interesses de sua egoísta política.

Vasconcelos (apud SAMPAIO, A., 1994) também corrobora com essa assertiva, ao dizer: “estudar o jesuíta é um problema deveras difícil, por tratar-se de assunto onde mais nitidamente se tem revelado o espírito de parcialidade de historiadores. Uns neles somente veem defeitos. Outros, exclusivamente virtudes”. De toda sorte, há consenso entre os pesquisadores em considerar que, para o bem ou para mal, a passagem dos jesuítas por qualquer lugar do globo terrestre foi marcante.

Entrementes, é paradoxal perceber como um grupo pode, ao mesmo tempo, ser destacado e execrado pelas mesmas pessoas.

Como foi dito anteriormente, a Companhia de Jesus, nos primórdios de sua existência, era prestigiada tanto pelo Estado quanto pela Igreja, e que, indubitavelmente, ela contribuiu para a dilatação das colônias ultramarinas portuguesas. No entanto, com o passar do tempo, a Companhia também expandiu significativamente seus domínios dentro das colônias portuguesas. Ademais os jesuítas tinham uma ampla influência sobre os indígenas, como nenhuma outra autoridade portuguesa tinha sobre estes. E foi justamente esse crescimento, que fugiu ao controle da coroa portuguesa, que provocou a derrocada dos Inacianos.

Embora os membros da Companhia de Jesus tenham sido expulsos de todos os territórios lusitanos por meio do Decreto de 1759; Alan e Geraldo Coelho (2005) informam que a diáspora jesuítica do Grão-Pará e Maranhão ocorreu efetivamente em 1760 por meio de determinação do Marquês de Pombal, a qual enunciava: “[...] as igrejas, colégios e noviciados que forem permanentes, digo puramente Religiosos e indiretamente ligados ao culto divino e exercícios espirituais serão entregues à administração do Bispo dessa diocese (BREVE Monografia..., 1933, p. 30 apud. COELHO, A; COELHO, G., 2005, p. 47).

A exemplo do que vinha ocorrendo em outras partes do mundo, também cogitou-se tornar o Colégio de Santo Alexandre em um Colégio de Nobres. Essa mudança coube a Fernão da Costa Athaíde Teive, Governador da Província do Grão-Pará na época, em cumprimento à determinação de uma carta régia datada de 11 de junho de 1761, emitida pelo Marquês de Pombal (BAENA, 1969).

Baena (1969) aduz que só se fez essa entrega depois que o então Governador, Fernão Teive, recebeu uma Carta Régia datada de 11 de junho de 1761, determinando que deveria ser criado em Santo Alexandre um "Colégio dos Nobres, e que se desse para o seu uso a livraria do mesmo Convento e todos os livros dispersos e Livrarias das Casas que os mencionados Regulares tiveram na Vila de Vigia" (BAENA, 1969, p. 191). Como o dito Colégio não se instituiu, devido os moradores não terem demonstrado interesse "que deviam patentear a vista de um estabelecimento que tanto podia conspirar para ter uma boa educação de seus filhos", o Governador destinou Santo Alexandre para residência dos bispos, "cessando por este modo a despesa, que fazia o Cofre público com o aluguer d'aquela em que eles assistiam (BAENA, 1969, p. 191).

Como relatou o Pe. Madureira (1925), os clérigos passaram por tanta provação, recebendo apenas muito elogio e poucas ações do Governo, que acabaram por desenvolver mecanismos autossustentáveis nessas terras inóspitas.

Essa situação tornou-se insustentável, e a gota d'água foi a libertação total dos índios, o autóctone que sempre foi um elemento de discórdia entre colonos e jesuítas, mas que se agravou ainda mais com a eliminação da escravidão íncola, pois apesar da escravidão negra ter sido mantida, a mão de obra indígena era privilegiada, haja vista que eles conheciam os meandros da floresta e de tinham os conhecimentos tradicionais, que eram ignotos tanto aos colonos quanto aos negros, pois ambos eram alógenos a essas paragens.

A ojeriza em relação aos jesuítas foi tão grande que eles quase foram pulverizados da face da terra. Eles foram perseguidos, presos, deportados, seus bens confiscados, algumas de suas edificações destruídas ou abandonadas ao acaso do tempo.

O sistema educacional tão vigorosamente implantado foi desmantelado, inclusive, levou muito tempo até a América portuguesa ter alguma prestação de serviço satisfatória. O golpe de misericórdia desferido contra o ensino jesuíta ocorreu em 28 de junho de 1759 por meio de um Alvará Régio, em que Pombal,

extinguia as escolas jesuíticas de Portugal e de todas as colônias ao expulsar os jesuítas da colônia e, e simultaneamente, implantava as **Aulas Régias** ou **Avulsas** de Latim, Grego, Filosofia e Retórica.

A extrusão dos inacianos representou um duro golpe para o Brasil, pois ensejou a aniquilação do único sistema de ensino que existia em terras brasileiras, fatídico episódio este que Azevedo (apud SECO; AMARAL 2006) considera como: “a primeira grande e desastrosa reforma de ensino no Brasil”.

Os antigos colégios jesuíticos se tornaram Colégio de Nobres em algumas grandes cidades brasileiras. Todavia, a mesma sorte não teve o Collegio do Pará, pois devido esta província ter sido muito profícua aos jesuítas, a vingança irracional de Mendonça Furtado foi igualmente proporcional ao apogeu que os jesuítas tiveram nessas terras.

Já a Igreja foi praticamente fechada, mudaram inclusive sua denominação que anteriormente se chamava Igreja de São Francisco Xavier (um dos companheiros de Loyola que ajudou a fundar a ordem jesuítica) e passou a denominar-se de Igreja de Santo Alexandre.

Suas peças artísticas e ornamentais foram saqueadas, especula-se que nem o altar todo banhado em ouro escapou da vingança desmedida dos antijesuitas, e como o ouro não pôde ser arrancado, eles cobriram o altar com uma tinta negra ofuscando todo o seu esplendor.

As fazendas e residências foram resgatadas pela Coroa, como previa o Aviso de 2 de agosto de 1757, *in verbis*: “o rei ordenou que dos padres fossem tiradas as fazendas de sua propriedade e fossem revertidas à Coroa”.

De instrução mesmo, só sobrou o Seminário de N. Sra. das Missões (o qual posteriormente passou a ser denominado de Seminário Nossa Senhora da Conceição por D. Antônio Macedo Costa), que foi fundado pelo padre Gabriel Malagrida, ícone da evangelização amazônica, que aportou em Belém do Grão-Pará em 1746, “com uma ordem régia concedendo-lhe a faculdade de criar seminários para a educação da mocidade”(FUNDAÇÃO NAZARÉ DE COMUNICAÇÃO, 2015).[39]

[39]Atualmente, este Seminário se denomina Seminário São Pio X e fica localizado na BR 316, Km 6, em frente ao 6º Batalhão da Polícia Militar. (FUNDAÇÃO NAZARÉ DE COMUNICAÇÃO, 2015).

A barbárie foi tamanha que mesmo intelectuais eminentes como Voltaire, de postura altamente contrária aos jesuítas, lamentaram a voracidade com a qual eles tiveram seus empreendimentos devastados.

Membros de outras ordens religiosas que também acabaram se voltando contra os jesuítas, por algumas vezes também os defenderam, como pode ser verificado neste excerto extraído de Leite (1943, p. 169)

> [...] Só neste último capítulo de despesas, Fr. Diogo da Trindade, comendador das Mercês no Pará, diz o que viu, E o que viu em apenas 4 anos, foi isto:
> "Vi em quatro anos, que fui missionário e vizinho dos padres da Companhia, os descimentos que fizeram para as suas missões do centros dêsses sertões, à custa de muito trabalho e gravíssimas despesas, como foram o Padre Manuel dos Reis, missionário dos Tupinambaranas, dos sertões do Mangué, Andirá, Guabiru e Periquitos; o Padre Manuel da Mota, missionário dos Abacaxis, que de uma só vez tirou seiscentas e vinte e quatro almas, dos Araras; o Padre José Lopes, missionário dos Bócas, de todo o sertão dos Jaris e Aruãns; o Padre José da Gama, missionário dos Arapiuns, que do Rio Tapajós, desceu e aldeou muitos gentios, no que tudo gastam muita fazenda e canoas, panos de algodão, ferramentas, facas, louças, velórios, vestidos feitos e grandiosos mimos, sem os quais se não capacitam os índios a sair de suas terras para o grêmio da Igreja; e, ao depois de descidos, sustentam e vestem dois anos, como também a muitos aldeãos desamparados, e gente da doutrina, e ao gentio da Arara, vi eu, quando se desceram, em 1724, dispender o Padre Manuel da Mota, em três dias, quinhentas varas de pano de algodão, que são em dinheiro de lá 200$000, e estes gastos fazem sem ajuda da fazenda real, e somente com adjutório dos índios das mesmas missões, aos quais e a todos assistem com fervorosas doutrinas, e nas suas necessidades com grande caridade foi na peste geral que lá houve, que chegaram a fazer-lhes os padres as covas para os enterrar, e a lavá-los e carregá-los às costas.

A perseguição aos jesuítas durou cerca de sessenta anos, e por volta de 1814, os missionários voltaram a se instalar em muitas províncias do Brasil. Contudo, o mesmo destino não tiveram os missionários do Grão-Pará, que não receberam guarida em solo paraoara. Inclusive, uma nova tentativa foi feita em 1911, mas sem sucesso (GOVONI, 2009).

No entanto, duas instituições ainda mantêm a memória dos companheiros de Loyola no Pará – o Seminário Teológico Pio X e o Centro de Estudos Inacianos na Capela de Lourdes, instituições que lutam para perpetuar a memória da grande empreitada iniciada pelos padres Luis Pinto, Vieira e Bettendorff na seara paraense.

5 CONSIDERACOES FINAIS

O processo de ocupação da colônia da América portuguesa foi bastante tumultuado e permeado de batalhas sangrentas, cobiça, desmandos e exploração dos recursos naturais e humanos existentes nessa rica região. Com base no que foi exposto nesta pesquisa, percebe-se que a Companhia de Jesus tem uma relação direta com todos os acontecimentos supracitados.

Os inacianos chegaram à Amazônia com a intenção de catequizar os índios e atender a todos os ditames da Coroa portuguesa, mas, paulatinamente, foram se distanciando da obediência passiva aos direcionamentos da metrópole.

O ensino jesuítico foi um insumo muito contributivo para a conquista e dilatação da região Amazônica. No entanto, os inacianos passaram por muitas privações: tinham que improvisar materiais didáticos; lidar com pessoas com cultura totalmente diferente da sua; enfrentar os perigos da floresta; lidar com pessoas perigosas; tais como: capitães do mato e desbravadores; suportar as ojerizas dos colonos que não eram simpáticos a sua presença; e o que é pior, tiveram que passar por todas estas provações praticamente sozinhos, pois as autoridades só se preocupavam com os resultados, mas davam pouco ou nenhum apoio aos jesuítas, eles que tiveram que se aproximar dos silvícolas, ganhar sua confiança, aprender sua língua e costumes, experimentar os frutos da terra, improvisar materiais didáticos, medicamentos, ferramentas etc.

Quando os jesuítas se deram conta de que já conseguiam lidar com as situações adversas da região amazônica, é que começaram a surgir os embates com as autoridades da metrópole, posto que inicialmente, os jesuítas foram chancelados pela Coroa portuguesa, porém, com o passar dos anos, com a bandeira da educação, eles conseguiram tanto êxito no domínio da colônia que até agiam autonomamente suplantando inclusive pela a autoridade de representantes reais e, por isso, foram expulsos das colônias da América portuguesa após a Coroa ter conseguido dominar a população íncola.

É sabido que os jesuítas não eram tão tomados de virtudes quanto queriam transparecer, pois eles, mesmo que indiretamente, escravizavam os índios, se aproveitavam de seus conhecimentos tradicionais e de suas habilidades artísticas. Eles também enganavam e desobedeciam as autoridades reais. E ainda

enriqueceram às custas dos recursos naturais da Amazônia e faziam vista grossa à desumanidade da escravidão negra.

Todavia, a despeito disso tudo, eles se importavam de fato com a Amazônia, queriam vencer aqui e viam essa terra com perspectivas positivas de muitas possibilidades. Os jesuítas e demais ordens religiosas (principalmente os franciscanos) foram os responsáveis por penetrar nas entranhas da Amazônia, posto que graças a eles, muitas cidades foram fundadas e existem até hoje. Ademais, foram desbravadores e destemidos, pois se embrenhavam nas matas e iam até os lugares mais longínquos, com isto muitas potencialidades naturais também foram descobertas.

Em relação à educação, que é o foco desta dissertação, a atuação dos jesuítas é inolvidável. É verdade que o ensino ministrado nos colégios era elitista sim, porém era aquilo que se podia fazer na época. Se os inacianos modificassem sua maneira de agir, indo de encontro aos interesses da Coroa, eles não perdurariam ficado por mais de cem anos em Belém do Pará.

O sistema de ensino, além de bem planejado, era orquestrado e funcionava como um relógio, as fazendas e missões produziam matéria-prima e fonte de subsistência para abastecer os colégios e seminários, e graças a esse *modus operandi,* eles conseguiram se manter à revelia da Coroa.

Cada membro da comunidade escolar tinha um papel determinado: os alunos brancos eram moldados para tornarem-se os futuros dirigentes da colônia ou para serem os novos padres; já os índios, por meio do trabalho manual, aprendiam novos conhecimentos, ampliou as suas atividades para além da caça, da coleta e da pesca.

De certo que o indígena teve a sua cultura aviltada sim, mas também imprimiu marcas na cultura europeia imposta, e a prova disso são os santos com traços nativos feitos nas oficinas de Santo Alexandre. A fauna e a flora local também se sobressaíram nos motivos arquitetônicos europeus das talhas, retábulos e altares da Igreja. E convenhamos isto é uma forma de resistência.

O fato de nossas populações indígenas não terem sido totalmente dizimadas, a exemplo do que aconteceu nas colônias da América espanhola, também representou uma forma de resiliência do indígena, mas essa salvaguarda só aconteceu porque os religiosos enxergaram no nativo uma forma de sobrevivência e dominação sobre a floresta reinante.

Outra contribuição importante trazida pelos jesuítas foi a valorização do estudo, do engenho, do modelo de tentativa e erro, da improvisação no sentido de usar os recursos naturais a serviço do homem. Contudo, tal uso era feito de maneira racional, pois os jesuítas se informavam com os indígenas sobre a época da pesca, a época da estiagem, promoviam o replantio, enfim, empregavam uma série de técnicas que usamos hoje em dia, mas que eles já vinham implementando isso há anos.

Também merece destaque a introdução da palavra escrita na Amazônia por meio da cultura de impressos, encadernação, tipografia etc., elementos sem os quais se torna difícil viver no mundo moderno.

A Amazônia foi conquistada era um fato, só restava haver um derramamento de sangue inútil como aconteceu na América espanhola, ou caminhar juntos, mesmo que de forma por vezes conflituosa, como foi a trajetória de índios, jesuítas, negros, colonos, militares e nobres no desenvolvimento amazônico.

Em relação à educação jesuítica, esta nada mais era do que um aparelho ideológico friamente calculado para docilizar os índios, os colonos e todo e qualquer indivíduo que futuramente poderia ser um empecilho ao avanço da exploração econômica da colônia.

O legado deixado pelos jesuítas à educação foi grande, pois contribuíram para a formação de professores; implementaram instrumentos norteadores da ação pedagógica (*RatioStudiorum*); organizaram os níveis de ensino; quase implantaram o ensino superior na Amazônia; desenvolveram capital humano para a gerência da cidade; capacitaram qualificaram a mão de obra indígena e negra, que foram os responsáveis pela construção de monumentais obras arquitetônicas que perduram até hoje.

Em contrapartida, a expulsão dos jesuítas trouxe muitos prejuízos ao Grão-Pará, o sistema educacional ficou estagnado; a circulação de impressos ficou cada vez mais restrita; os colégios, casas, seminários e fazendas quase ficaram relegados ao mais completo abandono.

A perseguição desmedida que o Marquês de Pombal impetrou aos jesuítas foi muito perversa, e deve-se a isso a perda quase que total de importantes patrimônios culturais, como é o caso do Colégio de Santo Alexandre, da Igreja e de outras edificações erigidas pelos inacianos na Amazônia.

Tanto a Igreja quanto o Colégio só não caíram por terra, porque o trabalho dos soldados de Cristo foi bem feito e sobrevive na memória coletiva dos amazônidas, sobretudo, contando com a sensibilidade de intelectuais e governantes que se predispõem a dar continuidade às edificações e objetivos educacionais plantados pelos inacianos em tempos recuados. Nesses termos, as diversas reformas promovidas pelo governo do Estado, mesmo que não sendo tão felizes na manutenção das linhas gerais da concepção com a qual foram produzidas as peças arquitetônicas e artísticas do complexo jesuítico, representam grandes ações para a conservação desse lugar de memória.

Ressalta-se que seria muito bom se esse mesmo empenho também fosse aplicado em relação à documentação, que infelizmente, não foi contemplada na mesma proporção, pois conforme foi relatado, a documentação do colégio ficou trancada no prédio, por anos abandonado, e depois, foi trasladada para vários lugares, até o eminente extravio. Essa somatória de fatos negativos tem consequência direta no nível de pesquisas sobre a educação no Grão-Pará em seu período colonial, ou seja, reflete a pouca quantidade de trabalhos desenvolvidos sobre tal temática, ou seja, sendo esta considerada uma seara muito promissora, que precisa efetivamente ser estudada, pois representa a gênese da cultura letrada em nossa região.

Logo, faz-se míster investir mais em estudos dessa natureza, a fim de que eliminemos essa lacuna intelectual que ainda persiste em existir em nossa historiografia educacional, bem como fazer valer todo trabalho pedagógico empreendido pelos jesuítas nos primórdios de nosso fazer educacional.

REFERÊNCIAS

A GLOBALIZAÇÃO da Fé. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 81, p. 32-33, jun. 2012.

ABAETETUBA. Prefeitura Municipal de Abaetetuba. **A Cidade:** resumo histórico. 2016. Disponível em: http://www.abaetetuba.pa.gov.br/index.php/a-cidade.html.Acesso em: 12.12.2015.

AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO AMAZÔNICO (ADA). **Projeto ações integradas para o Planejamento do Desenvolvimento da Amazônia (Prodesam):** acordo ADA/OEA. Sistematização e consolidação dos produtos gerados pelo PRODEAM e PROVAM. Belém: ADA, 2004. Disponível em: http://www.sudam.gov.br/conteudo/menus/referencias/biblioteca/arquivos/Ada-2006/caf_2006_10866_cod_1674_sistematiza%C3%A7%C3%A3o_e_consolida%C3%A7%C3%A3o_dos_produtos_prodeam_e_provam.pdf. Acesso em: 22.05.2015.

ALBERNAZ I, João Teixeira. **Pequeno atlas do Maranhão e Grão-Pará**. (1623). Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Teixeira_Albernaz_I#/me

ALENCAR, Cristina. E a palavra se fez acessível. **Jornal a Voz de Nazaré.** 2009. Disponível em: http://www.fundacaonazare.com.br/voz/ler.php?id=2262&edicao=69. Acesso em: 09.12.2015.

ALMEIDA, Daniel; FERREIRA, Sandra; ROXO, Sónia; OLIVEIRA, Henrique. **Companhia de Jesus e a Contra-Reforma.** 2009. Disponível em: http://pt.slideshare.net/siba73/companhia-de-jesus?next_slideshow=1. Acesso em: 08.04.2015.

ALVES, Castro. Jesuítas. In: VEIGA, Cláudio. **Castro Alves:** guia da catedral. 2. Ed. São Paulo: GRD, 2006. p. 41-44.

ALVES, J. **Os Santos de cada dia.** 11. Ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

ALVIN, Gilmar Araujo. **Linguagens do poder no Portugal setecentista:** um estudo a partir da Dedução cronológica e analítica (1767). 2010. 204 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Estudos Gerais, Instituto de Ciências Humanas e Filosofias, Universidade Federal Fluminense, 2010. Disponível em: http://www.historia.uff.br/stricto/td/1388.pdf. Acesso em: 11.12.2015.

AMARAL, Jaime Augusto Duarte. **Teatro Universitário Claudio Barradas e Escola de Teatro e Dança da UFPA**. 2012. 280 f. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

AMAZÔNIA A a Z. **Abaetetuba**. 2016. Disponível em: http://www.portalamazonia.com.br/amazoniadeaz/categorias.php?acao=categoria&id=10. Acesso em: 12.12.2015.

ANDRADE, Marlete. **Fontes históricas.** 2013. Disponível em: http://quintosanosbilac.blogspot.com.br/2013/05/fontes-historicas.html. Acesso em: 12.05.2014.

ARANHA, Ana. O que as escolas precisam aprender. **Revista Época.** Nº 466, p. 90-98, Abril. 2007.

ARAÚJO, Francisco de Sousa. **Resistência e utopia:** a arte cartográfica de Antônio Vieira. 2012. 202 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e crítica literária, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

ARAUJO, Renata Malcher de. **As Cidades da Amazônia no século XVIII:** Belém, Macapá e Mazagão. Porto: FAUP, 1998.

ARENZ, Karl Heinz. **Fazer sair da selva:** as missões jesuíticas na Amazônia. Belém: Estudos Amazônicos, 2012a.

_____. **Aldeamentos e colégios:** implantação e consolidação da Companhia de Jesus na Amazônia portuguesa (Século XVII). 2012b. Disponível em: http://jesuiticaheranca.blogspot.com.br/. Acesso em: 17.05.2014.

_____. Além das doutrinas e rotinas: índios e missionários nos aldeamentos jesuíticos da Amazônia portuguesa (séculos XVII e XVIII). **Revista História e Cultura,** Franca, SP, v. 3, n. 2, p. 63-88, 2014.

ARQUIDIOCESE DE NATAL. **Santo Inácio de Loyola.** 31.07.2014. Disponível em: http://arquidiocesedenatal.org.br/santododia/santo-inacio-de-loyola. Acesso em: 06.04.2016.

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO DE LISBOA. **Catálogo de documentos manuscritos avulsos referentes à capitania do Pará**. Lisboa: AHU, [19--]. Disponível em: actd.iict.pt/eserv/actd:CUc013/CU-**Para**.pdf. Acesso em: 15.12.2015

ASSIS, Nívia Paula Dias de. **A Capitania de São José do Piauhy na racionalidade espacial pombalina (1750 - 1777)**. 2012. 175 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

ASSOCIAÇÃO ANTÔNIO VIEIRA (ASAV). **Institucional**. 2016. Disponível em: http://www.asav.org.br/onde-estamos/. Acesso em: 07.03.2016

ASSUNÇÃO, Paulo de. **Negócios jesuíticos:** o cotidiano da administração dos bens divinos. São Paulo: EDUSP, 2009.

AUDI COELUM. **Jesuítas**. 2010. Disponível em: http://www.audicoelum.mus.br/jesuitas.htm. Acesso em: 06.04.2016.

AZEVEDO, F. O Sentido da educação colonial. In: _____. **A Cultura brasileira.** Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1943.

AZEVEDO, J. Lúcio. **Os Jesuítas no Grão-Pará:** suas missões e a colonização. Bosquejo histórico com vários documentos inéditos; escrita. Belém : Secult, 1999.

_____. **O Marquês de Pombal e a sua época.** Lisboa: Alameda, 2004.

BAENA, Manoel. **Informações sobre as comarcas da Província do Pará.** Belém: Typ. Francisco da Costa Júnior, 1885.

BARROS, Apolo Monteiro. O Fundador do Seminário morreu na fogueira da Inquisição. In: COIMBRA, Oswaldo (Org.). **Cidade Velha, cidade viva.** Belém: CivVA, 2008. p. 138-141.

BATISTA, Adriel Fontenele. **O Sumário das Armadas:** guerras, missão e estratégias discursivas na conquista da Paraíba. 2012.136 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

BAZIN, Germain. **A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil.** Rio de Janeiro: Record,1983. 2 v. il.

BELÉM. Prefeitura Municipal. **Índice dos Municípios.**Belém: PMB, 1977.

BERENCHTEIN NETTO, Nilson. **Educação, saberes psicológicos e morte voluntária:** fundamentos para a compreensão da morte de si no Brasil colonial. 2012. 424 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

BETTENDORFF, João Felipe, Pe. **Crônica dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão**. Belém : SECULT, 1990. (Lendo O Pará, 5).

BEZERRA NETO, José Maria. A Conquista Portuguesa da Amazônia. In: ALVES FILHO, Armando; ALVES JÚNIOR, José; MAIA NETO, José. **Pontos de História da Amazônia.** 3. Ed. ver. Ampl. Belém: Paka-tatu, 2001. p. 11-25.

_____. **As Atividades econômicas da Companhia de Jesus na Amazônia colonial portuguesa.** 2012. Disponível em: http://jesuiticaheranca.blogspot.com.br/. Acesso em: 17.05.2014.

BISCHOF, Josef E. **Soldado de Deus:** Santo Inácio de Loyola. Tradução de: Egídio Schmitz, S. J. São Paulo: Dominus, 1964. (Nos passos de Jesus, 2). Trad. Der Soldat Gottes.

BORROMEU, Carlos, Pe. **Contribuição à história das Paróquias da Amazônia.** Niterói: Escola Industrial D. Bosco, 1946.

BRAGA, João Alberto de Oliveira. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana P. M. **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação.** Brasília: Thesaurus, 2007. 192 p., p. 17-38.

BRANTES, Luiz Antonio Almeida. **O processo de ocupação do território a partir dos aldeamentos jesuíticos:** um estudo de caso na região de Camamu-BA. 2011.

212 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

BREVE monografia sobre o Seminário Arquiepiscopal de Nossa Senhora da Conceição de Belém por ocasião de sua reabertura. Belém, 1933.

BRITO, Vanderley de; OLIVEIRA, Thomas Bruno. Itacoatiara: um neologismo ambíguo e controverso que não se adéqua a terminologia arqueológica. **Revista Tarairiú**, Campina Grande-PB, a.5,v.1,n. 8,ago. 2014.

BRUSSIO, Josenildo Campos. **Imaginação social jesuítica do padre Antônio Vieira no Maranhão do século XVII**. 2012. 211 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

CAETANO, Antonio Felipe Pereira. **Entre drogas e cachaça:** a política colonial e as tensões na América Portuguesa, (Capitania do Rio de Janeiro e Estado do Maranhão e Grão-Pará, 1640-1710). 376 f. 2008. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

CALEGARI, Ricardo Pereira. Os 210 anos de pedagogia jesuíta no Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, 1., 2014, Sorocaba. **Anais eletrônicos ...** Sorocaba: Uniso, 2014. Disponível em: https://www.uniso.br/publicacoes/anais_eletronicos/2014/5_es_memoria/03.pdf. Acesso em: 21.06.2015.

CAMPAGNE, E. M. **Diccionario de educação e ensino.**Porto : Liv. Intern. de Ernesto Chardron, 1886. 3 v., v.1.

CANTOS, Priscila Kelly; COSTA, Célio Juvenal. **Os Colégios Jesuíticos e suas propostas educacionais.** [2005]. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem07pdf/sm07ss01_08.pdf.Acesso em: 07.02.2016.

CARDOSO, Thalyta Karolyne da Silva; BARARUA, Marcus Vinicius Valente; VALE, Radanes Aurélio Lima. Quem são os jesuítas. In: COSTA, Dayseane Ferraz da; ARENZ, Karl Heinz (org.). **Patrimônio e história:** os jesuítas na Amazônia. Belém : Paka-Tatu, 2014. P. 57-64.

CARINHAS, Teófilo (org.). **Álbum da colônia portuguesa no Brasil.** Lisboa: Carinhas, 1929.

CARVALHO, Carim et al. Educação jesuítica: contexto, surgimento e desdobramentos. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, Campo Largo, v. 7, n. 2, nov. 2008. Disponível em: http://189.16.45.2/ojs/index.php/rep. Acesso em: 21.06.2015

CARVALHO, Frank V. **Os jesuítas no Brasil Colônia.** 30.06.2011. Disponível em: http://frankvcarvalho.blogspot.com.br/2011/06/os-jesuitas-e-educacao-no-brasil.html. Acesso em: 15.07.2015.

CARVALHO, Roberta Lobão. **Crônica e História:** a Companhia de Jesus e a Construção da História do Maranhão (1698-1759). 2012. 208 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

CARVALHO, Vanessa. **Drogas do Sertão (XVII).** 2010. Disponível em: http://economia-brasilcolonia.blogspot.com.br/2010/03/drogas-do-sertao-xvii.html. Acesso em: 01.04.2015.

CASTELO BRANCO, Camilo. **Páginas Quase Esquecidas, recolha, apresentação.** Porto : Editorial Inova, impr. 1972-1973. 2 V., v. 1.

CATALOGO COLETIVO DE MARCAS DE FUEGO. (CCMF). **Ordens religiosas**. 2016. Disponível e: http://www.marcasdefuego.buap.mx:8180/xmLibris/projects/firebrand/ordenes_religiosas.html. Acesso em: 17.01.2016.

CENTRO LOYOLA DE FÉ E CULTURA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (CLFC/PUC-Rio). **Oficina de escrita dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola.** 2016. Disponível em: http://www.clfc.puc-rio.br/eventos/oficina-de-escrita-dos-exercicios-espirituais-de-santo-inacio-de-loyola/. Acesso em: 06.04.2016.

CESSO, Antônio Ivan. **Colégios jesuíticos no Brasil nos séculos XVI e XVII:** administração dos bens temporais a serviço dos bens divinos. 2011. 116 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2011.

CHAMBOULEYRON, Rafael. Em torno das missões jesuíticas na Amazônia (século XVII). Lisboa :**Lusitania Sacra,** 2003. Disponível em: http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/4409. Acesso em: 28.05.2014

_____. Os jesuítas e o ensino na Amazônia colonial. **Em Aberto**, Brasília, v. 21, n. 78, p. 77-91, dez. 2007.

CHAMBOULEYRON, Rafael; NEVES NETO, Raimundo Moreira das. Isenção odiosa: os jesuítas, a coroa, os dízimos e seus arrematadores. 2009. Disponível em: http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao37/materia05/texto05.pdf. Acesso em: 21.12.2015

CHAMBOULEYRON, Rafael; ARENZ, Karl Heinz; NEVES NETO, Raimundo Moreira das. “Quem doutrine e ensine os filhos daqueles moradores”: a Companhia de Jesus, seus colégios e o ensino na Amazônia colonial. **Revista HISTEDBR On-line,** Campinas, v. 11, n. 43, p. 61-82, out. 2011. Disponível em: http://ojs.fe.unicamp.br/ged/histedbr/article/view/3165/2830. Acesso em: 21.12.2015

CHARTIER, Roger. **A História cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____. “A história hoje: dúvida, desafio, proposta. **Estudos históricos**, Rio de janeiro, v. 7, 1994.

CHAVES, Sandra Botelho. **A Primeira educação no Brasil:** gênese e fundamentos. 2012. 131 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2012.

CHING, Francis D. K. **Dicionário visual de Arquitetura.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

COELHO, Alan Watrin; COELHO, Geraldo Mártires. Visibilidade e encobrimento do *Monumentum* Jesuítico em Belém. In: PARÁ. Secretaria executiva do Estado. **Feliz Lusitânia:** Museu de Arte Sacra. Belém: SECULT, 2005. P. 11-54 (Série Restauro, 3).

COELHO, Mauro Cezar. **A Fundação de Belém.** Belém : Estudos Amazônicos, 2014. (Coleção Estudos Amazônicos, História).

COIMBRA, Oswaldo. **Trabalhadores foram sacrificados também nas igrejas.** 2011. Disponível em: http://reporterbrasil.org.br/2011/02/trabalhadores-foram-sacrificados-tambem-nas-igrejas/. Acesso em: 28.12.2015.

COLARES, Anselmo. **A Catequese e a educação jesuítica no Grão-Pará.** 1998. Disponível em: http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema1/0105.pdf. Acesso em 26.05.2014.

CONSTITUIÇÕES da Companhia de Jesus e Normas Complementares. São Paulo: Loyola, 2004.

COMPANHIA DOCAS DO PARÁ (CDP). **Primeira Infraestrutura Portuária Financiada por uma Concessão no Brasil.** 2016. Disponível em: https://www.cdp.com.br/conteudo?id=66486&estrutura=10455. Acesso em 26.05.2014.

COSTA, Lúcio. A Arquitetura dos jesuítas no Brasil. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde (MES), n. 5, p. 9-104, 1945.

COTRIM, Gilberto. **História global:** geral e do Brasil. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

COUTO, Ronaldo Teixeira do. **Os Jesuítas na América portuguesa e seus paradigmas:** a conquista de riquezas na capitania do Rio de Janeiro, séculos XVI e XVII. 2012. 161 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2012.

CRUZ, Ernesto. **Ruas de Belém:** significado histórico de suas denominações. Belém: Cejup, 2013.

_____. **Pequeno guia histórico da cidade de Belém:** a Cidade Velha e as suas igrejas tradicionais. Belém: PMB, 1950.

_____. Apresentação. **Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará.** Belém, v. 13, p. 5-18, dez. 1983.

CUNHA, Jonas Araújo da. **As Letras humanas:** os povos indígenas e o ensino da Língua Portuguesa na Amazônia pombalina (1751-1763). 2012. 162 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

CUNHA, Luis Antônio. **O Ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata.** São Paulo: Ed. da UNESP; Brasília : FLACSO, 2000.

CUVELIER, Armand. **Pequeno vocabulário da língua filosófica.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961. (Atualidades Pedagógicas, 82).

DAMASCENO, Alberto. **Espadas, terços e letras:** origens da educação estatal na América Portuguesa. Belém : Ed. Açaí, 2012.

_____. **Origens da educação estatal na América Portuguesa.** São Paulo, 1998. xii, 240 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

DANIEL, João S.J. **Thesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas.** Belém; PMB; Rio de Janeiro: Contraponto, 2004, v. 1.

DELMANTO, Armando Moraes. **Papa Jesuíta + Páteo do Colégio + Fazenda Jesuíta de Botucatu...** 24.03.2013. Disponível em: http://blogdodelmanto.blogspot.com.br/2013/03/papa-jesuita-pateo-do-colegio-fazenda.html. Acesso em: 13.04.2015

DERENJI, Jussara da Silveira; DERENJI, Jorge. **Igreja, palácios e palacetes de Belém.** Brasília (DF): IPHAN, 2009. (Roteiros do patrimônio, 6).

DIAS, Joel Santos. **Os Verdadeiros conservadores do Estado do Maranhão:** poder local, redes de clientela e cultura política na Amazônia colonial (primeira metade do século XVIII). 2008. 325 f. Dissertação (mestrado) – Programa em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

DIAS, Mariza de Araújo. **Os Jesuítas e a escravidão africana no Brasil colonial:** um estudo sobre os escritos de Antônio Vieira, André João Antonil e Jorge Benci (Sécs. XVII e séc. XVIII). 2012. 100 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, Assis, SP, 2012.

DUARTE, Marcello Felipe. **Teatro sombrio:** o demônio em cena nos trópicos. O papel do teatro anchietano no processo de colonização da América portuguesa no século XVI. 2012. 182 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

EDLER, Flávio Coelho. **Boticas e Pharmacias:** Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA MÉRITO (EBM). **Jesuítas**. São Paulo: Ed. Mérito, 1963. 15 V., v. 11.

FAÇANHA, Leonor Maria Sampaio. **Ação das ordens e congregações religiosas na Amazônia.** Belém: Grêmio Literário Português, 1968. Trabalho premiado no concurso Padre Antônio Vieira, ocupando o segundo lugar.

FEDERACION LATINOAMERICANA DE COLEGIOS JESUITAS (FLACSI). **FLACSI**: ¿Sabes qué significa IHS?. 28.02.2016, Disponível em: http://www.flacsi.net/noticias/flacsi-sabes-que-significa-ihs/. Acesso em: 01.03.2016.

FONSECA, Edson Nery da. **A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

FONSECA, Sonia Maria. A Hegemonia Jesuítica (1549-1759). [2005]. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo_jesuitico_intro.html. Acesso em: 10.01.2016

FRANCA, Leonel. **O Método pedagógico dos jesuítas.** Rio de Janeiro: Agir, 1952.

_____. **Noções de História da Filosofia.** São Paulo: Agir, 1957.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Analfabetismo no Brasil.** São Paulo : Cortez; Brasília : INEP, 1989. (Biblioteca da Educação. Serie 1. Escola; v. 4).

FREITAS, Inês Aguiar de. **Em nome do pai:** a geografia dos jesuítas no Brasil, nos séculos XVI, XVII, XVIII. 1992, 213 f. Dissertação (mestrado) –Programa de Pós-Graduação em Geociências, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de janeiro, 1992.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala.** 47. ed. Rio de Janeiro : Global, 2003.

FUNDAÇÃO NAZARÉ DE COMUNICAÇÃO. **O Seminário São Pio X comemora 49 anos de fundação.** 2015. Disponível em: http://www.fundacaonazare.com.br/novo portal/?action=Canal.interna&oCanal=7&id=11121&classe=N. Acesso em: 28.06.2015.

GADOTTI, Moacir. Os Jesuítas: a *Ratio Studiorum*. In: _____. **História das ideias pedagógicas.** 8. Ed. São Paulo: Atlas, 1999, p. 72-74. (Série Educação).

GASMAN, Lydinea. **Documentos históricos do Brasil.** Rio de janeiro: FENAME, 1976.

GEOESTUDANTES. **Organização das Aldeias e dos Indígenas, antes da chegada dos Europeus**. 2012. Disponível em: https://geoestudante.wordpress.com/ 2015/05/12/organizacao-das-aldeias/. Acesso em: 01.12.2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1988.

GLIELMO, Gustavo Ferreira. **O projeto português para a Amazônia e a Companhia de Jesus (1751-1759):** reflexos do confronto entre absolutismo ilustrado e poder religioso na América equinocial. 2010. 230 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, 2010.

GRABMANN, M. **Filosofia Medieval.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GOMES, Jarbas Mauricio. **Religião, educação e hegemonia nos *Quaderni Del Cárcere* de Antonio Gramsci**. 2012. 218 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

GOVONI, Ilário, Pe. **Informações verbais.** Belém, 2016. Entrevista concedida à Elisangela Silva da Costa, por ocasião da preparação do Documentário “Os Jesuítas no Grão-Pará” promovido pelo Projeto Memorial do Livro Moronguêtá, da Universidade Federal do Pará.

_____. Introdução. In: MALAGRIDA, Gabriel, Pe. **A Vida e o império do anticristo.** Recife: FASA, 2013.

_____. **Inventário jesuítico do Pará, ou seja, os bens dos jesuítas no Grão-Pará confiscados 250 anos atrás.** Belém, 2009.

GUARNIERI, Irmã. **O Mistério da inabilitação divina em Ir. Elisabete da Trindade.** 2012. 90 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

GUSMÃO, Luiz Henrique Almeida. **Cartografia e Impactos ambientais na ilha de Mosqueiro em Belém/PA.** 2014. Disponível em: http://geocartografiadigital.blogspot.com.br/2014/08/impactos-ambientais-na-ilha-de.html. Acesso em: 03.03.2016.

GUZMAN, Décio Alencar. Festa, Preguiça e Mutalagem: O trabalho indígena e as oficinas de pintura e escultura no Grão-Pará, sécs. XVII-XVIII. **Revista Estudos Amazônicos**, v. 13, n. 1, p. 01-29, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2015.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil:** sua história. São Paulo : T. A. Queiroz; EDUSP, 1985.

HANSEN, João Adolfo. A Civilização pela palavra. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org). **500 anos de Educação no Brasil.** 5. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 19-42. (Coleção Historia, 6).

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini; HAYASHI, Carlos Roberto Massao. Educação jesuítica no Brasil colonial: um estudo baseado em teses e dissertações.

In: PAIVA, José Maria de; BITTAR, Marisa; ASSUNÇÃO, Paulo de (Org.). **Educação, história e cultural no Brasil Colônia.** São Paulo: Arké, 2007. p. 113-127.

HERALDOS TOLEDO. **«Los Grandes de España» S. Ignacio de Loyola.** 27.07.2012. Disponível em: http://heraldostoledo.blog.arautos.org/2012/07/los-grandes-de-espana-s-ignacio-de-loyola/. Acesso em: 05.04.2015

IBGE. **Cidades**. 2016. Disponível em: http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=15&search=para. Acesso em: 21.12.2015

JAECKEL, Volker. Missionários alemães no Estado do Maranhão e Grão-Pará. **Revista Contingentia**, vol. 3, n. 1, p. 95–102, maio 2008.

JUS BRASIL. **Hasta Pública.** Disponível em: http://www.jusbrasil.com.br/topicos/290905/hasta-publica. Acesso em: 01.10.2015

KASSAB, Yara. **As Estratégias lúdicas nas ações jesuíticas, nas terras brasílicas (1549-1597), "para a maior glória de Deus".** 2010. 241 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-27092010-154910/pt-br.php. Acesso em: 29.10.2014.

LAMARTINE, Alfredo. **Tricentenário da Fundação de Belém.** Belém: Liv. Bittencourt, 1916.

LE BIHAN, Joseph Marie. A Igreja de Santo Alexandre: exemplar ímpar da poética dos jesuítas na Amazônia. In: PARÁ. Secretaria executiva do Estado. **Feliz Lusitânia:** Museu de Arte Sacra. Belém: SECULT, 2005. p. 55-75. (Série Restauro, 3).

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. **História e Memória,** Campinas, UNICAMP, 1992, p. 535-549.

_____. **História e Memória.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LEAL, Antônio Henriques. **Apontamentos para a história dos jesuítas no Brasil:** extrahidos dos chronistas da Companhia de Jesus. Lisboa: [s.n.], 1870. p. 48-346.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil.** Lisboa: Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934. 10 v.; v.1.

_____. _____**.** Lisboa: Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934. 10 v.; v.3.

_____. _____**.** Lisboa: Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934. 10 v.; v.4.

LEONEL, Emmanuel. **Jesuítas:** Quando surgiu. O que é Jesuíta? 2013. Disponível em: http://oargonautabc.blogspot.com.br/2013/03/o-que-e-um-jesuita.html. Acesso em: 29.12.2015.

LESSARD-HÉBERT, M.; GOYETTE, G.; BOUTIN, G. **Investigação qualitativa:** fundamentos e práticas. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

LIBERMAN, Maria. **O Levantamento do Maranhão "Judeu cabeça do Motim":** Manoel Beckmann. São Paulo: FFLCH/USP. Centro de Estudos Judaicos, 1983 (Série Judaica-Brasil, 1).

LIMA, Ana Lucia Sales de. **Catequizadores e colonizadores:** as transformações nas estratégias de conversão e os embates entre os jesuítas e colonos diante da escravização do gentio na América portuguesa entre 1549-1572. 2011.63 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

LOMBARDI, José Claudinei. **Colonização, catequese e educação no Grão-Pará.** Campinas, 2003. 186 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

LOPES, Eliane Marta Texeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes Faria; VEIGA**,** Cynthia Greive.**500 Anos de educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOPES, Rhuan Carlos dos Santos. **O Melhor sítio da terra:** colégio e igreja dos Jesuítas e a paisagem da Belém do Grão-Pará. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

LOUREIRO, Alexandre Máximo Silva. Eflorescência salina na igreja de Santo Alexandre, Belém – PA. **Ambient. constr.,** Porto Alegre, v.15, n.3, jul/set. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ac/v15n3/1678-8621-ac-15-03-00071.pdf . Acesso em: 12.02.2016

LUDWIG, Denise Gomes D'Oliveira. **Pinturas com padres religiosos - os sacerdotes celebrando missas e nos confessionários.** 2013. Disponível em: http://deniseludwig.blogspot.com.br/2013/08/arte-em-pinturas-de-padres-religiosos.html. Acesso em: 23.10.2015.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. 7. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

MADUREIRA, J. M. A. **Liberdade dos índios e a Companhia de Jesus:** sua pedagogia e seus resultados. Rio de janeiro: Imprensa Nacional, 1929.

MAGRO, Inácio Montojo, Pe. **Santo Inácio de Loyola**: soldado de Cristo. 30.11.2011. Disponível em: http://blog.praecones.org/2011/07/. Acesso em: 06.04.2015.

MAIA, Patrícia Albano. **Práticas terapêuticas jesuíticas no império colonial português:** medicamentos e boticas no século XVIII. 2012. 208 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012

MAITAM, Fernanda Contarini. **Edificações para durar enquanto o mundo durasse:** análise da atuação do IPHAN nos edifícios jesuítas do Espírito Santo. 2011. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

MALAGRIDA, Gabriel, Pe. Cartas e escritos. Tradução e organização do Pe. Ilário Govoni, SJ. Belém: Paka-Tatu, 2014.

MARISCAL, G. **Curcio Rufo, Quinto (s. I d.C.)**. 2016. Disponível em: http://www.mcnbiografias.com/app-bio/do/show?key=curcio-rufo-quinto. Acesso em: 14.02.2016.

MARIUCCI, Sergio Eduardo. **O Mercado da educação e a escola católica:** uma abordagem sobre as mudanças na política de gestão educacional nas escolas católicas do Brasil Sérgio Eduardo. 2011. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2011.

MARTINS, Flat James de Souza. **Educação e religião em Portugal no século XVI:** o catecismo romano e a Ratio *studiorum*. 2011. 118 f. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

MARTINS, Renata Maria de Almeida. **Tintas da terra, tintas do reino:** arquitetura e arte das missões jesuíticas no Grão-Pará (1653-1759). 2009. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura. Universidade de São Paulo, 2009. 2 v.

MARZAL, Manuel M. Las Misiones Jesuitas, una Utopia Posible?. In: MARZAL, Manuel María; TUA, Sandra Negro. **Um Reinoen la frontera: las missiones jesuitas en la América colonia**l. Lima: Fondo Editorial Pontifícia Universidad Católica del Perú, 1999.

MATOS, Frederik Luiz Andrade de. **As Missões jesuíticas e fazendas no entorno de Belém:** as missões de Mortiguara e Sumaúma**.** 2012. Disponível em: http://jesuiticaheranca.blogspot.com.br/. Acesso em: 17.05.2014.

MATOS, Henrique Cristiano José de. **Nossa História:** 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil. 3. Ed. São Paulo: Paulinas, 2011. (Coleção Igreja na História). T. 1: Período Colonial.

MATTOS, Luiz Alves de. **Primórdios da Educação no Brasil**: o período heróico (1549-1570). Rio de Janeiro: Ed. Aurora, 1958. 306 p

MAXWELL, Kenneth. **Marquês de Pombal:** paradoxo do Iluminismo. 2. Ed. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

MELLO, José Barboza. **Síntese histórica do Livro.** Rio de Janeiro: Leitura, 1972.

MELLO, Márcia Eliane Alves de Souza e. Fé na floresta. **Revista de História da Biblioteca Nacional.** Rio de Janeiro, v. 7, n. 81, p. 22-23, jun. 2012.

MELO, Iaci Iara Cordovil de. **Imaginária em colégios, fazendas e missões jesuíticas no nordeste paraense.** 2012. 282 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

MENDONÇA, Octávio. **Presença portuguesa na Amazônia.** Belém : Conselho Estadual de Cultura, 1984. (Coleção Cultura Paraense. Série Theodoro Braga)

MENEZES, Pedro Ivo. **Arquitetura Sagrada.** São Paulo: Loyola, 2006.

MESGRAVIS, Laimas. **O Brasil nos primeiros séculos.** Rio de Janeiro: Contexto, 1989. (Repensando a História).

MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. Especial expulsão dos jesuítas - Cortados pela raiz. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 122, nov. 2015. Disponível em: http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/especial-expulsao-dos-jesuitas-cortados-pela-raiz. Acesso em: 18.05.2015.

MONDONI, Danilo, Pe; PAIVA, Raul, Pe. **Devocionário e Novena de Santo Inácio de Loyola.** São Paulo: Loyola, 2007.

MONFORT, Luis Maria Grignon de, São. ***Sedes Sapientiae***. 2010. Disponível em: http://alexandriacatolica.blogspot.com.br/search/label/S%C3%A3o%20Filipe%20Neri . Acesso em: 09.04.2015.

MONTEIRO, Benedicto. **História do Pará.** Belém: Ed. Amazônia, 2006.

MORAES, Jose, Pe. **Historia da Companhia de Jesus na extincta provincia do Maranhão e Pará.** Rio de Janeiro : Typ. do Commercio, de Brito & Braga, 1860. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/182934. Acesso em: 12.09.2014

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979

_____. _____. 2. Ed. Brasília: Briquet, 2006.

MOREIRA, David Tiago. **A Companhia de Jesus a Contra-reforma e a Educação.** 2013. Disponível em: http://pt.slideshare.net/davidtiagomoreira/a-companhia-de-jesus-28690636. Acesso em: 08.04.2015.

MOREIRA, Eidorfe. **Os Sermões que Vieira pregou no Pará.** Belém: Imprensa Universitária, 1970.

MOREIRA, Gisele Lopes. Análise do Potencial Arqueoturístico na Comunidade de Moju-PA. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPPAS, 5., 2010, Florianópolis. **Anais ...** Florianópolis, 2010. Disponível em: http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT1-672-672-20100903172011.pdf. Acesso em: 13.12. 2015

MOTA, Jaqueline Ferreira da. **As Representações da sexualidade dos índios das missões do Pará em um manual de confessores tupi de 1751**. 2011. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MUNIZ, João de Palma. **Patrimônio dos Conselhos Municipais do Estado do Pará.** Paris: [s. n.], 1904.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa.** Rio de janeiro : Liv. Acadêmica, 1955, 2T., t. 2.
NAVARRO, E. A. **Dicionário de tupi antigo:** a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013. p. 572.

NAZE, André. **Inácio, Francisco e outros santos jesuítas.** São Paulo: Loyola, 2008.

NEGRÃO, Ana Maria Melo. Resenha da obra FRANCA S. J., Leonel. O método pedagógico dos jesuítas: o *"Ratio Studiorum":* Introdução e Tradução. Rio de Janeiro: Agir, 1952. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 14, May/Aug., 2000.

NEVES NETO, Raimundo Moreira das. **Um patrimônio em contendas:** os bens jesuíticos e a magna questão dos dízimos no Estado do Maranhão e Grão-Pará (1650-1750). 2012. 173 f. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

NISKIER, Arnaldo. Três séculos de colonização. In: ____. **Educação brasileira:** 500 anos de História 1500-2000. São Paulo : Melhoramentos, 1989, p. 40-77.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. **Projeto História.** São Paulo: PUC, 1993, p.7-28.

NUNES, Antonieta D'Aguiar. Educação jesuítica na Bahia colonial: colégio urbano, internato em seminário, noviciado. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL, 2., 2008, Caicó (RN). Anais ... **Mneme** – Revista de Humanidades. UFRN. Caicó (RN), v. 9. n. 24, Set/out. 2008.

OLIVEIRA, Daniel de Lara. **Ciência moderna e newtonianismo no projeto pedagógico de Luís António Verney**. 2011. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A Epopeia jesuítica no Amazonas e sua obra arquitetônica e escultórica. In: PARÁ. Secretaria Executiva de Cultura de Estado. **Feliz Lusitânia:** Museu de Arte Sacra. Belém : SECULT, 2005. p. 77-82. (Série Restauro, 3).

OLIVEIRA, Odaisa. **Vocabulário terminológico cultural da Amazônia Paraense:** com termos culturais da área do Marajó. Belém: Alves, 2010. V. 4

OLIVEIRA, Vítor Amaral de. **Sebástica**: bibliografía geral sobre D. Sebastião. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 2002.

PACHECO, José Carlos Monteiro, SJ. **Simão Rodrigues**: iniciador da Companhia de Jesus em Portugal. Braga, PT: Ed. Apostolado da Oração, 1987.

PAIS, Marco Antonio de Oliveira. **O Despertar da Europa:** A Baixa Idade Média. São Paulo: Atual, 2013.

PAIVA, José Maria de. Educação jesuítica no Brasil colonial. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org). **500 anos de Educação no Brasil.** 5. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 43-60. (Coleção Historia, 6).

PATUZZI, Silvia. **Uma Monarquia em um corpo universal:** a identidade da Companhia de Jesus no tempo de Claudio Acquaviva. 2011. 250 f. Tese (Doutorado)-Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PEDRO, Aquilino de. **Dicionário de termos religiosos e afins.** 6. Ed. Aparecida, SP: Ed. Santuário, 1994.

PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **História da Educação:** de Confúcio a Paulo Freire. São Paulo: Contexto, 2013.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. das G. C. **Docência no ensino superior.** São Paulo: Cortez Ed., 2002

PINTO, Antônio Rodrigues de Almeida. O bispado do Pará. **Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará**. Belém: Instituto Lauro Sodré, t. 5, 1906.

PLA, Josefina. **El Barroco Hispano Guaraní.** Asunción: Editorial del Centenario S.R.L, 1975.

PORTAL DAS PLANTAS. **Ucuuba**. 2016. Disponível em: http://portalhf.forumeiros.com/t259-o-simbolo-da-companhia-de-jesus. Acesso em: 03.09.2016

PORTAL HF. **História da Companhia de Jesus.** 14.02.2013. Disponível em: http://portalhf.forumeiros.com/t259-o-simbolo-da-companhia-de-jesus. Acesso em: 08.03.2015

PROJETO de restauração e adaptação de uso. In: PARÁ. Secretaria Executiva de Cultura de Estado. **Feliz Lusitânia:** Museu de Arte Sacra. Belém : SECULT, 2005. p. 121-143. (Série Restauro, 3).

PUENTES, Roberto V. Educación y Cultura: La Compañia de Jesús como soporte espiritual del proceso colonial em Brasil (1549 – 1600). **Ícone Educacional,** Uberlândia, v. 11, n. 2, p. 75 – 88, 2005.

RAMOS, Jorge. **Marquês de Pombal expulsa os jesuítas do Brasil e extingue o Seminário de Belém**. 2009. Disponível em: http://vapordecachoeira.blogspot.com.br /2009/10/pombal-expulsa-os-jesuitas-do-brasil-e.html. Acesso em: 20.05.2015

REGO, Luiz Felipe Urbieta. **A China dos jesuítas:** o tratado da amizade de Matteo Ricci e sua contribuição para o diálogo cultural entre oriente e ocidente. 2012.158 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

REIS, Anderson Roberti dos. **A Companhia de Jesus no México:** Educação, Bom Governo e Grupos Letrados (séculos XVI-XVII). 2012. 279 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **A Política de Portugal no Valle Amazônico.** 2. Ed. Belém: SECULT, 1993.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org). **500 anos de Educação no Brasil.**5. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.79-94. (Coleção Historia, 6).

RIBEIRO, Maria Luísa Santos. **História da educação brasileira:** a organização escolar. São Paulo: Autores Associados, 2001.

RICHARDSON, R. J.; PERES, J. A. de S. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, Hugo de Oliveira. **O Seminário de Belém:** em comemoração aos sessenta anos de sua última abertura. Belém: [s.n.], 1993.

ROCHA, Ilana Peliciari.**"Escravos da nação":** o público e o privado na escravidão brasileira, 1760-1876. 2012. 331 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

RODRIGUEIRO, Jane. **Tensão e redução na várzea:** as relações de contato entre cocama e jesuítas na Amazônia do século XVII (1644-1680). Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

RODRIGUES, Adriana Freitas Ferreira; SOUZA, Carla Silva de; DIAS, Verônica da Silva. **Renascença Europeia.** 2013. Disponível em: http://pedagogia353.webnode.c

om/contate-nos/. Acesso em: 25.11.2016.

RODRIGUES, Luiz Fernando Medeiros. **As "livrarias" dos Jesuítas no Brasil Colonial, segundo os documentos do Archivum Romano Societatis Iesu**. [2011]. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3840937.pdf. Acesso em: 09.01.2016

ROMA. Igreja Católica. **Decisões do Concílio de Trento**, 1563. Disponível em: http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=concilios&artigo=trento&lang=bra. Acesso em: 08.02.2016

ROSÁRIO, José Ubiratan. **Amazônia, processo civilizatório, apogeu do Grão-Pará.** Belém : UFPA, 1986.

RUCKSTADTER, Flávio Massami Martins. **Padre Serafim Leite (S. J.):** um intelectual entre o Brasil e Portugal no século XX. 2011. 148 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

RUCKSTADTER, Vanessa Campos Mariano. **Luís António Verney e o projeto pedagógico modernizador do reino português:** uma análise do verdadeiro método de estudar (1746). 2012. 263 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

SAINT LOUIS UNIVERSITY (SLU). Pius XII Memorial Library. **Book 3:** *Ratio atque institutio studiorum Societatis Iesu.* 2009. Disponível em: http://jesuiticaheranca.blogspot.com.br/. Acesso em: 02.06.2014.

SALLES, Vicente. O Teatro missioneiro. In: _____. **Épocas do Teatro no Grão-Pará ou apresentação do Teatro de época.** Belém: EDUFPA, 1994. 2T; t. 1, p. 3-6.

SAMPAIO, Aluysio Mendonça. **Senhores e escravos:** a escravidão indígena no Brasil. São Paulo: Cartargo & Forte, 1994.

SAMPAIO, Maria Regina Maneschy Faria. A Universidade e a escola tardia no Brasil: o período colonial. **Revista de Cultura do Pará,** Belém, v. 13, p. 107 – 138.

SANTO, Beato ou Servo de Deus. **Revista Arautos do Evangelho**, n. 48, p. 17, dez. 2005,

SANTOS e mártires da Companhia de Jesus. 2016. Disponível em: http://santosdacompanhiadejesus.blogspot.com.br/. Acesso em: 06.04.2016

SANTOS E SANTAS DE DEUS NAS APARIÇÕES DE JACAREÍ. **31 de julho:** Dia de Santo Inácio de Loyola. 31.07.2015. Disponível em: http://santosesantasdedeus.blogspot.com.br/2012/07/31-de-julho-dia-de-santo-inacio-de.html. Acesso em: 06.04.2016.

SANTOS, Jadilson Pimentel dos. **A Arte e a arquitetura religiosa popular do Antônio Vicente Mendes Maciel, O Bom Jesus Conselheiro.** 2011. 262 f.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SANTOS, Marcílio. **História da Educação no Brasil**: Período Jesuítico (1549-1759). 2014. Disponível em: http://pt.slideshare.net/marciliosampaiosantos/2-perodo-jesutico. Acesso em: 01.12.2015

SÃO BENTO, Viviane M. Caminha. Entre triagas e emplastros: os medicamentos das boticas jesuítas na América portuguesa. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 16., 2014, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos ...** Rio de Janeiro: ANPUH, 2014. 1cd.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 4. Ed. Campinas : Autores Associados, 2013. (Coleção Memória da Educação).

SCHNEIDER, Dário. **Tradição jesuítica:** educação, identidade e sentimento de pertencimento em uma história de vida no Colégio Anchieta. 2013. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SECO, Ana Paula; AMARAL, Tânia Conceição Iglesias do. **Marquês de pombal e a reforma educacional brasileira.** 2006. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo_pombalino_intro.html. Acesso em: 02.07. 2015.

SEFFNER, Fernando. **Da Reforma à Contra-Reforma:** o cristianismo em crise. 10. Ed. São Paulo: Atual, 1993.

SERRÃO, Joel. **Dicionário de História de Portugal.** Lisboa: Iniciativas ed., 1965.

SHANLEY, Patrícia; MEDINA, Gabriel. **Frutíferas e plantas úteis na vida amazônica**. Belém: CIFOR, Amazon, 2005.

SHIGUNOV NETO, Alexandre. **História da Educação brasileira:** do período colonial ao predomínio das políticas educacionais neoliberais. São Paulo: Salta, 2015.

SILVA, Antônio de Moraes. **Diccionario da Lingua Portugueza.** 6. ed. Melhorada e muito acrescentada pelo desembargador Agostinho de Mendonça Falcão. Lisboa : Typ. de Antônio José da Rocha, 1858. 2 T., t. 2.

SILVA, Francisco Gomes. **O V Império amazônico cresce.** 2015. Disponível em: http://www.franciscogomesdasilva.com.br/o-v-imperio-amazonico-cresce/. Acesso em: 20.04.2016

SILVA, Gabriela Maria Costa da. **Política e Fé:** A Missão Religiosa no Brasil Holandês. 2012. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Luis Antonio Gonçalves da. As Bibliotecas dos jesuítas: uma visão a partir da obra de Serafim Leite. **Perspectiva em Ciência da Informação,** v. 13, n. 2, p. 219-237, maio/ago. 2008.

SILVA, Marcos Eduardo Vitorino da. **Os Aldeamentos jesuíticos na Capitania do Rio de Janeiro:** dois estudos de caso. 2012. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

SOARES, Ari. **Um breve histórico da Vila do Conde.** 2015. Disponível em: http://aribarcarenagmailcom.blogspot.com.br/2015/06/um-breve-historico-da-vila-do-conde_14.html. Acesso em: 12.12. 2015.

SOBRAL, Maria de Lourdes. **As Missões religiosas e o barroco no Pará.**Belem : Ed. Da UFPA, 1986.

SOEIRO, Jose Ildone Favacho. **Cem anos de educação a Vigia em seu barão.** Belem : IOE-PA, 2002.

SOLIMEO, Plinio Maria. **Santos fundadores de Ordens e Congregações religiosas.** São Paulo: Art Press, 2005.

SOUSA, Carolina Vasconcelos de. **Igreja de Santo Alexandre:** Marco da Arquitetura Colonial de Belém. 2013. Disponível em: http://percorrendobelem.blogspot.com.br/2014/02/igreja-de-santo-alexandre-marco-da.html. Acessado em: 10.03.2016

SOUZA, Geraldyne Mendonça de. **Sociedade, educação, costumes:** O olhar religioso de Leonel Franca, S. J. 2009. Disponível em: http://historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=203. Acesso em: 17.05.2014.

SOUZA JÚNIOR, José Alves de. **Tramas do cotidiano:** religião, política, guerra e negócios no Grão-Pará dos setecentos. Um estudo sobre a Companhia de Jesus e a política pombalina. 2009. 425 f. Tese (doutorado) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

STEPHANIE, Cristiene. **Jesuítas e a educação.** 2015. Disponível em: http://pt.slideshare.net/CristieneStephanie/jesuc3adtas20e20a20educac3a7c3a3o201. Acesso em: 09.04.2015.

SUBSÍDIOS para a história da restauração da Companhia de Jesus no Brasil, por ocasião do seu 1° Centenário (1842 – 1862 – 1942). São Paulo: Of. Siqueira, 1942.

TENDA Mamã. **Nicolau Bobadilla.** 15.06.2006. Disponível em: http://mosquitos2.blogspot.com.br/2006/06/um-jesuta-por-dia-nem-sabe-o-bem-que_15.html> Acesso em: 05.04.2015.

TOLEDO, Caio Alves de. Jesuítas. In: _____. **Dicionário Universal de Curiosidades.** São Paulo: Com. Imp. Livros, 1964. 4V., v. 3, p. 818.

UMBUZEIRO, Antônio Ubirajara Bogéa; UMBUZEIRO, Ubirajara Marques. **Altamira e sua história.** 4. Ed. rev. e ampl., Belém: Ponto Press, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Pró-Reitoria de Relações Internacionais. **Projeto Memorial do Livro Moronguetá,** Belém, 2012.

VAINFAS, Ronaldo (dir.). **Dicionário do Brasil colonial (1500-1808).** Rio de janeiro : Objetiva, 2000.

VEIGA, Cláudio. **Castro Alves:** guia da catedral. São Paulo: Ed. GDR, 2006.

VIANNA, Artur. A Biblioteca e Arquivo Público [do Pará]: resumo histórico. **Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará**. Belém: Instituto Lauro Sodré, t. 1, n. 1, 1902. Acervo Annunciada Chaves.

VIEIRA, Antônio, Pe. Regimento das missões do Estado do Maranhão e Grão-Pará, de 21 de dezembro de 1686. In: MATTOS, Yllan (coment.); VAINFAS, Ronaldo (Orient). Regimento … **Revista 7 mares**, v. 1, n. 1, out. 2012. Disponível em: http://www.historia.uff.br/7mares/wp-content/uploads/2014/04/v 01n01a142.pdf. Acesso em: 05.07.2015

_____. **História do Futuro.** Belém: SECULT; IOE-PA; PRODEPA, 1998.

_____. Sermão de Santo Inácio. In: VIEIRA, Antônio, Pe. **Antologia de Sermões.** Porto: Editor Nacional. 1939.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. **A Educação destinada a algumas crianças do Piauí (1730-1859)**. 2011. 183 f. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduados emEducação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

WIKIPEDIA. **Afonso Salmerón.** 2016a. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/ Afonso_Salmer%C3%B3n. Acesso em: 06.04.2016.

_____. **Diego Lainez.** 2016b. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Diego_Laynez. Acesso em: 06.04.2016.

WITTMANN, Luisa Tombini. **Flautas e maracás:** música nas aldeias jesuíticas da América portuguesa (séculos XVI-XVII). 2011. 312 f. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduados em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

XAVIER, Newton da Rocha. **No solo regado a sangue e suor:** a cartografia da província jesuítica do Paraguai (século XVIII). 2012. 164 f. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ZANIBONI, Paulo Andre Moreira. **A Transferência do Colégio das artes aos jesuítas:** a atuação de D. João III à margem do pressuposto da personalidade (1540-1557). 2011. 230 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.